



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

A pertinência da introdução de materiais não estruturados numa sala de JI

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

2023, Inês Maria Baptista Damas



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Inês Maria Baptista Damas

A pertinência da introdução de materiais não estruturados numa sala de JI

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico,
apresentado ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior
de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação do(a) Professor(a) Doutora Ana Maria Sarmento Coelho

março, 2023

Agradecimentos

No decorrer desta caminhada guardo no coração palavras, momentos e pessoas que me acompanharam e me ajudaram a crescer, tanto pessoal como profissionalmente. Dessa forma, agradeço em particular:

À minha orientadora, professora Ana Coelho, pela partilha de saberes e pelo tempo disponibilizado.

A toda a equipa docente da Escola Superior de Educação de Coimbra, pelos conhecimentos e aprendizagens transmitidos, que me permitiram crescer tanto a nível pessoal como profissional.

À minha colega de estágio, Joana Costa, pela cumplicidade, compreensão e por todos os desafios ultrapassados juntas.

À educadora cooperante por me acolher na sua sala e por todas as experiências vivenciadas. Obrigada pela amizade e pela sinceridade.

À professora Isabel Borges, minha supervisora, que se mostrou sempre disponível e incansável em todas as minhas dúvidas. Obrigada pela motivação e acompanhamento.

A todas as equipas educativas das várias instituições por onde passei, pelas aprendizagens e exemplos que retirei.

A todas as crianças e famílias que permitiram e colaboraram neste projeto, bem como a todas as pessoas que me facultaram os diversos materiais não estruturados.

A toda a minha família, especialmente aos meus pais e irmão por serem os meus pilares, por não me deixarem desmotivar e por todas as palavras nas horas certas.

À Liliana e à Carolina por todos os conselhos e pelo apoio incondicional que sempre me deram.

À Zezinha por todas as noites que me acolheu no seu quarto e por todos os conselhos que me deu, que nunca permitiram que eu desistisse.

À Sara e à Dra. Alexandra por me ajudarem a ver sempre o lado positivo de cada situação e por mostrarem que afinal tudo é possível.

Por fim, mas não menos importante, obrigada ao meu namorado por todo o apoio e amor que me transmitiu ao longo de todo este projeto.

A todos vocês, muito obrigada!

A pertinência da introdução de materiais não estruturados numa sala de JI

Resumo: O presente relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Prática Educativa I e tem como finalidade a obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Refere-se ao estudo de caso desenvolvido num grupo de seis crianças, de quatro e cinco anos de idade, numa sala de JI muito desprovida de materiais diversificados e não estruturados, pelo que senti necessidade de trazer materiais diferentes, que fossem ao encontro das necessidades e interesses das crianças e as estimulassem para aprendizagens mais ricas e significativas.

Este relatório foi feito de forma a analisar crítica e reflexivamente os níveis de implicação e de bem-estar destas crianças ao manipularem materiais não estruturados.

Em termos metodológicos recorri a diferentes técnicas e instrumentos de recolha de dados – o diário de bordo, os registos fotográficos, as entrevistas e as grelhas de observação com indicadores relativos aos níveis de implicação e de bem-estar antes, durante e no final da minha intervenção.

Este projeto de intervenção permitiu-me compreender a importância que estes materiais têm no desenvolvimento global das crianças, do seu bem-estar e da sua implicação e perceber que estes materiais potencializam na criança maior interesse, criatividade, autonomia e curiosidade, bem como aumentam a interação entre pares.

Palavras-chave: materiais não estruturados; nível de implicação, nível de bem-estar

The relevance of introducing unstructured materials into an IF room

Abstract: This report was prepared within the framework of the Educational Practice Curriculum Unit and its purpose is to obtain a master's degree in Preschool Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education.

Refers to the case study developed in a group of six children, aged four and five years, in a JI room very devoid of diversified and unstructured materials, so I felt the need to bring different materials to meet the needs and interests of children and encourage them to learn richer and more meaningful.

This report was made in order to critically and reflexively analyze the levels of implication and well-being of these children by manipulating unstructured materials.

In methodological terms, I have made use of different data collection techniques and tools - logbook, photographic records, interviews and observation grids with indicators of the level of implication and well-being before, during and at the end of my intervention.

This intervention project allowed me to understand the importance that these materials have in the overall development of children well-being and implication and to realize that these materials enhance the child's greatest interest, creativity, autonomy and curiosity, as well as increase peer interaction.

Keywords: unstructured materials; level of involvement, level of well-being

Sumário

INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
1. Respeitar o tempo e espaço de cada criança	6
1.1. Estímulos a mais	7
2. Importância do brincar	8
2.1. Materiais não estruturados na Educação Pré-Escolar	10
2.2. Atividades Pedagógicas	11
3. O papel do adulto	12
4. Organização do Ambiente Educativo	13
4.1. Seleção dos materiais	16
5. Criatividade, Construtividade e Criação	17
PROJETO DE INTERVENÇÃO	19
6. Enquadramento do estudo	20
6.1. Objeto de estudo	20
6.2. Questões e objetivos da intervenção	20
6.3. Caracterização do contexto educativo	21
6.4. Participantes	21
7. Metodologia do estudo	22
7.1. Instrumentos e técnicas de recolha de dados	23
7.1.1. Observação	24
7.1.2. Diário de Bordo	24
7.1.3. Registos fotográficos e audiovisuais	25
7.1.4. Entrevistas	25
7.1.5. Grelhas de Observação	26
7.2. Estratégias de intervenção pedagógica	28
7.3. Questões Éticas	34
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	35
8. Antes da Intervenção	36
8.1. Caracterização geral do grupo	36
8.2. Análise e reflexão em torno do grupo e contexto	40

8.3. Caracterização individual de cada criança	42
8.4. Definição de objetivos e iniciativas dirigidas ao contexto	48
9. Durante a Intervenção	49
9.1. Reflexão e avaliação individual de cada criança.....	49
9.1.1. Criança 1	49
9.1.2. Criança 2	51
9.1.3. Criança 3	52
9.1.4. Criança 4	54
9.1.5. Criança 5	55
9.1.6. Criança 6	56
10. Depois da intervenção	58
10.1. Avaliação da implementação das iniciativas.....	58
10.2. Avaliação global da intervenção	59
10.3. Experiência vista pelos intervenientes	60
10.3.1. Experiência vista pelas crianças	61
10.3.2. Experiência vista pelos adultos	66
10.3.2.1. Educadora Cooperante	66
10.3.2.2. Assistentes Operacionais	67
10.3.2.3. Famílias	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXOS.....	83
APÊNDICES	85

Lista de Abreviaturas

1. **AAAF** (ATIVIDADES DE ANIMAÇÃO E APOIO À FAMÍLIA)
2. **AO** (ASSISTENTES OPERACIONAIS)
3. **CEB** (CICLO DO ENSINO BÁSICO)
4. **EC** (EDUCADORA COOPERANTE)
5. **EPE** (EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR)
6. **ESEC** (ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE COIMBRA)
7. **JI** (JARDIM DE INFÂNCIA)
8. **ME** (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO)
9. **MEPE1CEB** (MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO)
10. **OCEPE** (ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR)
11. **ONU** (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS)
12. **UC** (UNIDADE CURRICULAR)

Lista de Figuras

FIGURA 1 ESPAÇO INTERIOR (SALA).....	28
FIGURA 2 ESPAÇO EXTERIOR.....	28
FIGURA 3 FEEDBACK DA MÃE DA CRIANÇA 6	84
FIGURA 4 MATERIAIS EXPOSTOS NO PRIMEIRO DIA.....	86
FIGURA 5 CAPA DO LIVRO "NÃO É UMA CAIXA"	86
FIGURA 6 A CRIANÇA 6 A INICIAR A CONSTRUÇÃO DE UM HOTEL	87
FIGURA 7 CAPA DO LIVRO "O PEQUENO INVENTOR"	87
FIGURA 8 CONTINUAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DO HOTEL	88
FIGURA 9 A CRIANÇA 6 COM UM COLAR	88
FIGURA 10 RELATÓRIO FINAL DA CONSTRUÇÃO DO COMPUTADOR	88
FIGURA 11 PLANEAMENTO DO FOGÃO E DO FORNO	89
FIGURA 12 CONSTRUÇÃO DO FOGÃO E DO FORNO	89
FIGURA 13 AS CRIANÇAS 3 E 4 A BRINCAREM COM AS CAIXAS DE CARTÃO.....	90
FIGURA 14 A CRIANÇA 2 A BRINCAR NA PISTA QUE CONSTRUIU	90
FIGURA 15 A CRIANÇA 3 A BRINCAR COM O GELADO QUE CONSTRUIU.....	90
FIGURA 16 A CRIANÇA 3 A BRINCAR COM A GUITARRA QUE CONSTRUIU	91
FIGURA 17 A CRIANÇA 3 COM O SEU "COPO DE VINHO"	91
FIGURA 18 COLARES FEITOS COM FIO E CD'S PELAS CRIANÇAS 4 E 5.....	92
FIGURA 19 AS CRIANÇAS 4 E 5 DE FORMA COLABORATIVA.....	92
FIGURA 20 AS CRIANÇAS 3, 4 E 6 A BRINCAREM AOS COMBOIOS	92
FIGURA 21 A CRIANÇA 6 A CONSTRUIR UM COMBOIO.....	92
FIGURA 22 AS CRIANÇAS 4 E 7 COM PERUCAS FEITAS DE LÃ	93
FIGURA 23 A CRIANÇA 3 (O REI) EM TELETRABALHO.....	94
FIGURA 24 A CRIANÇA 4 (A RAINHA) A COLOCAR O CÓDIGO PARA ENTRAR EM SUA CASA	94
FIGURA 25 A CRIANÇA 6 FELIZ COM A CONSTRUÇÃO DA SUA ROLDANA	95
FIGURA 26 A CRIANÇA 8 A CONSTRUIR O SEU COMPUTADOR	95
FIGURA 27 A CRIANÇA 6 A COLOCAR O TUBO NA PISCINA	96
FIGURA 28 A CRIANÇA 6 A CONSTRUIR A PRANCHA NA SUA PISCINA	96
FIGURA 29 A CRIANÇA 5 A FAZER UMA CONSTRUÇÃO COM MATERIAIS DIVERSOS	97
FIGURA 30 CONSTRUÇÃO DO COMBOIO FEITA PELA CRIANÇA 3	97
FIGURA 31 A CRIANÇA 2 A COLOCAR ROLHAS DE CORTIÇA DENTRO DE UMA CAIXA DE OVOS	98
FIGURA 32 A CRIANÇA 2 A PARTILHAR AS "PIPOCAS" COM OS AMIGOS.....	98
FIGURA 33 A CRIANÇA 3 A BRINCAR COM O SEU "TABLET"	98
FIGURA 34 A CONSTRUÇÃO DO ESCORREGA DO HOTEL	98
FIGURA 35 A CAIXA FEITA COM PAPEL PELA CRIANÇA 6	98
FIGURA 36 O "HOTEL DOS SONHOS" COM DUAS PISCINAS, UMA ANTENA E UMA VEDAÇÃO.....	99
FIGURA 37 AS CRIANÇAS 4 E 7 A DAREM UM PEQUENO CONCERTO	99
FIGURA 38 CAPA DO LIVRO "O QUE VAMOS CONSTRUIR?"	100
FIGURA 39 DIVERSOS TECIDOS (NOVO MATERIAL)	101
FIGURA 40 ALGUMAS CRIANÇAS A EXPLORAREM DE DIFERENTES FORMAS OS TECIDOS.....	101
FIGURA 41 CONSTRUÇÃO FEITA COM OS BLOCOS DE MADEIRA	102
FIGURA 42 CONSTRUÇÃO DE UMA PEQUENA CIDADE COM CAIXAS DE CARTÃO.....	102

FIGURA 43 AS CRIANÇAS 1, 4 E 9 A CONSTRUÍREM UMA CABANA	103
FIGURA 44 A CONSTRUÇÃO DE UMA CASA COM CAIXA DE CORREIO	104
FIGURA 45 LABORATÓRIO DENTRO DA SALA	104
FIGURA 46 AS CRIANÇAS 3 E 6 A CONSTRUÍREM UMA SECRETÁRIA E UM TELHADO	105
FIGURA 47 AS CRIANÇAS A MANIPULAREM OS MATERIAIS NÃO ESTRUTURADOS	105
FIGURA 48 AS CRIANÇAS A PINTAREM ALGUNS DOS MATERIAIS NÃO ESTRUTURADOS	106
FIGURA 49 PLANTA DA SALA.....	125
FIGURA 50 PLANTA DA SALA COM REFERÊNCIA ÀS ÁREAS.....	126

Lista de Tabelas

TABELA 1 DIVISÃO DO N.º DE CRIANÇAS POR SEXOS.....	22
TABELA 2 NÚMERO DE CRIANÇAS POR IDADES.....	22
TABELA 3 ESQUEMATIZAÇÃO DA SALA	30
TABELA 4 LISTA DOS DIAS EM OBSERVAÇÃO	33
TABELA 5 CARATERIZAÇÃO GERAL DO GRUPO.....	38
TABELA 6 ANÁLISE INDIVIDUALIZADA DA CRIANÇA 1.....	42
TABELA 7 ANÁLISE INDIVIDUALIZADA DA CRIANÇA 2.....	43
TABELA 8 ANÁLISE INDIVIDUALIZADA DA CRIANÇA 3.....	44
TABELA 9 ANÁLISE INDIVIDUALIZADA DA CRIANÇA 4.....	45
TABELA 10 ANÁLISE INDIVIDUALIZADA DA CRIANÇA 5.....	46
TABELA 11 ANÁLISE INDIVIDUALIZADA DA CRIANÇA 6.....	47
TABELA 12 NÍVEIS DE BEM-ESTAR E IMPLICAÇÃO ANTES E NO FIM DA INTERVENÇÃO	60
TABELA 13 ÁREA QUE AS CRIANÇAS GOSTARAM MAIS DE BRINCAR	61
TABELA 14 JUSTIFICAÇÃO DE GOSTAREM DE BRINCAR NESTA NOVA ÁREA.....	61
TABELA 15 O QUE MAIS GOSTARAM DE BRINCAR NAS CONSTRUÇÕES.....	63
TABELA 16 PERCEÇÃO SOBRE A EXPLORAÇÃO DESTES MATERIAIS EM SUAS CASAS	63
TABELA 17 PERCEÇÃO DO NOVO ESPAÇO (NUMA PALAVRA).....	64
TABELA 18 OPINIÃO SOBRE O ESPAÇO	65
TABELA 19 PERTINÊNCIA DA UTILIZAÇÃO DOS MATERIAIS NÃO ESTRUTURADOS NO JI	67
TABELA 20 PERCEÇÃO DA REAÇÃO DO GRUPO AO NOVO ESPAÇO	67
TABELA 21 PERCEÇÃO DO BALANÇO DA MINHA INTERVENÇÃO.....	68
TABELA 22 OPINIÃO GERAL SOBRE O PROJETO	68
TABELA 23 GRELHAS DE OBSERVAÇÃO DOS NÍVEIS DE IMPLICAÇÃO E BEM-ESTAR.....	124
TABELA 24 ANÁLISE DO GRUPO.....	129
TABELA 25 ANÁLISE DO CONTEXTO.....	130
TABELA 26 DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS E INICIATIVAS DIRIGIDAS AO CONTEXTO	132

INTRODUÇÃO

Todos nós já fomos crianças e brincámos, mas por vezes, com a correria e exigência que a vida nos vai trazendo, acabamos por nos esquecer da liberdade e sensação de felicidade que o brincar proporciona.

Já muitas vezes fui surpreendida pelo tempo que uma criança passa a brincar com uma simples caixa ...

Por norma, as crianças gostam de brincar com objetos que lhes permitam dar largas à sua imaginação e criatividade...objetos não estruturados... para poder haver um constante reinventar da forma de brincar.

O importante é proporcionarmos às crianças tempo e espaço com coisas simples, mas que proporcionem oportunidades reais e concretas, para brincarem, crescerem e principalmente para serem crianças felizes.

Este relatório final resulta de um projeto de intervenção realizado no ano letivo 2020/2021 no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, na Unidade Curricular (UC) de Prática Educativa I, da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), para obtenção do grau de mestre.

No decorrer do estágio em jardim de infância, a partir da observação atenta à forma como as crianças utilizavam o espaço e os materiais da sala, percebi que o contexto educativo não era muito “rico” em materiais. Comecei por fazer uma análise dos materiais e dos espaços que o meu centro de estágio proporcionava às crianças, que eram pobres em diversidade, qualidade e quantidade. A partir daí despertou em mim o interesse em compreender de que forma os materiais não estruturados poderiam influenciar e o nível de implicação e bem-estar destas crianças, visto que de uma forma geral o grupo manifestava baixos níveis de implicação e bem-estar na manipulação dos materiais existentes em sala, nos quais se fixavam por curtos espaços de tempo.

Ao longo do projeto de intervenção, por se tratar de um estudo de caso, trabalhei apenas com seis das vinte e cinco crianças do grupo, com idades compreendidas entre os quatro e cinco anos.

A fim de estruturar este relatório, optei por dividi-lo em três partes principais, o Enquadramento Teórico, o Projeto de Intervenção e a Apresentação e Análise de Dados.

O Enquadramento Teórico, surge subdividido em cinco partes, sendo a primeira sobre o respeito do tempo e espaço da criança, mais especificamente uma breve análise aos estímulos a mais que as crianças vivenciam. Na segunda reflito sobre a importância

do brincar, mais concretamente sobre a utilização de materiais não estruturados na EPE e os tipos de atividades pedagógicas que se podem desenvolver neste contexto. Na terceira parte, apresento o papel do adulto. Na quarta a organização do ambiente educativo, especificando a seleção dos materiais que deve ser feita antecipadamente. E por fim, na última parte refiro-me a três conceitos chave, a criatividade, a construtividade e a criação.

No Projeto de Intervenção fiz um breve enquadramento do estudo, em que refiro o objeto de estudo, os objetivos e questões de investigação, faço a caracterização geral do contexto educativo e dos participantes e descrevo as metodologias do estudo, instrumentos e técnicas de recolha de dados utilizadas.

Na Apresentação e Análise de Dados fiz a contextualização da observação antes, durante e no fim da minha intervenção. Antes da intervenção fiz uma caracterização geral e individual de cada criança, do grupo e do contexto, defini objetivos e iniciativas de mudança. Durante a intervenção, faço uma reflexão detalhada de cada uma das seis crianças relativamente aos níveis de bem-estar e implicação, em que relaciono as principais vivências de cada uma na manipulação dos materiais não estruturados, com as suas características individuais e com algumas respostas significativas recolhidas ao longo das entrevistas. Depois da intervenção faço uma avaliação global da intervenção, em que comparo os valores dos níveis de bem-estar e implicação antes e no fim da intervenção e partilho a experiência vista por parte das crianças e adultos envolvidos neste projeto.

Apresento as Considerações Finais, onde reflito sobre as aprendizagens alcançadas no decorrer da implementação deste projeto.

Por fim, apresento as referências bibliográficas referentes às obras consultadas, e os apêndices que completam e complementam o meu relatório e suportam algumas descrições e análises realizadas.

ENQUADRAMENTO TÉORICO

“A infância deve ser vivida no seu tempo, com tudo de maravilhoso que essa etapa possui: a imaginação, a brincadeira, o significado do mistério, a inocência, (...)”

(L’Ecuyer, 2016, p.97)

1. Respeitar o tempo e espaço de cada criança

Um dos maiores erros que cometemos é considerarmos as crianças como pequenos adultos, que se estão a desenvolver para se tornarem alguém no futuro, desvalorizando desta forma o processo (a infância), o momento presente, e priorizando o produto final, o futuro.

Para Araújo (2009) “seria necessário compreender o processo e o significado das aprendizagens do ponto de vista das crianças. Precisamos de, nos nossos tempos de adultos “apressados”, parar para pensar no que andamos a fazer às crianças, pois o tempo da infância é um tempo que já não volta atrás. É através do respeito pelo tempo das crianças que lhes mostramos o quanto com elas nos preocupamos. Se escolarizarmos precocemente estes seus tempos, se não resistirmos à homogeneização do tempo livre, criando uma verdadeira ética do tempo livre, um tempo que tem de ser vivido e não medido pela sua utilidade, estaremos a prestar um mau serviço às crianças e, por consequência, a toda a comunidade” (p.45).

As crianças precisam de tempo e espaço para construírem uma compreensão da realidade, sendo crucial que ocorra ao ritmo de cada criança. É tão ou mais importante reservar tempo para observar as crianças, contendo a vontade de intervir e dessa forma dar tempo e espaço à criança para desfrutar de momentos só seus. A promoção da autorregulação durante a infância assume-se como um importante objetivo educativo, que só pode ser alcançado através de momentos em que a criança tem a oportunidade para desenvolver interesses e iniciativas, sem necessitar constantemente de estímulos ou reforço externo (Bilton, Bento & Dias, 2017).

L’Ecuyer (2016) destaca que o silêncio é uma parte muito importante da aprendizagem e é necessário para a reflexão, uma das qualidades que caracteriza o ser humano. “O barulho não só ensurdece, como também cala as perguntas que surgem da curiosidade perante a observação da realidade. Para aprender não é necessário apenas

receber informações, também é necessário consolidá-las, interiorizá-las. E para isso é preciso ter espaços de silêncio (...)” (p.106).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (Ministério da Educação, 2016), o reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e agente do processo educativo, isto é, partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que a criança possa desenvolver todas as suas potencialidades. É fundamental que a criança tenha tempo para brincar, para explorar esses espaços e materiais, bem como o/a educador/a deve integrar esse tempo na sua planificação curricular (Horta, 2016).

Nós, enquanto adultos, devemos respeitar as características individuais de cada criança, e isso só é possível se lhes permitirmos uma participação ativa, na organização e no desenvolvimento das diferentes atividades desenvolvidas. Para que essa participação surja é essencial a existência de uma estruturação espaço temporal bem definida e explícita, que lhes permita um funcionamento autónomo. (Cardona, 1999, p.137) Nós, como adultos, temos sobretudo de acompanhá-las como “parceiros mais experientes” e proporcionar-lhes um ambiente favorável para a descoberta. (L’Ecuyer, 2016, p.17)

Os direitos da criança precisam ser repensados pelos profissionais de educação, nomeadamente, na forma como se perspetivam a criança, a sua educação e os seus direitos, sendo essencial a forma como se pensam as práticas pedagógicas, se identificam os problemas e se delineiam os caminhos para a sua transposição. (Tomás, 2017)

1.1. Estímulos a mais

Quando expomos uma criança a estímulos externos, de tal maneira que estes superam a sua curiosidade, anulamos a sua capacidade de se motivar por si mesma. Substituir o que move a criança é anular a sua vontade. A criança acaba por se acomodar e não é capaz de se encantar nem de se espantar com nada, o seu desejo está bloqueado. Em alguns casos, a sua dependência da superestimulação fará com que procure sensações cada vez mais fortes, com as quais também se acostumará, o que a poderá levar a uma situação de apatia permanente, de falta de desejo e tédio. “A superestimulação substitui o motor da criança e anula a sua capacidade de curiosidade, de criatividade, de

imaginação.” (L’Ecuyer, 2016, p.45) Nas palavras de L’Ecuyer (2016), citando Tomás de Aquino (s.d.) “A admiração é o desejo de conhecimento”.

Segundo L’Ecuyer (2016), “a forma mais directa e eficaz de matar a curiosidade das crianças é dar-lhes tudo o que elas querem, sem lhes dar, ao menos, a oportunidade de desejar.” (p.69) A falta de limites, em conjunto com o consumismo frenético existente, faz com que as crianças deem tudo por adquirido e simultaneamente destrói-lhes a sua curiosidade. Pensam que as coisas são necessariamente como elas as fazem, atitude contrária à curiosidade. Ou, pior ainda, pensam que as coisas e as pessoas devem comportar-se sempre como elas querem. “Todas as coisas valiosas requerem tempo. Se esperarmos por elas, se as desejarmos, reconhecemos o esforço realizado, usufruímos mais delas. Surpreendemo-nos diante da sua existência.” (L’Ecuyer, 2016, p.69)

L’Ecuyer (2016) salienta que a curiosidade dá sentido à rotina, no entanto, “(...) com tanta estimulação, tanta invasão de barulhos alheios, afogamos a curiosidade necessária para que a criança e depois o adolescente possam interiorizar o que aprenderam, aprofundar os conhecimentos, escutar, acolher, estar atentos às necessidades dos outros, olhar nos olhos, pensar nas consequências das suas ações, discernir, ponderar, refletir sobre o sentido do que se faz.” (p.105) Quando recebemos uma sobrecarga de estímulos de várias fontes, não nos focamos bem em todos, pois dividimos a nossa atenção entre eles. Neste sentido, as crianças têm não só uma menor capacidade de concentração, como também uma menor capacidade de aproveitar o momento presente. As crianças recebem passivamente a informação, mas não estão ativamente na expectativa dela. “O ruído contínuo faz com que não tenha interioridade própria, motivo pela qual ficar consigo mesma parece algo insuportável e caminha em busca de barulho e de novas sensações para aliviar essa sensação de vazio.” (L’Ecuyer, 2016, p.104)

2. Importância do brincar

De acordo com a Declaração dos Direitos da Criança (ONU, 1959), a criança deve ter a oportunidade para brincar e a sociedade e as autoridades públicas devem empenhar-se para a promoção e usufruto deste direito.

Para Araújo (2009), brincar é uma experiência criativa e imaginativa e, por vezes, o recuo da criatividade nas crianças está associado à limitação da liberdade de brincar.

“Nesta situação, entende-se por liberdade a possibilidade de escolha, a capacidade de concentração que exige, a mobilização, a imaginação, a ficção, a gratuidade, as condições socio-espaciais, a possibilidade de criar relações e, acima de tudo, o prazer.” (Araújo, 2009, p.133)

Muitos investigadores e educadores acreditam que a experiência do brincar é a maneira ideal de desenvolver a criatividade e imaginação. As crianças ficam livres para experimentar novas ideias no brincar e podem-se expressar à sua própria maneira, especialmente no jogo simbólico, em que podem inventar papéis e criar uma história, guiadas livremente pela sua imaginação. (Moyles, s.d.)

Horta (2016) acredita que enquanto educadores de infância, a melhor forma de contribuímos para uma infância feliz é através de dois aspetos fundamentais: o brincar e o afeto, que estão diretamente relacionados com a intencionalidade educativa e a promoção de aprendizagens significativas e desafiadoras para a criança. Esta autora acredita que é através do brincar que as crianças se conseguem desenvolver ao nível intelectual e emocionalmente.

Neto (2020) defende que o brincar é um comportamento de escolha livre e os seus benefícios são muito significativos, em termos de capacidade adaptativa (motora, cognitiva, emocional e social), cultura de sobrevivência, confronto com a adversidade, regulação emocional, autoconfiança, relação social e de ganhos significativos de competências motoras, cognitivas e sociais. Por sua vez, “a privação do brincar e do ser ativo pode provocar um menor desenvolvimento de áreas importantes do córtex pré-frontal e dificultar a edificação de um cérebro pró-social, essencial, entre outras coisas, para adequadas tomadas de decisão.” (Neto, 2020, 1p.40)

Coelho (2017) acredita que que é através do brincar que as crianças conseguem alcançar uma condição de bem-estar emocional desejada, bem como é uma forma natural de aprenderem. É importante percebermos que a criança “não brinca para aprender; aprende porque brinca” (Araújo, 2009, p.14), pois são as pequenas coisas que motivam a criança a aprender, a satisfazer a sua curiosidade e a ser autónoma para entender os mecanismos naturais dos objetos que a rodeiam por meio da sua experiência. Desta forma, o brincar é visto como um meio através do qual as crianças conhecem e dão sentido ao mundo que as rodeia, se sentem em controlo, expressam as suas perspetivas,

analisam as experiências, resolvem problemas e ainda desenvolvem competências sociais e cognitivas.

2.1. Materiais não estruturados na Educação Pré-Escolar

Na EPE, materiais não estruturados são objetos cativantes e agradáveis e que, ao brincar, “as crianças podem mover, manipular, controlar e modificar.” (Daly & Beloglovsky, 2015, p.3). Estes materiais têm infinitas possibilidades de brincar e permitem múltiplos resultados e não apenas um só. Não são acompanhados de um conjunto de instruções e não é indispensável que tenham apenas um resultado. Ao contrário de um puzzle, em que as peças têm de encaixar de determinada maneira para produzir uma única imagem, estes materiais podem ser reunidos de muitas maneiras. Os materiais não estruturados podem ser separados e juntos de novo, combinados com outros materiais, transformados no que quer que seja que a criança imagine. (Daly & Beloglovsky, 2015)

“Loose parts give children the freedom to develop their play experiences based on their ideas and goals, rather than the play being predetermined by the materials or surroundings (Änggård, 2011). This means that the materials do not dictate the type of play children engage in. Children create play episodes based on their past experiences, curiosity, creativity, and new ideas.” (Flannigan & Dietze, 2017, p. 54)

Materiais não estruturados referem-se a qualquer material que possa ser movido, transportado, empilhado ou alterado. As crianças podem transportar, juntar, reorganizar, enfileirar, separar e voltar a pôr estes materiais de formas quase infinitas.

Estes materiais podem incluir materiais naturais, como paus, pedras, água, folhas e areia, ou materiais reciclados, como caixas de cartão, cordas, tecidos, tubos, entre outros. (Law & Leichter-Saxby, 2015, p.3) Os materiais não estruturados não têm um fim estabelecido, com a experiência, as crianças podem adaptá-los para serem usados de diferentes possibilidades. Estas peças oferecem às crianças oportunidades para brincadeiras não estruturadas que não são dominadas por adultos e criam ambientes mais ricos para as crianças brincarem, dando-lhes recursos de que necessitam para fazerem o que pretendem (Casey & Robertson, 2016).

Cada vez mais estudos sobre o desenvolvimento infantil estão a demonstrar que o jogo livre é de extrema importância para o bem-estar e desenvolvimento das crianças. Estes materiais são direcionados apenas pela imaginação de cada criança. (Law & Leichter-Saxby, 2015) “Children need environments they can manipulate and where they can invent, construct, evaluate and modify their own constructions and ideas through play.” (Casey & Robertson, 2016, p.6)

Quando as crianças interagem com estes materiais entram num mundo de “o que acontecerá se”, que promove o tipo de pensamento que conduz à resolução de problemas e raciocínio teórico. Neste sentido, a manipulação destes materiais melhora a capacidade das crianças de pensarem de forma criativa e trazem um sentido de aventura e emoção às suas brincadeiras (Daly & Beloglovsky (2015). Estes objetos propiciam conversas e interações, encorajando a colaboração e a cooperação. Dito de outro modo, as peças soltas promovem competências sociais, porque apoiam a criatividade e a inovação, capacidades atualmente muito valorizadas na vida adulta. (Daly & Beloglovsky, 2015, p.3)

Quando um ambiente é rico em materiais não estruturados, há muitas probabilidades de que as crianças ao brincarem com esses materiais descubram múltiplas formas de os manipular e novas maneiras de pensar ou de organizar o que já sabem. O seu pensamento torna-se mais criativo e flexível e, simultaneamente, satisfazem a sua curiosidade e gosto por aprender. (Daly & Beloglovsky, 2015)

2.2. Atividades Pedagógicas

Segundo Lurçat (1976) citado por Cardona (1999) as atividades podem ser classificadas mediante o grau de iniciativa que proporcionam à criança. As atividades livres são aquelas que se realizam informalmente, a partir da organização do espaço e que não são diretamente dirigidas pelo/a educador/a, podendo ser escolhidas pelas crianças. Estas atividades podem ter um papel essencial na participação ativa das crianças. Através destas atividades, permitimos-lhes que se integrem de uma forma gradual na sala, construam pequenos projetos e conheçam melhor os colegas.

Para L’Ecuyer (2016), as atividades muito estruturadas, ou nas quais a disciplina tem prioridade sobre a invenção e a descoberta, tendem a suscitar nas crianças um destes dois estados: tédio ou ansiedade. Por outro lado, o entretenimento e a diversão, através de filmes, videojogos, telas de computadores, entre outros, ainda que tenham fins

educativos, fazem com que a criança se torne mais passiva, acomodada e distraída, pois é exigido dela pouco esforço mental, o que faz com que a mente se torne preguiçosa e se acostume a não pensar.

3. O papel do adulto

O facto de não existir um currículo ou abordagem pedagógica obrigatórios para a educação de infância em Portugal, permite uma grande flexibilidade para desenvolvermos o nosso próprio modo de atuação.

Araújo (2009), considera que os adultos deveriam dar espaço e tempo para as crianças serem realmente crianças. Refere que um dos pontos-chave passa por ouvi-las, na medida em que os seus contributos são de maior importância para a compreensão dessa fase da vida, da qual já nos afastámos e da qual infelizmente, por vezes, temos uma visão bastante estereotipada.

Bilton, Bento e Dias (2017), defendem que a relação pedagógica deve assentar essencialmente em afeto e confiança. Através de uma atitude de entrega e de autenticidade, adultos e crianças partilham espaços, ideias, vivências, reconhecendo-se que é nesta troca de informações que residem os alicerces de uma relação forte e segura. Para além da relação estável com o/a educador/a, é fundamental que a criança se sinta respeitada no seio do grupo.

O adulto que acompanha diariamente um grupo de crianças tem uma influência muito significativa no seu processo de aprendizagem. Os comportamentos e atitudes que manifesta, bem como o conhecimento profissional que possui são determinantes na promoção de práticas educativas de qualidade. É realmente triste percebermos que normalmente, as preocupações com que a generalidade dos adultos encara os espaços e as brincadeiras das crianças são muito mais do foro do comportamento e menos da felicidade delas (Araújo, 2009). “Se prestarmos atenção suficiente, vamos constatar que as crianças possuem um instinto de curiosidade realmente admirável e surpreendente diante das coisas pequenas, os detalhes que partem do quotidiano.” (L’Ecuyer, 2016, p.16)

Na interação diária com as crianças, devemos ter um papel de facilitadores da aprendizagem, procurando permitir às crianças um papel ativo e central no processo de aprendizagem. Por exemplo, quando as acompanhamos nas suas explorações, devemos

observar, ouvir, conversar, colocar questões, introduzir materiais. O educador é um facilitador da aprendizagem, que está plenamente envolvido com a criança e que privilegia a relação estabelecida no apoio ao seu desenvolvimento.

Através da observação cuidada de cada criança, devemos procurar compreender quais são os seus interesses, procurando estimular a sua aprendizagem a partir daquilo que lhe é mais significativo. Nesta perspetiva, Bilton, Bento e Dias (2017) defendem que “a intervenção do adulto deve envolver dimensões relativas à sensibilidade, estimulação e promoção de autonomia, procurando-se criar as condições necessárias para a formação de um cidadão emancipado, genuíno, emocionalmente saudável, ávido de exploração e interação com o meio.” (p.114)

4. Organização do Ambiente Educativo

Na EPE, devido à ausência de uma definição prévia de conteúdos programáticos, e também às características das crianças que se encontram nesta faixa etária, a ação da criança sobre determinados recursos materiais é privilegiada como ponto de partida da aprendizagem. As salas são, geralmente, organizadas de forma a permitir às crianças a escolha de diferentes tipos de atividades (Cardona, 1999).

Segundo o ME (2016), a organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização (p.26).

A organização e a gestão do ambiente educativo condicionarão ou potencializarão as aprendizagens que as crianças possam fazer, o/a educador/a deve refletir constantemente, num contínuo processo de planificação e avaliação. (Horta, 2016)

Planificar o contexto é uma das primeiras ações que devemos ter em conta, pois a maneira como escolhemos e dispomos os materiais, mostra a nossa intencionalidade pedagógica. Para Lopes da Silva et al. (2016) citado por Horta (2016), num contexto educativo tem de existir uma intencionalidade educativa concretizada, através da disponibilização de um ambiente culturalmente rico e estimulante. É justamente sobre a

criação e a organização de um ambiente educativo de carácter lúdico e de aprendizagem, que deve existir espaço para uma livre escolha das atividades por parte das crianças. A organização dos materiais depende, em grande parte, das ações construtivas das crianças, em que terão possibilidades de se relacionar com o material e interagir com seus pares. (Dubovik & Cippitelli, 2018) Segundo estes autores, os contextos de aprendizagem são uma maneira rica de construir relações, uma relação que investiga, que faz perguntas, que ativa o pensamento, que faz conexões, que faz conhecer por meio de todos os sentidos, que conecta canais sensíveis. A sala precisa de espaço de arrumação visível e acessível às crianças. As crianças precisam de espaço em que aprendam com as suas próprias ações, espaço em que se possam movimentar, em que possam construir, escolher, criar, espalhar, edificar, experimentar, fingir, brincar com amigos, brincar sozinhas e em pequenos grupos. O arranjo deste espaço é importante, porque afeta tudo o que a criança faz. Afeta o grau de atividade que pode atingir e o quanto é capaz de falar de si própria. Afeta as escolhas que pode fazer e a facilidade com que é capaz de concretizar os seus planos. Afeta as suas relações com as outras pessoas e o modo como utiliza os materiais.

Araújo (2009) reflete sobre a organização das atividades, quando estas são pensadas para as crianças e não com as crianças. Afirma que é um direito das próprias crianças participarem na definição do que fazem, mas, salvo raras exceções, continuamos a encarar as crianças como um grupo homogéneo em função da idade, do género e do nível escolar que frequentam. Para esta autora, é muito diferente quando as atividades são escolhidas e pensadas com as crianças, ou quando são organizadas para as crianças, ficando o seu nível de participação bastante condicionado.

Quando desenhamos estes contextos, devemos pensar no modo como cada criança encontra a sua própria forma de expressão, um modo particular de mostrar sua inteligência e, simultaneamente, um modo por meio do qual a escola torne visível o seu projeto pedagógico (Dubovik & Cippitelli, 2018).

O contexto educativo deve estar organizado para que todas as áreas sejam apelativas ao desenvolvimento de brincadeiras por parte de todas as crianças. Também, Dempsey e Frost (2002) citados por Horta (2016) esclarecerem-nos que os materiais colocados nas diferentes áreas influenciam, de forma direta, os tipos específicos de brincadeiras e interações lúdicas por parte da criança, o que acontece não apenas através

da organização do espaço em áreas de aprendizagem, mas também através da escolha de materiais e de equipamento. Para Horta (2016), o ambiente educativo pode contemplar diversos espaços, no entanto, a sua organização é a expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica que proporciona ao grupo, sendo indispensável uma reflexão constante sobre a sua função, com o intuito de planejar, avaliar e fundamentar as razões dessa organização. Uma reflexão permanente e contínua permite adequar os espaços às necessidades de desenvolvimento do grupo, evitando espaços padronizados, rotineiros e pouco estimulantes e desafiadores para as crianças. Para Dubovik e Cippitelli (2018) devemos preparar contextos que desafiam as crianças a se perceberem como criadoras, inventoras e investigadoras. Nesse sentido, o/a educador/a deve disponibilizar materiais estimulantes e diversificados, incluindo os selecionados a partir do contexto e das experiências e saberes de cada criança, para que a sua satisfação e a brincadeira sejam uma parte fundamental do seu desenvolvimento. (Horta, 2016)

Dubovik e Cippitelli (2018) defendem ainda a ideia de que os contextos devem ser pensados de modo a favorecerem uma abordagem ativa, ou seja, os contextos “não são decorados”, não são espaços intocados. Esta ideia, levou-os a prever como evoluíam os materiais, quais eram as suas características (cor, textura, transparência ou opacidade, dureza, fragilidade, possibilidades de transformação), as relações que podiam produzir entre eles e as sugestões que provocam à criança a possibilidade de inventar situações novas e criativas. Desta forma, todas as propostas apresentadas pelos contextos têm níveis distintos de complexidade e pretendem desenvolver nas crianças novas descobertas, novas experiências, tanto individuais como coletivas, que contemplam a multissensorialidade dos materiais, a diversidade de tamanhos e de volumes, o seu significado. (Dubovik & Cippitelli, 2018)

Por fim, estes autores consideram imprescindível a necessidade de se ampliarem as experiências que se oferecem às crianças, proporcionando-lhes uma variedade de contextos e de materiais, que lhes permita recriar, com alguma intencionalidade, ações vinculadas com o fazer, como projetar, explorar, provar, construir, modelar, desenhar, reconhecer diferentes tipos de materiais, conferindo às crianças um papel protagonista nas criações desses espaços construtivos.

4.1. Seleção dos materiais

Um dos aspetos que Dubovik e Cippitelli (2018) consideram crucial na organização do contexto educativo é a seleção dos materiais. Parte dos/as educadores/as se esforçarem para realizarem um intenso trabalho de pesquisa, investigação e exploração que implique procurarem materiais que ofereçam diversas possibilidades lúdicas de construção.

Na construção do contexto educativo, é essencial termos em consideração a disposição dos materiais, “(...) uma vez que essa distribuição promove, facilita ou potencializa determinadas ações e condiciona as relações de intercâmbio entre as crianças.” (Dubovik & Cippitelli, 2018, p.60) Para estas autoras, quando estamos a organizar o nosso contexto educativo, devemos de ter presentes alguns aspetos, nomeadamente, responder a uma intencionalidade educativa e aproveitar ao máximo todos os espaços disponíveis. Os contextos devem promover nas crianças oportunidades de explorar, de inventar, de criar, de experimentar, de investigar, de estimular e favorecer as relações entre crianças.

Estas autoras têm em consideração quatro critérios que orientam a tarefa de seleção desses materiais:

1. Riqueza dos materiais: multifuncionalidade, polissensorialidade, cromatismo.
2. Variedade de: tamanho, cor, forma, matéria.
3. Relação entre: material e obra a construir.
4. Relação entre: materiais e espaços construtivos.

Os materiais devem ser atóxicos, seguros, higiénicos, manipuláveis, diversos e abundantes, de modo que as crianças possam partilhar e dessa forma, evitem conflitos. Para L’Ecuyer (2016), seria importante que as brincadeiras, na medida do possível, não precisem de pilhas nem tenham botões. Afirma que “As pilhas devem nascer de dentro da criança.” (L’Ecuyer, 2016, p.63) Não é o brinquedo que deve funcionar, mas sim a criança deve ter a iniciativa através da brincadeira. A criança deve ter espaço para pensar, sem receber sempre tudo já mastigado.

5. Criatividade, Construtividade e Criação

Para Mendes (2002) citado por Falcão, Leite e Pereira (2021) a criatividade é “(...) uma capacidade que permite ao sujeito recolher informação, organizá-la e transformá-la, adaptando-se ao meio e o meio a si. Por sua vez, é uma capacidade adaptativa, inata, que faz parte do equipamento biológico de todos os indivíduos, em maior ou menor grau, capacitando-os para a resolução de problemas.

Oncu (2015) refere que “(...) *in some acts of creativity; children have to interact with unstructured environments and materials and have a chance to play with many kinds of materials, in different situations.*” (p.10).

As crianças colocam em prática o conceito de construtividade quando são elas os próprios desenhistas das suas obras, não apenas pensando-as, mas também construindo-as, colocando em ação, dessa forma, relacionando a teoria com a prática (Dubovik & Cippitelli, 2018). As crianças podem desenvolver as suas potencialidades, ficando mais dispostas para aprender, mais interessadas nas linguagens simbólicas, mais capazes de se interrogarem, de se organizarem, de fazerem amigos, de fazerem uma maior quantidade de interações.

Dubovik e Cippitelli (2018) acreditam que, quanto mais linguagens reconhecermos nas crianças, mais as ajudaremos a se reconhecerem e a conhecerem o mundo. Assim, damos mais força aos seus desejos, seus projetos, suas curiosidades, bem como às suas necessidades de investigação, desenvolvendo, dessa forma, a sua imaginação, a sua criatividade, a sua estética e as suas próprias ideias.

Na visão de Mendes (2002) citado por Falcão, Leite e Pereira (2021), criação é “(...) o ato de produzir, pelos seus próprios meios, uma ideia, um objeto, um texto, uma descoberta científica (...)” (p.23). A criação está ligada à criatividade, o que permitirá ao sujeito alcançar a originalidade no produto criado. “Criar é pôr em relação elementos de domínios diferentes do conhecimento, que não estiveram em relação até esse momento. Esta nova relação consagra o carácter original da produção.” (Mendes (2002), citado por Falcão, Leite e Pereira, (2021), (p.23)).

A estimulação do pensamento criativo guia-o numa direção de divergência, despertando a sensibilidade aos problemas, desenvolvendo as aptidões de fluidez e flexibilidade e atitudes de curiosidade. Todos estes contributos originam, à partida, uma

geração mais inovadora, com soluções mais pertinentes, promovendo a formação de cidadãos críticos e interventivos. (Falcão, Leite & Pereira, 2021)

Construir é um processo complexo, no qual a criança reúne diversos elementos da sua experiência pessoal para criar algo. É no processo de selecionar os materiais, atribuindo-lhes um significado diferente do que têm, que as crianças mostram os seus modos de pensar, de sentir, de ver o mundo, de descobrir, de criar. Dubovik e Cippitelli (2018) acreditam que oferecer às crianças contextos para fazer construções possibilita a expressão criadora, já que, nesses contextos, as crianças podem projetar ideias de modo plástico, gráfico ou tridimensional. Portanto, é importante organizar contextos abertos que proporcionem materiais diversos, ricos e polissensoriais.

PROJETO DE INTERVENÇÃO

6. Enquadramento do estudo

Para Neto (2020) brincar é um comportamento de escolha livre que proporciona momentos significativos de enorme empenho, imaginação e fantasia.

Após alguns dias de observação e reflexão sobre a rotina diária das brincadeiras das crianças em sala, constatei que estas passavam a maior parte do seu tempo a brincar da mesma forma com os mesmos brinquedos, comercializados e completamente estruturados. Não existiam materiais não estruturados que pudessem atrair as crianças para uma exploração e manipulação livre, que as pudessem estimular ao nível da curiosidade, interesse, imaginação e criatividade. Por isso, senti a necessidade de criar um espaço com materiais não estruturados que lhes proporcionassem essa exploração. Tendo como ponto de partida a preocupação de que as crianças realizassem aprendizagens significativas, que contribuíssem para o seu desenvolvimento, pensei que seria vantajoso diversificar os materiais disponíveis. Na minha perspetiva é fundamental que se reflita sobre o modo como as crianças interagem e se expressam através da manipulação de materiais não estruturados na brincadeira livre.

6.1. Objeto de estudo

Nesta intervenção defini como objeto de estudo a pertinência da introdução de materiais não estruturados numa sala de JI.

6.2. Questões e objetivos da intervenção

Este estudo surgiu tendo em conta duas questões orientadoras:

- As oportunidades de experiências com material não estruturado promovem níveis de bem-estar e de implicação?

- No contexto com materiais não estruturados, qual é a natureza das interações que se estabelecem entre as crianças?

O objetivo geral deste estudo é compreender a pertinência da introdução de materiais não estruturados numa sala de JI e defini dois objetivos específicos:

- Analisar o grau de bem-estar e de implicação que cada criança evidencia ao manipular materiais não estruturados;

- Compreender as interações estabelecidas entre as crianças e os materiais;

6.3. Caracterização do contexto educativo

A intervenção decorreu em contexto de estágio de Educação Pré-Escolar, num JI da rede pública, localizado na periferia de Coimbra. Esta instituição foi inaugurada em 2016, abrange as valências de JI e de 1.º Ciclo e é constituída por um edifício novo, com dois pisos. Destacam-se seis salas, duas para a EPE e quatro para o 1.º CEB. As restantes salas destinam-se a apoio educativo. Dispõe de uma biblioteca, área suplementar para atividades de expressão plástica, gabinetes de trabalho para professores/as, sala de convívio dos/as professores/as, refeitório, sala polivalente, arrumos e instalações sanitárias. No exterior, dispõe de um campo de jogos, um parque infantil e um parque de estacionamento. Todo o espaço exterior da instituição é plano e maioritariamente coberto por tijoleira, exceto no parque infantil que é coberto por tartan e apenas dois espaços pequenos com relva, que eram utilizados pelas crianças excecionalmente. Em conjunto com a minha colega de estágio desenvolvemos um projeto com as crianças que contemplou a construção de uma quinta pedagógica, passando a ser um desses espaços de relva a ser utilizado pelas crianças apenas para esse fim, quando iam regar a horta ou alimentar os animais.

Para Horta (2016), a organização e a gestão do ambiente educativo condicionarão ou potencializarão as aprendizagens que as crianças possam fazer e sobre ele o/a educador/a deve refletir constantemente, num contínuo processo de planificação e avaliação. Considero que na organização e gestão do ambiente educativo desta instituição, para além de haver um excesso de materiais estruturados, não era valorizada a potencialidade que os materiais não estruturados podiam trazer para ocorrerem aprendizagens mais significativas nas crianças.

6.4. Participantes

O grupo da sala era heterogéneo, com idades compreendidas entre 3 e 5 anos, composto por 25 crianças, 15 do sexo feminino e 10 do sexo masculino (Tabela 1), em que 8 crianças tinham três anos, 8 crianças tinham quatro anos e 9 crianças tinham cinco anos (Tabela 2). Não existiam crianças sinalizadas com Necessidades Educativas Especiais (NEE), no entanto, duas das crianças estavam a ser acompanhadas pelo SNIPI (Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância).

Tabela 1

Divisão do n.º de crianças por sexos

Sexo Feminino	15
Sexo Masculino	10
Total de crianças	25

Tabela 2

Número de crianças por idades

Idades	N.º de Crianças
3 Anos	8
4 Anos	8
5 Anos	9
Total de crianças	25

Nota: No início do ano eram vinte e três crianças, no entanto até ao fim do meu estágio, foram admitidas mais duas crianças.

A maior parte das crianças do grupo tinham nacionalidade portuguesa à exceção de três crianças, sendo estas de nacionalidade angolana.

Em relação à tipologia familiar eram maioritariamente famílias nucleares, com um ou dois filhos e algumas famílias monoparentais. Tendo em conta a localização geográfica da escola, um bairro social, o nível socioeconómico das famílias era médio baixo e havia sete crianças de etnia cigana.

A minha intervenção focou-se num estudo de caso de seis destas vinte e cinco crianças.

7. Metodologia do estudo

A metodologia usada no presente estudo centrou-se numa abordagem qualitativa, em que mais importante do que os resultados finais, é valorizarmos o processo. Ou seja, enquanto investigadora devo ter em conta todas as aprendizagens que construí com as crianças nas relações diárias e espontâneas, que me fizeram repensar e alterar muitas vezes o plano anteriormente pensado e dar continuidade aos interesses

manifestados pelas crianças em cada momento. Bogdan e Biklen (1994) afirmam que esta abordagem “exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.” (p.49). Referem que os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.

Antes de iniciar a minha intervenção percebi que se tornaria muito complexo recolher informações de todo o grupo, atendendo ao número elevado de crianças e ao curto espaço de tempo para a minha intervenção. Optei por investigar apenas parte do mesmo, ou seja, um estudo de caso, tendo em conta algumas características das crianças, nomeadamente a idade, o género e a assiduidade, tratando-se por isso de uma amostra por conveniência. Centrei este projeto de intervenção em seis crianças, três do sexo feminino e três do sexo masculino, com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos.

Segundo Dubovik e Cippitelli (2018) escolher o trabalho em pequeno grupo como estratégia pedagógica é um modo de garantir às crianças a possibilidade de manterem relações estreitas entre si, sejam sociais, sejam de conhecimento, sejam de cuidados mútuos. Afirmam que o pequeno grupo permite-nos perceber as relações entre as crianças, os modos de interagir, as potencialidades de cada uma, o desenvolvimento das suas competências, seus processos, seus significados e sentidos, seus descobrimentos compartilhados no momento de construir.

O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto (Bogdan & Biklen, 1994). Segundo Amado (2014) um estudo de caso “fornece um exemplo único de pessoas em situações reais, permitindo que os leitores compreendam ideias de forma mais clara do que simplesmente apresentando-as com teorias ou princípios abstratos. Para Hamel (1998, p.121) citado por Amado (2014) os seus objetivos estão associados frequentemente “à exploração e tentativa de descobrir problemáticas novas, de renovar perspectivas existentes e de sugerir hipóteses profundas”. (p.124)

7.1. Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Como instrumentos de recolha de dados foram utilizados a observação, o diário de bordo, os registos fotográficos, as entrevistas e as grelhas de observação com

indicadores relativos aos níveis de implicação e de bem-estar das crianças. É importante referir que estes instrumentos tiveram como objetivo principal interpretar e refletir sobre as explorações das crianças com os materiais não estruturados e avaliar os níveis de implicação e de bem-estar das crianças entre si e com os materiais.

7.1.1. Observação

Para Pardal & Correia (1995) “A vida quotidiana e a nossa natural curiosidade levam-nos a observar constantemente o que se passa à nossa volta. Vemos, ouvimos, participamos. Observamos.” (p.50). A observação, como técnica científica, é planeada constantemente e de possível controlo e tem como função “produzir informação requerida pela(s) hipótese(s) de trabalho e prescrita pelos indicadores.” (Pardal & Correia, 1995, p.50) Uma observação pode ocorrer sobre qualquer situação e o observador pode integrar-se na situação.

Neste caso, durante as observações, como investigadora fui participante, visto que vivi a situação, o que me permitiu conhecer o fenómeno em estudo a partir do interior. A observação participante permite, em regra, um nível mais elevado de precisão na informação do que a observação não-participante, apesar de a sua execução ser mais complexa (Pardal & Correia, 1995). Por fim, “o observador de uma realidade tem à sua disposição um leque diversificado de meios, desde os mais modestos, como um caderno de notas, aos mais sofisticados, como a máquina de filmar.” (Pardal & Correia, 1995. p.51).

7.1.2. Diário de Bordo

Ao longo da minha intervenção optei por registar/anotar acontecimentos, descrições, reflexões e interpretações observadas, no momento ou depois da sua ocorrência, que considerei relevantes e suscetíveis de serem interpretados/as. Neste sentido, criei um diário de bordo (Apêndice 1) que teve como objetivo compilar todas estas informações recolhidas, de forma a sistematizar as experiências, para posteriormente conseguir analisar os resultados. É importante referir que para a construção deste diário de bordo foram tidas em conta as notas de campo, algumas delas elaboradas com recurso aos registos fotográficos e audiovisuais feitos ao longo da intervenção.

As notas de campo são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo.” (Bodgan & Biklen, 1994, p.150) As notas de campo podem originar em cada estudo um “diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados.” (Bodgan & Biklen, 1994, p.151)

7.1.3. Registos fotográficos e audiovisuais

Bodgan & Biklen (1994) afirmam que “as imagens dizem mais do que as palavras” (p.184) e ao longo da minha intervenção, para além dos registos escritos, recorri com muita regularidade à captação de informações fotográficas e audiovisuais, que incluo no diário de bordo (Apêndice 5). Os registos fotográficos são muitas vezes utilizados como um meio de lembrar e estudar detalhes, que poderiam ser descurados ou até mesmo esquecidos se uma imagem fotográfica não estivesse disponível para os refletir. “Embora as fotos possam não provar nada de forma conclusiva, quando usadas em conjugação com outros dados podem adicionar-se a uma pilha crescente de provas” (Bogdan, 1988 citado por Bodgan & Biklen, 1994, p.186). Segundo Bodgan e Biklen (1994) “as fotografias dão-nos fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizadas para compreender o subjectivo e são frequentemente analisadas indutivamente.” (p.183).

7.1.4. Entrevistas

Para obter informações sobre a perceção que a educadora cooperante (EC), as crianças e as assistentes operacionais (AO) tiveram sobre o impacto que a manipulação destes materiais poderia trazer, decidi fazer entrevistas após a minha intervenção. A escolha do local de todas as entrevistas foi intencional, uma sala pequena, apenas com uma mesa e cadeiras, em que informei todos os intervenientes e foram realizadas em períodos que a probabilidade de interrupção era mais baixa. Quanto às crianças decidi fazer as entrevistas em pares, com o objetivo de se sentirem mais à vontade na companhia de um amigo. Quanto aos pais, tendo em conta a situação pandémica que estávamos a viver, em que não era permitida a entrada das famílias no JI, a forma possível

que encontrei de obter alguma informação foi ter uma breve conversa informal à porta do JI, quando as famílias vinham entregar ou buscar as crianças, porque para mim era muito importante perceber o *feedback* que as crianças transmitiam em casa, bem como a sua opinião sobre o mesmo.

Criei um guião para cada entrevista (crianças, EC e AO) e para o *feedback* das famílias (Apêndice 2), realizei entrevistas de tipo semi-diretivo, em que foram colocadas perguntas abertas que estavam pré-definidas, sendo que no decurso da entrevista foram colocadas outras questões não previstas inicialmente, que foram surgindo no desenrolar da conversa mantida. Para o tratamento e análise dos dados das entrevistas, gravei as entrevistas com uma aplicação no telemóvel, tendo pedido antecipadamente autorização dos entrevistados para essa gravação (presente no guião das entrevistas) e após as gravações fiz a transcrição das mesmas (Apêndice 3).

Para Pardal e Correia (1995) a entrevista é a “técnica de recolha de dados de larga utilização na investigação social e tem sobre o questionário algumas vantagens. É notório que a entrevista possibilita a obtenção de uma informação mais rica e não exige um informante alfabetizado.” (p.64)

7.1.5. Grelhas de Observação

Ao longo da minha intervenção utilizei grelhas de observação (Apêndice 4) diárias que me permitiram avaliar os níveis de bem-estar e de implicação de cada uma das seis crianças enquanto manipulavam os materiais não estruturados. Este instrumento foi construído a partir dos níveis e indicadores definidos no Sistema de Acompanhamento das Crianças (SAC), por Laevers e Portugal (2018). Segundo estes autores, a forma mais económica e conclusiva para avaliar a qualidade de um contexto educativo é atender a duas dimensões, o bem-estar emocional e a implicação experienciados pelas crianças. Esta abordagem experiencial “oferece uma forma respeitadora de sentir, pensar e fazer em educação de infância, tendo o adulto como ponto de referência a experiência da criança, reconstruindo significados através das suas expressões, palavras e gestos.” (Laevers & Portugal, 2018, p.18)

Quando pretendemos perceber como as crianças estão num contexto, devemos inicialmente explorar o grau em que estas se sentem à vontade, agem espontaneamente, mostram vitalidade e autoconfiança, mas também compreender o que leva o adulto a

criar um ambiente estimulante, que favoreça o envolvimento por parte das crianças. (Laevers, 2003 citado por Laevers & Portugal, 2018).

Neste sentido, considero que os níveis de bem-estar e implicação das crianças tornam-se pontos de referência que os profissionais da área da educação devem ter em consideração para promoverem o desenvolvimento e a aprendizagem, caso pretendam melhorar a qualidade do seu trabalho.

Laevers define bem-estar emocional como um “estado particular de sentimentos que pode ser reconhecido pela satisfação e prazer, enquanto a pessoa está relaxada e expressa serenidade interior, sente a sua energia e vitalidade e está acessível e aberta ao que a rodeia.”(Laevers & Portugal, 2018, p.18) A organização e dinâmica do contexto educativo vai influenciar o grau de bem-estar das crianças e permitirá que estas se sintam à vontade, despertas a serem elas mesmas e a terem as suas necessidades satisfeitas. (Laevers & Portugal, 2018)

A implicação é vista por Laevers e Portugal (2018) como “uma qualidade da atividade humana que pode ser reconhecida pela concentração e persistência, caracterizando-se por motivação, interesse e fascínio, abertura aos estímulos, satisfação e um intenso fluxo de energia.” (p.24) É determinada pela necessidade de exploração e pelo nível de desenvolvimento.” (Laevers & Portugal, 2018, p.24) Para os autores (2018), o nível de implicação é uma declaração sobre o que é que as condições ambientais podem influenciar a criança. O nível de implicação é considerado um indicador de qualidade do contexto educativo e não da criança. Representa um sinal para o/a educador/a, que tem como função fornecer indicações sobre o que é que as ofertas educativas ou condições ambientais provocam nas crianças, servindo dessa forma para analisar a qualidade daquilo que se oferece.

7.2. Estratégias de intervenção pedagógica

A partir de uma observação cuidada do contexto de estágio, constatei que apesar de ser um edifício novo, com espaços amplos e com salas bastantes luminosas, nesta instituição não existiam espaços exteriores (Figura 1) nem interiores (Figura 2) em que os materiais e recursos disponibilizados proporcionassem diversidade de experiências de exploração, pois estavam muito pré-definidos e estruturados.

Figura 1

Espaço interior (sala)



Figura 2

Espaço exterior



É importante referir também que apesar de terem um espaço exterior, este não era explorado livremente pelas crianças, dependia muito das condições meteorológicas. Questionei a EC sobre a possibilidade de utilizarmos mais o espaço exterior, tendo em

conta que existia uma mata pública que se encontrava mesmo ao lado da instituição. Contudo, apesar da vontade demonstrada pela EC, foram colocados alguns entraves por parte do Agrupamento que se prendiam essencialmente pelo covid-19, não sendo possível concretizar.

Tendo em conta esta limitação que não foi possível ultrapassar e como refere Oliveira-Formosinho & Araújo, (2006), os espaços educativos devem ser plurais, isto é, as crianças não devem estar confinadas a um espaço didático monolítico, pois necessitam de viver uma diversidade de experiências, de ter acesso a espaços plurais, como espaços na natureza ou na comunidade. Esta pluralidade também se concretiza na criação de espaços responsivos a diferentes intenções de jogo, intenções para a ação, estados emocionais ou de saúde das crianças. “O espaço deve acomodar e responder à multiplicidade de sentimentos, pensamentos, projetos que as crianças transportam.” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2006, p. 17)

O/A educador/a deve refletir cuidadosamente acerca das potencialidades e organização do espaço de forma a que a introdução de materiais e equipamentos apele à criatividade e imaginação das crianças (ME, 2016). Foi a partir destas constatações que senti a necessidade de implementar a minha intervenção com materiais não estruturados.

Comecei por elaborar uma esquematização da planta da sala (Apêndice 5), em que identifiquei uma área total de 36m², todo o seu recheio em termos de mobiliário e infraestruturas, nomeadamente, duas portas, uma interior e outra de acesso ao espaço exterior, janelas grandes viradas para o exterior, armários para colocarem os diversos materiais, um lavatório e mesas. Através da observação da planta é perceptível que se trata de uma sala bastante ampla, espaçosa e com boa luminosidade natural.


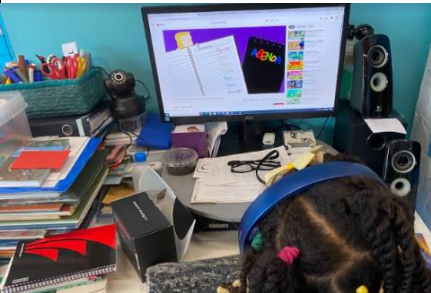

Posteriormente, construí uma planta da sala com referência às diferentes áreas de atividades existentes (Apêndice 6), de acordo com a minha observação, bem como das informações fornecidas pela EC e ao analisar a referida planta comprovei a intencionalidade educativa da EC.

Por fim, fiz o levantamento do equipamento existente em cada uma das áreas, como se pode constatar na tabela abaixo (Tabela 3), onde identifiquei as mesmas, com registos fotográficos, para um maior rigor e compreensão da informação recolhida, bem como uma breve descrição dos materiais disponíveis, a lotação de crianças por cada área e os objetivos das mesmas.

Tabela 3

Esquematização da sala

Área Específica	Registo Fotográfico	Exemplos de materiais disponíveis	Breve descrição da área
Área da Leitura		<p>Livros; Sofá; Mesa; Estante</p>	<p>Limitada a 2 crianças; Destinada ao contacto com diferentes livros, bem como à sua exploração e manuseamento.</p>
Área dos jogos de chão		<p>Legos (diversas formas, tamanhos e cores); Carros/aviões/barcos; Brinquedos de plástico com diferentes formas (pessoas, árvores, animais...); Pistas; Garagens.</p>	<p>Limitada a 4 crianças; Destinada a construções tridimensionais, recorrendo à utilização e exploração de vários objetos e materiais.</p>
Área de jogo de mesa/Pintura		<p>Puzzles; <i>Geoplano</i>; Jogos de memória; Jogos de lógica; Jogos de associação; Jogos de tabuleiro; Jogos de classificação e de seriação, Folhas; Pinceis; Tintas de variadas cores; Copos de plástico; Aguarelas; Canetas de feltro (finas e grossas); Lápis de cera; Lápis de cor; Plasticina; Massas</p>	<p>Limitada a 8 crianças; Destinada à/ao:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ realização de jogos lúdicos que visem o desenvolvimento de várias capacidades e competências, tanto a nível cognitivo como motor; ▪ exploração artística e plástica, utilizando e explorando tintas – exploração e experimentação livre deste material; ▪ desenvolvimento de competências relacionadas com a motricidade fina

		<p>caseiras; Paus de médico; Tesouras; Colas (líquida e baton); Revistas; Jornais; Papel <i>Eva</i>; Sobras de papéis de diferentes texturas e cores...</p>	<p>(modelagem), bem como à exploração livre e artística;</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ desenvolvimento de competências de recorte e colagem (motricidade fina), bem como à exploração de diferentes tipos de papeis e texturas – exploração livre destes materiais.
<p>Área do jogo simbólico</p>		<p>Mobiliário de pequenas dimensões (1 mesa, 4 bancos, 1 forno, 2 dispensas, 1 lavatório, 1 cama para bebés); Torradeira; Espelho</p> <p>Nota: Devido à pandemia do Covid-19 houve muitos objetos que foram retirados. (informação fornecida pela EC)</p>	<p>Limitada a 4 crianças;</p> <p>Destinada ao jogo simbólico; Apresenta como principal objetivo a interação entre pares através da interpretação de diferentes papéis; as crianças exteriorizam relações, perceções e entendimento acerca do mundo que as rodeia.</p>
<p>Área do computador</p>		<p>Computador; <i>Tablet</i>; Teclado; Rato, Colunas, Auscultadores</p>	<p>Limitada a 2 crianças;</p> <p>Destinada ao contacto com diferentes tecnologias – usavam principalmente para fazer pesquisas, ouvir música e jogar.</p>
<p>Cantinho da calma</p>		<p>Almofadas; Lençol.</p>	<p>Limitada a 1 criança</p> <p>Destinada a que cada criança consiga ter um momento sozinha.</p>

Ao analisar estas duas plantas da sala (Apêndices 5 e 6) e respetiva tabela (Tabela 3), conclui que a sala não incluía um espaço que permitisse a introdução de materiais não estruturados. Apesar de considerar que era uma sala bastante ampla que poderia incluir um espaço para este fim, tudo dependia da intencionalidade educativa da EC.

No início do meu projeto de intervenção questioneei a EC sobre este assunto e, apesar de se mostrar interessada, limitou o espaço a uma caixa de plástico, referindo que a sala não teria espaço para mais uma área. Após esta conversa e de refletir com a minha orientadora, chegámos à conclusão que faria mais sentido construir um laboratório fora da sala habitual, pelas limitações apresentadas anteriormente e também porque seria um estudo de caso. O local escolhido para a realização do estudo, não sendo a sala do grupo, trouxe alguns constrangimentos, pois era um espaço partilhado por ambas as salas do JI, onde os adultos almoçavam e as crianças lanchavam, o que limitava o tempo da intervenção, uma vez que este espaço teria de ficar todo arrumado para ser utilizado nos fins atrás descritos.

Após ter definido os meus objetivos e ter delineado a minha intervenção, comuniquei ao grande grupo que iríamos ter uma nova área de exploração, fora da sala, por se tratar de um grupo de estudo. Clarifiquei ainda que seria um espaço de todos, ou seja, todos o poderiam utilizar, no entanto, havia momentos em que apenas algumas crianças explorariam esse espaço. Imediatamente algumas crianças mostraram interesse e daí surgiu um grupo de estudo. Em conjunto com a EC, por se tratar de um grupo que falta com muita regularidade, decidimos que este seria constituído por seis crianças em diversidade de idades e género e habitualmente mais assíduas.

Posteriormente, com o grupo em estudo expliquei, oralmente, no que consistiria a minha intervenção e entreguei-lhes um registo (Apêndice 7), o qual foi aceite por todos os intervenientes. Neste registo tive a preocupação de adaptar a linguagem à sua faixa etária e tendo em conta que nenhuma criança lia, eu fiz a leitura oralmente e eles teriam apenas de colocar um X no quadrado que tinha um *emoji* associado, por ser um símbolo visual e que eles facilmente reconhecem.

Numa primeira fase, fiz a escolha dos materiais, bem como da sua disposição e arrumação, tendo em conta que ficassem visíveis e acessíveis a todas as crianças, assim como fossem diversificados em qualidade e quantidade e que tivessem elementos de ligação.

Planificar o contexto é uma das primeiras ações que devemos construir, pois a maneira como escolhemos e dispomos os materiais, mostra a nossa intencionalidade pedagógica. Para Lopes da Silva et al. (2016) citado por Horta (2016), num contexto educativo tem de existir uma intencionalidade educativa concretizada, através da disponibilização de um ambiente culturalmente rico e estimulante.

Realizei dezanove observações, das quais treze no mês de junho e seis no mês de julho, mais especificamente nos seguintes dias:

Tabela 4

Lista dos dias em observação

1.ª Observação	02/06/2022	11.ª Observação	28/06/2022
2.ª Observação	04/06/2022	12.ª Observação	29/06/2022
3.ª Observação	09/06/2022	13.ª Observação	30/06/2022
4.ª Observação	11/06/2022	14.ª Observação	01/07/2022
5.ª Observação	16/06/2022	15.ª Observação	02/07/2022
6.ª Observação	17/06/2022	16.ª Observação	05/07/2022
7.ª Observação	18/06/2022	17.ª Observação	06/07/2022
8.ª Observação	23/06/2022	18.ª Observação	07/07/2022
9.ª Observação	24/06/2022	19.ª Observação	08/07/2022
10.ª Observação	25/06/2022		

A escolha dos dias foi feita de acordo com a disponibilidade da instituição, procurei que fosse na parte da manhã e na parte da tarde, para perceber se havia alterações de interesse e envolvimento na sua participação e para dar tempo a uma maior exploração e continuidade, mas nem sempre foi possível. O número de intervenções foi o possível para o tempo que tínhamos disponível para este fim, tendo em conta os constrangimentos logísticos do uso daquele espaço para outros fins.

No primeiro dia permiti que as crianças explorassem os materiais de uma forma livre, principalmente para observar a reação do grupo com os materiais. Como estas crianças gostavam de ouvir histórias, recorri a três livros “O pequeno inventor” de Hyun Duk & Cho Mi-ae, “Não é uma caixa” de Antoinette Portis e “O que vamos construir” de Oliver Jeffers, que fui introduzindo ao longo da minha intervenção. A intenção da utilização destes livros foi estimular e entusiasmar as crianças e ajudá-las a perceber que

poderiam manipular, inventar, criar e construir a partir de materiais tão simples, como uma caixa de cartão. Ao longo da intervenção fui introduzindo gradualmente diferentes materiais, consoante as necessidades e interesses manifestados pelo grupo.

7.3. Questões Éticas

De modo a salvaguardar a identidade das crianças, elaborei um pedido de consentimento às famílias, com o objetivo de proteger a sua identidade, utilizando as informações apenas para dados científicos e de forma anónima (Apêndice 8) e oculte o rosto das crianças em todas as fotografias.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste último capítulo faço a apresentação e análise dos dados relativos ao meu projeto de intervenção, obtidos antes, durante e após a mesma, com a introdução de materiais não estruturados, que visam dar resposta aos objetivos e questões de investigação definidos no ponto 6.2. do presente relatório.

Como instrumentos de trabalho utilizei o diário de bordo (Apêndice 1), as entrevistas (Apêndice 2) e as grelhas de observação (Apêndice 4).

8. Antes da Intervenção

8.1. Caracterização geral do grupo

Comecei por observar todo o grupo na utilização e manipulação dos materiais estruturados existentes na sala e constatei que as crianças, permaneciam muito pouco tempo, não se fixavam, não se concentravam e saltitavam de área em área constantemente, interagiam muito pouco uns com os outros, frequentemente se desinteressavam e a preferência ia maioritariamente para a brincadeira livre em rua. Senti mesmo que precisavam de outro tipo de estímulos, de outro tipo de materiais mais atraentes e versáteis, que lhes despertassem curiosidade e lhes permitissem desenvolver a sua imaginação e criatividade, a sua destreza no manuseio dos mesmos, pela sua exploração e experimentação e que estes contribuíssem para aumentar o interesse e participação das crianças.

Antes da introdução dos materiais não estruturados, fiz uma caracterização geral do grupo, através da análise dos níveis de implicação e de bem-estar de todas as crianças, numa escala de avaliação numérica de 1 a 5 e ?, inspirada na grelha 3 presente no SAC, de Laevers e Portugal (2018). Em que 1 é o nível muito baixo, que se atribui a crianças que usualmente estão tristes, não se envolvem nas atividades, frequentemente estão ausentes, têm um atitude passiva não se verificando sinais de exploração ou de interesse, que evidenciam com regularidade sinais claros de desconforto, que não demonstram vitalidade ou autoconfiança e têm pouca flexibilidade e dificuldades de assertividade; o 2 indica um nível baixo, em que as crianças não se envolvem muito nas atividades, pois a sua concentração é limitada e superficial, distraem-se facilmente e a sua ação conduz a resultados muito limitados, evidenciam frequentemente sinais de desconforto emocional, mas são menos explícitos do que os evidenciados no nível 1, pois o sentimento de desconforto não se expressa tão frequentemente; o 3 indica um nível médio/neutro ou

flutuante, em que as crianças envolvem-se em diversas atividades, mas de forma pouco intensa, por falta de verdadeira concentração, motivação e prazer e revelam ocasionalmente sinais de desconforto, mas maioritariamente demonstram sinais positivos de bem-estar, demonstram estar relaxadas, com alguma vitalidade e autoconfiança; o 4 indica um nível alto, em que as crianças evidenciam sinais claros de satisfação e os momentos de bem-estar superam os momentos de desconforto; o 5 indica o nível muito alto, em que as crianças demonstram sentirem-se confortáveis, irradiam vitalidade, tranquilidade, autoconfiança e autoestima. Por fim, o ponto de interrogação indica-nos as crianças que temos dificuldade em atribuir-lhes um nível, ou que nos suscitam dúvidas, ou que temos dificuldade em perceber o seu funcionamento.

Tabela 5

Caraterização geral do grupo

Níveis Crianças	Nível geral de bem-estar						Nível geral de implicação						Comentários
	1	2	3	4	5	?	1	2	3	4	5	?	
Criança 1				X					X				
Criança 2		X						X					
Criança 3			X						X				
Criança 4				X						X			
Criança 5			X							X			
Criança 6			X						X				
Criança 7				X						X			
Criança 8			X						X				Falta com muita regularidade.
Criança 9				X						X			
Criança 10			X						X				
Criança 11	X							X					
Criança 12			X						X				
Criança 13			X						X				
Criança 14			X						X				
Criança 15			X						X				
Criança 16			X						X				
Criança 17	X							X					Fase de Adaptação e falta com muita regularidade.
Criança 18						X						X	Falta com muita regularidade e acompanha pelo SNIPI.
Criança 19						X						X	Falta com muita regularidade e acompanha pelo SNIPI.
Criança 20			X						X				
Criança 21				X					X				
Criança 22						X						X	Falta com muita regularidade.
Criança 23				X								X	
Criança 24	X							X					Situação familiar muito instável.
Criança 25	X						X						Fase de Adaptação e falta com muita regularidade.
Total	4	1	11	6	0	3	1	4	12	4	0	4	

Da análise desta tabela de caracterização geral de grupo, constata-se que relativamente ao nível de bem-estar, quatro crianças registaram o nível 1 (16%), uma criança registou o nível 2 (4%), onze crianças o nível 3 (44%), seis crianças o nível 4 (24%), nenhuma criança registou o nível 5 e três o ponto de interrogação (12%). É de ressaltar o valor de 44%, ou seja, 11 crianças em 25 que se encontram no nível 3. Este valor tão elevado preocupa-me por ser uma percentagem bastante significativa e por perceber que na maioria destas crianças, o motivo ser os materiais não corresponderem aos seus interesses, juntamente com a sua instabilidade emocional que muitas vezes dependia de situações familiares mais instáveis. O facto de 5 crianças registarem valores muito baixos, quatro com o nível 1 e uma com o nível 2 e ainda 3 crianças registarem o ponto de interrogação mostra claramente que este grupo a nível emocional, precisaria melhorar. Um dos motivos principais destes valores presumo que tenha haver com a falta de assiduidade, que não permite que estas crianças usufruam bem da sua permanência no JI. É importante referir, que no ano anterior as escolas tinham fechado, devido ao COVID-19, e este ano era um ano de muitas adaptações, principalmente nestas crianças, que na sua maioria ainda tinham pouco ou mesmo nenhum contacto com a escola, bem como as características desta comunidade, que não via a escola como uma prioridade na vida dos seus filhos, não ajudavam no processo de integração no grupo.

Quanto ao nível de implicação, uma criança registou o nível 1 (4%), quatro crianças o nível 2 (16%), doze crianças registaram o nível 3 (48%), quatro o nível 4 (16%), nenhuma criança registou o nível 5 e quatro o ponto de interrogação (16%). No nível de implicação também é o nível 3 que se sobressai e me preocupa, com 48% (12 em 25 crianças), pois as crianças frequentemente demonstravam estar envolvidas em diferentes atividades, mas raramente se verificava motivação, concentração, prazer e “intensidade” nas suas explorações.

A C24, por exemplo, apresenta valores muito baixos, 1 e 2, para o bem-estar e implicação respetivamente, por se tratar duma criança com uma situação familiar muito instável e pelo facto de não ter nascido em Portugal, estando numa fase de adaptação à cultura e numa fase de aquisição da língua e demonstrava vergonha por não falar corretamente a língua portuguesa, acabava muitas vezes por não se conseguir expressar.

A C25 é a criança que regista os valores mais baixos, 1 para ambos os níveis, faltava com muita regularidade, não conseguia integrar-se no grupo, nem estar recetiva

ao contexto escolar e disponível para interagir e explorar os materiais. Quando voltava ao JI não se conseguia adaptar às rotinas, porque acabou sempre por não conseguir criar uma regularidade na sua assiduidade, faltava 3 semanas, voltava 1 dia, voltava a faltar 2 semanas e apesar do esforço da EC em arranjar estratégias para o motivar, a instabilidade familiar em trazê-lo à escola não permitia grandes avanços.

A avaliação geral desta tabela foi um dos primeiros motivos que me levou a implementar este projeto, pois através desta análise e avaliação do grau de bem-estar das crianças, percebi a importância que a organização e dinâmica do contexto pode influenciar as crianças a “sentirem-se em casa”, a serem elas mesmas e a terem as suas necessidades satisfeitas. E através da análise do nível de implicação percebi que um contexto educativo não se pode limitar a proporcionar momentos de bem-estar, de diversão e descontração, sem promover momentos de elevada concentração, prazer e descoberta (Laevers e Portugal, 2018).

8.2. Análise e reflexão em torno do grupo e contexto

Tendo em conta a análise e avaliação feita no ponto anterior era evidente que estava perante um grupo que precisava de melhorar os níveis de implicação e bem-estar e que teria de haver mudança na dinâmica daquela sala de JI. Pensei que o conseguiria com a introdução de materiais não estruturados. Para melhor orientar e definir a minha intervenção, senti a necessidade de analisar e refletir sobre o grupo e o contexto em que estava inserida e construí duas tabelas inspiradas na ficha 4 presente no SAC (p.163).

Na primeira (Apêndice 9), identifiquei o que me agradou e o que me preocupou a nível do grupo e com a análise dessa percebi que neste grupo de 25 crianças, bastante heterogéneo e de origens socioeconómicas médias baixas, uma das preocupações que mais me suscitou foi o facto de não haver continuidade nas dinâmicas criadas em grupo, porque havia muitas crianças a faltarem com regularidade e registavam-se altos níveis de insegurança e insatisfação com os materiais disponíveis em sala, na sua exploração e manipulação, em que se fixavam por muito pouco tempo nas áreas/materiais/brincadeiras.

Na segunda (Apêndice 10), identifiquei os aspetos que me agradaram e preocuparam no contexto da sala no JI, ao nível da oferta educativa, da autonomia, da organização, do clima de grupo e do estilo do adulto.

Pude constatar que apesar das boas condições físicas gerais existentes na instituição, que proporcionavam conforto, segurança, bem-estar geral e confiança para as crianças e famílias, estas eram insuficientes para o desenvolvimento de atividades que proporcionassem uma maior diversidade de ações, que fossem ao encontro das necessidades e interesses de cada criança. Mais importante que as condições físicas que disponibilizamos às crianças, a nossa intencionalidade educativa deve ser sempre um dos aspetos mais importantes que devemos ter em conta enquanto bons profissionais que pretendemos ser. A minha intenção, com a introdução dos materiais não estruturados, era mesmo tornar o ambiente educativo mais estimulante para elevar as crianças a um melhor nível de participação/implicação e de bem-estar, que as motivasse a quererem ser mais participativas no dia a dia do JI.

No contexto geral da organização da instituição, apesar de uma coordenação geral muito preocupada em assegurar a segurança, ao nível dos recursos humanos revelou algumas fragilidades ao nível da comunicação entre assistentes operacionais e educadoras, que considero indispensável para o bom funcionamento de qualquer projeto educativo e que tive em conta na minha intervenção.

A falta de assiduidade de cerca de um quarto do grupo também gerava alguma dificuldade por parte da EC na responsabilização a atribuir individualmente e ao grupo para o desenvolvimento da sua autonomia. Contudo, no seu papel de educadora gostaria de ter visto mais estímulo em atividades e materiais que proporcionassem uma maior participação das crianças em atividades menos dirigidas, e mais ao encontro das suas necessidades e interesses e que proporcionassem um maior desenvolvimento da criatividade e autonomia do grupo.

8.3. Caracterização individual de cada criança

Depois de ter refletido sobre o grupo geral e o contexto em que estavam inseridas as seis crianças, fiz a sua caracterização individual, para melhor delinear o meu projeto de intervenção, tendo por referência a grelha número 5 do SAC (p. 165), como se segue nas tabelas abaixo.

Tabela 6

Análise individualizada da criança 1

Criança 1	Data: 26/05/2021	Idade: 5 anos
Assinalar os níveis de funcionamento geral da criança (1,2,3,4, 5,?)		
Bem-estar emocional: 4	Implicação: 3	
Impressão geral acerca da criança		
A criança 1 era uma criança meiga, atenta, curiosa, insegura, participativa, mas muito reservada. Gostava de brincar ao jogo simbólico, encenava situações simples e imitava papéis sociais, principalmente com as crianças 4, 6, 7, 8 e 9.		
Dados familiares		
Esta criança era filha única e vivia com os pais. A mãe encontrava-se desempregada e o pai era professor. Contava que ia com regularidade ao parque brincar com um primo da mesma idade.		
Relações		
O relacionamento desta criança com os adultos e as crianças no JI é boa, mas reservada e não manifestava muito as suas emoções. Necessitava ainda de algum tempo para se conseguir libertar e demonstrar confiança, tanto com os adultos, como com as outras crianças.		
Implicação		
Esta criança implica-se melhor em atividades individuais ou de pequeno grupo. Não manifesta muito interesse em atividades dirigidas, em especial as que se reportam à área da expressão e comunicação.		

Tabela 7

Análise individualizada da criança 2

Criança 2	Data: 26/05/2021	Idade: 4 anos
Assinalar os níveis de funcionamento geral da criança (1,2,3,4,5,?)		
Bem-estar emocional: 2	Implicação: 2	
Impressão geral acerca da criança		
<p>Esta criança era persistente, tímida, isolava-se ou brincava sozinha, tinha dificuldade em escolher e organizar-se numa tarefa, bem como dificuldade de adesão a novas propostas. Gostava muito de fazer construções, pintar com e no gelo e andar de triciclo no espaço exterior. Esta criança tinha alguma dificuldade em controlar as suas frustrações. Por vezes, apresentava dificuldades em aceitar ajuda/conforto do adulto, necessitando de algum tempo a sós.</p>		
Dados familiares		
<p>Esta criança é de etnia cigana, vivia com os pais e tinha uma irmã mais velha, que também frequentava o mesmo centro escolar. Com alguma regularidade chorava porque queria estar com a irmã.</p>		
Relações		
<p>A criança 2 tinha uma boa relação com os adultos, mas por vezes, desobediente, muito ousada e determinada nas suas escolhas. Gostava muito de brincar sozinha e tinha dificuldade em partilhar brinquedos, pelo que a sua relação com as outras crianças era reduzida e não se inseria em nenhum grupo.</p>		
Implicação		
<p>Esta criança não se implicava bem em atividades de grande grupo, principalmente nas atividades obrigatórias e dirigidas, como era o caso da escuta de uma história.</p>		

Tabela 8

Análise individualizada da criança 3

Criança 3	Data: 26/05/2021	Idade: 5 anos
Assinalar os níveis de funcionamento geral da criança (1,2,3,4,5,?)		
Bem-estar emocional: 3	Implicação: 3	
Impressão geral acerca da criança		
A criança 3 era muito expressiva, tanto na alegria, como na tristeza e na raiva que se refletia por vezes em alguma agressividade. Era conversadora, ativa e curiosa, mas com algumas dificuldades de concentração em atividades dirigidas e em grande grupo.		
Dados familiares		
Esta criança não tinha um contexto familiar estável. Na maternidade foi abandonada pela mãe, ficando apenas com o seu pai. Como o emprego do seu pai era ser segurança e trabalhava por turnos, a criança ficava a maior parte do tempo com uma tia sua, que o vinha trazer e levar à escola. Nota: Durante a implementação deste projeto, a mãe quis aproximar-se do filho, havendo conflitos entre os pais desta criança.		
Relações		
Esta criança tinha um bom relacionamento com os adultos e crianças da sala. Gostava de brincar com o grupo, em especial com a criança 6 e preocupava-se com o bem-estar de todos. Tinha alguma dificuldade em controlar as suas frustrações, por vezes, precisava de intervenção por parte do adulto no momento de arrumar os brinquedos.		
Implicação		
A criança 3 implicava-se muito bem em atividades livres, acabando por escolher muitas vezes atividades de construção e tinha muito interesse pelo cuidar dos animais. Demonstrava gostar menos de atividades dirigidas e em grande grupo.		

Tabela 9

Análise individualizada da criança 4

Criança 4	Data: 27/05/2021	Idade: 5 anos
Assinalar os níveis de funcionamento geral da criança (1,2,3,4,5,?)		
Bem-estar emocional: 4	Implicação: 4	
Impressão geral acerca da criança		
<p>A criança 4 era espontânea, proactiva, curiosa, comunicativa, carinhosa e bastante autónoma. A criança gostava de participar em atividades onde a linguagem tinha um papel de realce, gostava de falar de experiências passadas, no entanto, a articulação de algumas palavras, nem sempre eram corretas. Gostava muito de brincar ao jogo simbólico, encenava situações simples e imitava papéis sociais. Também gostava muito de participar em canções e danças.</p>		
Dados familiares		
<p>Esta criança vivia com os pais e com uma irmã mais velha. Os pais trabalhavam muito, pelo que esta criança passava muitas horas no JI. A criança relatava que passava muito tempo com a sua irmã, enquanto esta fazia os trabalhos de casa. Partilhava várias vezes que gostava muito de brincar e aprender com a irmã.</p>		
Relações		
<p>A criança 4 tinha um bom relacionamento com os adultos e crianças. Gostava de partilhar as suas ideias e sentimentos e era muito bem aceite no grupo.</p>		
Implicação		
<p>Esta criança implicava-se bem tanto em atividades livres, em pequeno grupo ou individuais, assim como em atividades de grande grupo, obrigatórias e dirigidas, como era o caso da leitura e escuta de uma história.</p>		

Tabela 10

Análise individualizada da criança 5

Criança 5	Data: 27/05/2021	Idade: 5 anos
Assinalar os níveis de funcionamento geral da criança (1,2,3,4,5,?)		
Bem-estar emocional: 3	Implicação: 4	
Impressão geral acerca da criança		
A criança 5 era meiga, carinhosa, insegura e interessada. Manifestava muito interesse pela escrita, pedindo com frequência para escrever palavras soltas.		
Dados familiares		
Esta criança vivia com os pais e com os irmãos, um com 7 anos e outro com 9 meses. O irmão de 7 anos também frequentava o mesmo centro escolar. A mãe encontrava-se desempregada e o pai trabalhava, na maioria das vezes era a mãe que os levava à escola em transportes públicos.		
Relações		
Esta criança procurava constantemente aprovação e reconhecimento por parte do adulto. Era afetuosa, procurando o contacto físico, especialmente abraços. Quanto à relação com o restante grupo, tinha uma boa relação, mas introvertida.		
Implicação		
A criança 5 não se implicava muito bem em atividades livres, por vezes não sabia bem o que fazer na sala, já nas atividades dirigidas, a maioria das vezes envolvia-se com bastante motivação, tanto em grande como em pequeno grupo ou individualmente.		

Tabela 11

Análise individualizada da criança 6

Criança 6	Data: 27/05/2021	Idade: 5 anos
Assinalar os níveis de funcionamento geral da criança (1,2,3,4,5,?)		
Bem-estar emocional: 3	Implicação: 3	
Impressão geral acerca da criança		
A criança 6 era ativa, curiosa e bastante autónoma. Gostava muito de brincar com a criança 3 na área dos jogos de construção. Esta criança tinha confiança suficiente que lhe permitia experimentar novas atividades, mais ou menos desafiadoras, explorar, dar ideias e opiniões. Manifestava muito interesse por jogos de construção e brincadeira livre.		
Dados familiares		
Esta criança vivia com os pais e o com o irmão mais novo. Partilhava com alegria que passava muitos fins de semanas na casa dos avós, onde gostava muito de brincar, principal mente na casa da árvore e com mangueiras.		
Relações		
A criança 6 tinha uma relação boa com os adultos e as crianças, apesar de ser bastante tímida.		
Implicação		
Esta criança implicava-se bem em atividades livres, acabando por escolher com frequência atividades de construção. Demonstrava menor motivação por atividades dirigidas e em grande grupo.		

Nesta caracterização de cada uma das seis crianças, para perceber o seu nível de bem-estar emocional e de implicação tive em conta a impressão geral de cada uma, na sua personalidade, nas suas preferências de brincadeira livre, ou em atividades mais dirigidas, o tipo da sua estrutura familiar e de como estabeleciam relações com as outras crianças no JI. Depois da avaliação de cada uma, conclui que os níveis de bem-estar e implicação eram de uma forma geral moderados, com a maioria das crianças (4) com nível 3; apenas a criança 4 apresenta o nível mais elevado (4) de bem-estar e implicação; a criança 1 e criança 5 apresentam um nível 4 apenas e respetivamente em bem-estar e na

implicação; a criança 2 apresenta um nível baixo (2) tanto em bem-estar como em implicação.

A criança 4 atingia os valores mais elevados, pois era uma criança espontânea, flexível e que facilmente escolhia e concentrava-se numa atividade, demonstrava persistência e criatividade. Era uma criança que evidenciava alegria e simpatia, conversava muito com as outras crianças e os adultos, era muito recetiva a novas experiências e revelava muita energia e vitalidade. Em contrapartida, a criança 2 preocupou-me com os níveis que registou (2 em ambos os níveis), não demonstrava recetividade ao contexto nem disponibilidade para interagir com as outras crianças e explorar os materiais.

8.4. Definição de objetivos e iniciativas dirigidas ao contexto

Mesmo antes da implementação do meu projeto de intervenção, foi muito importante construir a tabela 26 (Apêndice 11), inspirada na grelha 6 do SAC (p.170).

Nesta tabela defini alguns objetivos de mudança e iniciativas ou ações a desenvolver relativamente à oferta educativa, ao espaço para iniciativa/autonomia, à organização, ao clima do grupo e ao estilo do adulto que foram pontos cruciais que tive em conta ao longo da minha intervenção.

Quanto à Oferta Educativa, defini como objetivo “Renovar o espaço com materiais não estruturados” e nas iniciativas a desenvolver decidi introduzir materiais não estruturados.

Quanto ao Espaço para iniciativa/autonomia defini como objetivo “Disponibilizar materiais adequados à faixa etária e altura das crianças.” e como iniciativa, incentivar as crianças a fazerem a escolha dos materiais (na sua utilização e arrumação), tendo em conta que estes materiais estariam dispostos e acessíveis a todas as crianças.

Na Organização do contexto, defini como objetivos ouvir as crianças e estabelecer acordos, assegurando flexibilização no plano, regras e rotinas e como iniciativa disponibilizei materiais tendo em conta os interesses das crianças.

No Clima do grupo pretendia assegurar um clima de grupo positivo, onde as crianças se sentissem valorizadas, responsabilizadas, seguras e acarinhadas e como iniciativas e ações a desenvolver foram no sentido de ajudar as crianças na resolução de

conflitos, observar e escutar as ideias e opiniões das crianças e ter em consideração as suas preferências.

E por fim, mas não menos importante, o estilo do adulto, em que pretendia desenvolver a minha autoavaliação de forma regular e continuada e valorizar os comportamentos positivos das crianças, principalmente para aumentar a sua autoconfiança e autoestima. Como iniciativas e ações a desenvolver pretendia registar e principalmente refletir e corrigir, com regularidade, aspetos que teria de melhorar enquanto investigadora, pensar antes de agir, dar apoio e atenção positiva e observar e escutar as crianças no brincar para as conhecer e perceber melhor.

A consciencialização deste objetivos e iniciativas ou ações a desenvolver, ajudou-me ao longo da minha intervenção a proporcionar um ambiente “rico” em materiais, assegurar um clima de grupo positivo e permitir que as crianças desenvolvessem a sua autonomia, assegurando a flexibilização do plano, das regras e das rotinas e por fim, ao longo de todo a intervenção conseguir corrigir a qualidade das minhas intervenções enquanto investigadora.

9. Durante a Intervenção

Ao longo da intervenção tive em conta os dois objetivos específicos que defini no ponto 6.2.: “Analisar o grau de bem-estar e de implicação que cada criança evidencia ao manipular materiais não estruturados” e “Compreender as interações estabelecidas entre as crianças e os materiais”. No espaço criado com os materiais não estruturados, em que pude observar e refletir sobre cada uma das crianças, como passo a descrever no ponto seguinte, em que demonstro que foram alcançados, pois senti que a natureza dos materiais e a sua versatilidade permitiam mais facilmente que as crianças se envolvem-se e interagissem umas com as outras.

9.1. Reflexão e avaliação individual de cada criança

9.1.1. Criança 1

A criança 1 antes da intervenção revelava níveis de bem-estar e implicação moderados (4 e 3 respetivamente) e logo no primeiro dia de intervenção revelou níveis bastante baixos (2,2), visto que era uma criança bastante reservada e contida e que não tinha brincado com materiais semelhantes, a sua reação foi de ficar a observar as

interações que as restantes crianças tinham com os materiais. Neste primeiro dia, foi evidente que relativamente ao nível bem-estar, mais especificamente, o indicador da flexibilidade estava comprometido, visto que esta criança perante este contexto novo não se adaptou rapidamente e não desfrutou desta nova oportunidade (Laegers e Portugal, 2018). No entanto, apesar de no segundo dia ter sido a única criança que preferiu ir brincar para o espaço exterior do que participar no projeto, no terceiro dia (09/06), juntamente com a criança 4 decidiram construir um fogão e um forno e talvez por ter sido um dia mais calmo, em que apenas participaram três crianças (C1, C2 e C4), esta criança aumentou significativamente (2 valores) em ambos os níveis, passando do nível 2 para o nível 4. Nesta exploração da construção do fogão e do forno, ambas as crianças evidenciaram bons níveis de concentração, principalmente quando planeavam como iriam fazer esta construção, ao pensarem como na realidade os fornos e os fogões são e como é que com os materiais que tinham disponíveis conseguiriam fazer a sua construção. No quinto dia (16/06), à exceção do primeiro, foi o dia em que registou os valores mais baixos (3 em ambos os níveis), penso que esse motivo se deveu ao facto de estarem presentes seis crianças, em que o grupo, de uma forma geral, ao longo da intervenção estava mais agitado e entusiasmado com as suas brincadeiras.

No nono dia (24/06), a partir dos materiais disponíveis (rolos de cartão) e de construções que já tinham construído em dias anteriores (guitarras) decidiram que iria ser uma tarde mais descontraída, em que maioritariamente cantaram e dançaram com auxílio desses materiais. A criança sendo uma criança mais tímida, ao início estava mais reservada, mas com o desenrolar da dinâmica e com a proximidade que tinha com as restantes crianças envolvidas na brincadeira, apesar de pouco participativa, aplaudia e reagia com felicidade ao momento.

Ao longo da intervenção, nem sempre demonstrou interesse em participar no projeto, acabando por ficar a brincar no exterior sete vezes e houve um dia (25/06) que faltou ao JI. Nos restantes dias apresentou em ambos os níveis, o número 4, tendo apenas registado no dia 16/06 níveis 3 em ambos os níveis. É de salientar que para esta criança foi fundamental brincar em pequeno grupo, especialmente com as crianças C4, C7, C8 e C9, tendo em conta que eram crianças muito próximas desta criança. Esta relação ajudou a que esta criança, mais reservada, participasse nas brincadeiras que estas crianças inventavam e dessa forma, aumentasse a sua autoconfiança. Foi evidente quando na

entrevista pedi para justificarem porque é que gostaram de brincar neste novo espaço, a criança me referir “Fizemos uma tenda contigo e eu e a C9 brincamos lá e eu gostei disso.”.

Nos últimos dias esta criança já se conseguia envolver em atividades de grande grupo, como foi o exemplo no décimo quarto dia com a exploração dos tecidos. Esta criança tornou-se mais confiante e criativa, pois através da manipulação e exploração dos materiais não estruturados, tinha liberdade para brincar de acordo a sua vontade, com quem queria e com os materiais que escolhesse.

Através da análise das grelhas de observação, do diário de bordo e das entrevistas posso constatar que esta criança, em 19 dias, participou 11 e apesar de ser uma criança bastante introvertida e inibida, na entrevista quando lhe peço para numa palavra me descrever o que foram as construções para ela, me referir “Brincar”, comprovou o que eu já tinha pensado, que ao longo do tempo foi demonstrando de uma forma progressiva interesse e curiosidade pela manipulação destes materiais.

9.1.2. Criança 2

A criança 2 é importante referir que foi a menos participativa neste projeto, por opção própria. Esta intervenção foi realizada ao longo dos meses de junho e julho e nos dias em que a criança estava no espaço interior e eu juntava o grupo para participarem no projeto, ela aderiu sempre. No entanto, sempre que a minha intervenção coincidia com o tempo de brincadeira livre no espaço exterior, esta criança optou por ficar a brincar nesse espaço, visto que uma das suas brincadeiras preferidas no JI era andar de triciclo no espaço exterior.

Esta criança, antes de implementar o projeto de intervenção, mostrava níveis de bem-estar e implicação bastante baixos, nível 2 em ambos os níveis, o que revelava que a criança não se sentia bem no ambiente educativo. Apesar da pouca adesão por parte desta criança a este espaço e ter sido a que faltou mais vezes (4) e não ter participado 10, ou seja, ter participado apenas 5 dias em 19, verifiquei que quando manipulava estes materiais, o tempo de exploração aumentou gradualmente, comparando com o tempo de exploração com os materiais mais estruturados, em que mudava sistematicamente de área e/ou material, não se fixava porque não estava motivada com os materiais disponíveis. Nesta área conseguia permanecer mais tempo com cada material. Comparando com o restante grupo, o tempo de implicação é consideravelmente menor,

mas esta criança era a mais nova do grupo e raramente brincava com as restantes crianças, pois isolava-se bastante nas suas brincadeiras, especialmente com os blocos de madeira.

9.1.3. Criança 3

A criança 3 antes da intervenção revelava níveis de bem-estar e implicação moderados (3 em ambos os casos) e logo no primeiro dia revelou níveis altos (4 em ambos os níveis) e ao longo da intervenção oscilou entre os níveis 4 e 5 e atingiu níveis de implicação e bem-estar máximos em três dias consecutivos (dias 11, 16 e 17/06).

No segundo dia (04/06) esta criança replicou a construção de um computador através da observação da construção da criança 4. Durante esta construção a criança 3 recorreu ao auxílio da criança 4 para a sua construção e foi interessante perceber a forma como interagiram uma com outra, pois por norma não brincavam juntas. Nesta intervenção, a criança 3, registou em ambos os níveis, o valor 4, pois mostrou que estava recetiva ao contexto e à interação com as outras crianças e investiu muito esforço e entusiasmo ao longo da construção.

No quarto dia (11/06) foi o primeiro dia em que esta criança atingiu os níveis máximos em ambos os níveis. Inicialmente começou por explorar as caixas de grande dimensão, em que conseguiu criar um grande imaginário de possibilidades. Primeiro, começou por entrar e sair da caixa e observar com atenção o que poderia fazer com a caixa e depois juntamente com a criança 4, passaram uma manhã bastante agradável, em que através de representações de jogo simbólico bastante diversificadas, cada uma das crianças estava dentro da sua caixa e às vezes saiam para irem buscar outros elementos, mas a manhã foi passada maioritariamente dentro de cada caixa em que através do diálogo criaram um imaginário bastante rico. Foi o primeiro dia em que o foco não foi construir, fazer ou criar, foi mesmo na brincadeira, na imaginação, na criatividade e foram claros os sinais de implicação e bem-estar nesta exploração. Ambas as crianças (3 e 4), expressavam vitalidade e energia, através das sua expressão facial e postura. A criança 3 demonstrava contentamento, via-se claramente que retirava prazer do que estava a experienciar (Laevers e Portugal, 2018).

No quinto dia (16/06) na parte da manhã, esta criança explorou novamente as caixas de grande dimensão em colaboração com as crianças 4 e 6, em que cada uma era maquinista do seu comboio. Fizeram corridas para verem o qual era o mais rápido,

colocaram-se em fila, como se cada um fosse uma carruagem e ao longo da brincadeira foi evidente a alegria e vitalidade sentida por ambas as crianças. Na parte da tarde, as crianças 3 e 4, encarnaram duas personagens: o rei em teletrabalho (criança 3) e a rainha (criança 4). Inicialmente, a criança 3 começou por construir uma casa, que continha uma secretária, um computador e uma antena para conseguir ter internet. Penso que esta representação retratava as vivências que esta criança vivenciou em casa durante a pandemia. Foi claro o prazer e a autoconfiança que esta criança demonstrou quando disse para a criança 4 “Olha aqui como está a minha casa tão bonita!”. Estas duas crianças continuaram em jogo simbólico a encarnar estas duas personagens durante algum tempo e foi evidente como ficaram totalmente absorvidas na brincadeira e ocorreram momentos de intensa implicação, elevada concentração, energia, persistência e criatividade (Laevers e Portugal, 2018).

Quanto a esta criança, houve uma evolução desde do primeiro até ao último dia do projeto, principalmente na gestão de conflitos. No entanto, devido à situação familiar instável, nem sempre foi um processo contínuo: se o ambiente em casa estava mais agitado, a própria criança transparecia esse sentimento de agitação e revolta consigo, com os adultos e com os colegas; se o ambiente estava mais calmo a criança trazia ideias e replicava as suas vivências quotidianas com entusiasmo, que transmitia ao grupo, como por exemplo na exploração do *tablet* e do jogo simbólico, em teletrabalho. Através da análise das grelhas de observação, do diário de bordo e das entrevistas, posso constatar que esta criança teve um bom nível de participação neste projeto, de 19 dias participou 15. Esta criança demonstrou sempre muito entusiasmo na participação do projeto, tanto a nível individual como em grupo e este facto é evidente ao longo das explorações descritas ao longo do diário de bordo, dos registos nas grelhas de observação, bem como na entrevista, quando questiono se há alguma coisa mais que gostariam de dizer sobre este espaço, a criança responder: “Sim, a sala das construções é muito bonita. Porque tem muitas coisas para a gente brincar lá.”. Para concluir, considero que o seu tempo de concentração e envolvimento nas suas brincadeiras aumentou consideravelmente comparativamente às brincadeiras que esta criança tinha anteriormente na sala com os materiais estruturados.

9.1.4. Criança 4

A criança 4 manteve os mesmos valores (4), tanto no nível de bem-estar como no nível de implicação, antes e no fim da implementação, mas durante a intervenção chegou a atingir, quatro dias, o nível 5 em ambos os níveis. Esta criança era bastante flexível e facilmente criava uma brincadeira a partir de qualquer material e com qualquer criança.

No segundo dia (04/06) construiu um computador, reproduzindo a partir de um teclado real, que estava na sala onde se desenvolveu a minha intervenção. Ao longo da sua construção foram evidentes sinais de concentração, energia e complexidade. A atenção desta criança focou-se na construção que estava a realizar, demonstrou esforço e entusiasmo e mobilizou as suas capacidades para se dedicar a uma construção mais complexa e desafiadora (Laevers e Portugal, 2018). Estes sinais foram visíveis a partir da sua postura e entusiasmo quando dizia “tenho de fazer igual, não posso fazer de outra forma (...) e depois ainda tenho de fazer uma calculadora, igual aqui! Não sei como é que eu vou fazer tudo, mas eu vou tentar!”. No nono dia (24/06) foi uma tarde repleta de diversão, em que esta criança juntamente com a criança 7 cantaram e dançaram imenso, utilizando materiais anteriormente construídos (guitarras e microfones), foi evidente pela postura, a expressão facial e as ações que iam realizando que estas crianças se sentiam à vontade e evidenciavam vitalidade, atingindo valores máximos (5) em ambos os níveis.

Esta criança foi a mais participativa no projeto, participando 18 dias em 19 e com níveis de bem-estar e implicação máximos em 5 dias, tendo uma avaliação alta e muito regular em todos os outros dias, como se pode constatar nas grelhas de observação. Através da análise do diário de bordo e das entrevistas, podemos constatar que era uma criança muito atenta aos pormenores, participativa, colaborativa e bastante criativa. Na entrevista, quando lhe peço para justificar porque é que gostou de brincar neste novo espaço, esta criança responder “Nós podemos usar mais a nossa criatividade.” comprova realmente que ao longo da intervenção ela se sentiu à vontade para usar a sua criatividade e ainda a reforça, referindo “eu gostei muito de estar a usar a criatividade nas construções este ano e que quando viermos de férias que os meninos se divirtam muito como a gente se divertiu.”. Através desta afirmação consegui perceber que esta criança se sentiu feliz em participar neste projeto porque podia usar a sua criatividade, como ainda revelou que fica feliz que outros meninos também o possam fazer. Ao longo deste projeto, foram muitos os momentos que evidenciaram o uso da sua criatividade, logo no primeiro dia

construiu um computador, observando um teclado real, no terceiro um fogão, construiu alguns adornos (colares, perucas, coroas) e gostava particularmente de encenar personagens (reis e rainhas, pais e mães, cantores). Por fim, quando lhe peço para numa palavra descrever este projeto, me responder “Divertido”, mais uma vez comprova a felicidade e vitalidade que demonstrou ser bastante constate ao longo de toda intervenção.

9.1.5. Criança 5

A criança 5 era meiga, carinhosa, insegura e revelava falta de confiança em si mesma, tendo medo de falhar e por vezes, parecia infeliz. Manifestava muito interesse pela escrita, pedindo com frequência para escrever palavras soltas, mas o facto de faltar com regularidade, não permitiu criar uma consistência na manipulação com estes materiais, bem como na interação com o restante grupo. Esta criança procurava constantemente aprovação e reconhecimento por parte do adulto e o facto de ser insegura e ter pouca autoestima, não lhe permitia implicar-se em atividades livres, por vezes demonstrava não saber o que fazer.

A partir das grelhas de observação e do diário de bordo percebemos que esta criança faltou 3 vezes e não participou no projeto outras 3, ou seja, em 19 intervenções esteve presente em 13. Quanto ao nível de bem-estar houve três dias que registou o nível 3 e no dia 23/06 também registou o nível 3. Nos restantes registou o nível 4. Apesar desta criança ter tido uma evolução no nível de bem-estar antes e depois da intervenção, tendo registado antes da intervenção o nível três e no fim o nível 4. Notei que a sua insegurança, juntamente com as vezes que faltava à escola não a ajudavam a sentir-se bem neste espaço. Durante a intervenção foram frequentes as vezes em que me pediu auxílio quando não precisava, demonstrava muito falta de autoconfiança e autoestima e quando brincava com outras crianças e a sua ideia não era acolhida, por vezes chorava e não conseguia gerir a situação a nível emocional.

No quinto dia (16/06), juntamente com a criança 4, através de um fio e CD's construíram colares que as acompanharam ao longo de outras brincadeiras. Após esta construção, com o meu auxílio e através da colaboração C4 que cortava pedaços de fita cola e entregava à C5 que os colava numa caixa de cartão, construíram um carro e no final a C5 reconheceu que gostou da construção que fez, quando me disse “olha Inês, o meu carro tem luzes à frente e atrás.”.

No oitavo dia (23/06), na parte da manhã, a criança 5 esteve a brincar comigo com os blocos de madeira e paus de gelado, cápsulas de café e rolos de papel higiénico, em que o objetivo era colocar o máximo de objetos, sem deixar cair. Na parte da tarde, tendo em conta o gosto que esta criança manifestava pela escrita, propus-lhe a escrever num pedaço de cartão o nome do hotel: “Hotel dos sonhos”, na construção feita pela criança 6, sugestão que ela aceitou e que lhe trouxe felicidade pelo resultado final. Na entrevista evidencia que gostou de brincar neste novo espaço “Porque tem muitos brinquedos e nós podemos brincar.” e quando lhe peço para numa palavra me descrever este projeto refere “Criatividade”.

9.1.6. Criança 6

A criança 6, juntamente com a criança 3, foram as que revelaram maior evolução no grupo de intervenção, quanto aos valores dos níveis de bem-estar e implicação. Para esta criança, bastou mudar o espaço, sair daquele contexto (sala) e disponibilizar-lhe materiais diferentes que lhe despertaram curiosidade e interesse, para que os seus níveis de implicação e bem-estar mudassem significativamente. Na sala, esta criança circulava muito e mantinha-se pouco tempo em cada área, mas neste projeto, a criança conseguia fixar-se envolvida no seu projeto. Refiro-me, por exemplo, à construção do “Hotel dos sonhos”: começou a construí-lo no primeiro dia e permaneceu no seu desenvolvimento até ao último dia, inclusivamente no fim, levou-o para casa e a sua mãe, alguns dias após ter terminado o estágio, enviou-me vídeos desta criança a dar continuidade ao projeto, já durante as férias escolares.

Esta criança surpreendeu-me logo no primeiro dia, após a leitura da história “Não é uma caixa”, que ouviu com muita atenção e disse logo que queria construir um hotel, com caixas de cartão, rolos e fita cola e com bastante entusiasmo e precisão começou de imediato a sua construção. Logo neste primeiro dia senti que ocorreram momentos de intensa atividade mental, em que a criança questionava como haveria de fazer e simultaneamente ia experimentando e reformulando o seu projeto. Nos primeiros dias esta criança questionava-me imenso, principalmente quanto à utilização dos materiais, mas ao longo do tempo foi-se tornando bastante autónoma nas suas escolhas de materiais, na sua utilização e manipulação. Ao longo dos dias foi dando continuidade à construção inicial, também procurava o meu apoio e, com o entusiasmo que lhe transmitia nas suas interpelações, ela sentia-se desafiada e a sua imaginação não parava,

como evidenciou logo a seguir, colocando um fio ligado a um tubo e ao hotel e me disse “agora o hotel já tem eletricidade Inês!”.

No quinto dia (16/06), foi a primeira vez que esta criança deixou de brincar e explorar os materiais de forma individualizada e começou a juntar-se com as crianças 3 e 4: brincaram aos comboios, cada uma dentro de sua caixa (de grandes dimensões), exploraram o espaço e interagiram muito umas com as outras. Nesta brincadeira, foram evidentes alguns indicadores do bem-estar emocional, como a vitalidade e a alegria, em que as três crianças ao longo da brincadeira transbordavam de energia, demonstravam contentamento através dos risos e conversas que tinham umas com as outras. No final desta intervenção, esta criança decidiu construir um comboio sozinha (Figura 21) e a forma como o fez, foi muito inspirada pela história “O pequeno inventor” lida no segundo dia. No sexto dia (17/06), assim que chegou, quis partilhar com o grupo que em casa, o seu pai lhe tinha ensinado o que era uma roldana e foi logo construir uma com uma bobine e dois tubos. No sétimo dia (18/06), mais uma vez, já vinha com uma ideia prévia do que queria construir, neste caso decidiu construir uma piscina, em que pensou em alguns detalhes (como o tubo para escoar a água ou a prancha). No oitavo dia (23/06), esta criança partilhou que em casa tinha aprendido com o seu pai a fazer uma caixa de papel e que queria ensinar os amigos a fazerem também (Figura 35).

Com a partilha do oitavo dia, fiquei a perceber que este projeto, para esta criança em particular, já se estava a estender até ao contexto familiar e foram várias as evidências que provaram que esta criança vivia intensamente este projeto. Foram muitas as vezes que esta criança tinha pensado o que iria construir antes de vir para o espaço. Ao longo dos dias (fora da intervenção), falava várias com muito entusiasmo das suas explorações e construções e foi claro quando, na entrevista, questioneei qual o espaço que mais gostavam de brincar, responder-me “o espaço das construções” e o que mais gostou de brincar nesta área ter sido “fazer o hotel dos sonhos”.

A criança 6 antes da intervenção situava-se em níveis de bem-estar e implicação moderados (nível 3) e no fim do projeto aumentou para 5 no nível de bem-estar e 4 no nível de implicação, o que revelou que teve uma ótima evolução.

10. Depois da intervenção

10.1. Avaliação da implementação das iniciativas

No fim da minha intervenção, voltei à tabela 26 (Apêndice 11) para completar com a avaliação geral da minha intervenção e da implementação das iniciativas que me propunha realizar.

Para melhor responder à oferta educativa, observei, ouvi e percebi os interesses e necessidades das crianças e através da caracterização individual de cada criança, presente nas tabelas 6 à 11, consegui conhecer melhor cada criança, o que me facilitou no processo de escolha das atividades e materiais adequados. Proporcionei um contexto educativo mais rico, apelativo, desafiador, diversificado, que estimulou a criatividade e aumentou a implicação e bem-estar das crianças.

O Espaço para iniciativa ou autonomia foi um dos meus focos deste projeto, visto que defendo que é através da promoção da autonomia das crianças que estas melhor aprendem e se desenvolvem de uma forma holística. Procurei oferecer-lhes o espaço e tempo necessário para realizarem o seu próprio trajeto de desenvolvimento ao seu ritmo, permitindo a livre iniciativa de cada criança, não impondo atividades obrigatórias, estereotipadas e iguais para todos. A exploração dos materiais era feita livremente e estava associada à sua escolha, que estes lhes davam na concretização das suas iniciativas e projetos. Procurei responsabilizar as crianças por tarefas diárias, como arrumar os materiais todos nos respetivos lugares. No caso da utilização dos tecidos, material que não tinham contactado naquele contexto, desde do primeiro dia que expliquei uma das formas de os dobrar e colocar no expositor, que inicialmente era uma tarefa difícil para a maioria das crianças, mas com a prática e interajuda foram aperfeiçoando a técnica e reforçavam a relação entre pares. Inicialmente, por estarem habituados a um contexto mais dirigido, ainda questionavam com muita frequência o que fazer e como fazer, recorrendo ao meu auxílio, demonstrando que tinham falta de confiança nas suas ações. Mas com o decorrer dos dias de intervenção perceberam a dinâmica e já eram elas que se entretinham, mostrando como se fazia, diziam onde estava e como arrumar o material. Quanto à duração da exploração destes materiais, que nem sempre foi a melhor porque houve algumas brincadeiras significativas que se prolongariam no tempo, se não fossem interrompidas porque tínhamos que libertar aquele espaço para respeitar a organização e rotinas internas do contexto educativo.

Quanto à organização do contexto consegui promover um clima de confiança, segurança, rico e estimulante em que dava liberdade às crianças para que tomassem iniciativa, que explorassem e manipulassem os materiais até conseguirem concretizar os seus projetos, tendo em conta as suas preferências e dessa forma aumentarem a sua autonomia.

É crucial com frequência avaliarmos a qualidade da relação que estabelecemos com as crianças e entre as crianças, porque essa é a base para um contexto educativo seguro e criador de um sentimento de pertença. Por isso, quanto ao clima do grupo, escutava com atenção as suas intervenções, ajudava-as a desenvolverem as suas ideias e a resolverem conflitos entre si, através do diálogo. Criei uma relação empática com o grupo, através do respeito e valorização por cada uma e estimulava o respeito mútuo entre as crianças.

Quanto ao estilo do adulto, considero que mais importante do que avaliarmos a nossa prática é corrigirmos a qualidade das nossas intervenções. Enquanto investigadora cresci muito ao longo da minha intervenção, pois inicialmente, pela minha insegurança, questionava com regularidade as crianças, por estar preocupada com o produto final que eventualmente surgiria daquela construção, mas percebi que mais importante do que estarem a construir algo com vista a um resultado final, seria focar-me no momento presente e nas interações que estabeleciam entre pares e na forma como manipulavam os materiais.

10.2. Avaliação global da intervenção

Para melhor poder avaliar a pertinência da introdução dos materiais não estruturados no JI, pelos resultados na avaliação dos níveis de bem-estar e de implicação no grupo das seis crianças no meu grupo de estudo, apresento de seguida a Tabela 12, que demonstra os resultados antes e no fim da intervenção, de acordo com os registos feitos na Tabela 23 (Apêndice 4) e de imediato se confirma a pertinência da sua introdução pela melhoria apresentada em todas as crianças.

Tabela 12*Níveis de bem-estar e implicação antes e no fim da intervenção*

	Antes da intervenção		Fim da intervenção	
	Bem-Estar	Implicação	Bem-Estar	Implicação
Criança 1	4	3	4	4
Criança 2	2	2	3	3
Criança 3	3	3	5	4
Criança 4	4	4	5	4
Criança 5	3	4	4	4
Criança 6	3	3	5	4

Da análise desta tabela comparativa de resultados dos níveis de bem-estar e implicação das crianças antes e no fim da intervenção, em conclusão posso afirmar que neste caso de estudo, tanto os níveis de bem-estar, como de implicação melhoraram durante a minha intervenção. Os níveis subiram em todas as crianças, com a exceção de uma criança (C1) no nível de bem-estar que manteve o bom nível (4) e de duas crianças (C4 e C5) que também mantiveram o seu nível de implicação (4). Mas três crianças (C3, C4 e C5) atingiram o mais alto nível de bem-estar (5) nunca antes atingido neste grupo.

Tanto a criança 3 como a criança 6 foram as que evidenciaram maior evolução, principalmente no nível de bem-estar, em que passaram do nível 3 (antes da intervenção) para o nível 5 (fim da intervenção) e penso que o motivo principal tenha sido a “liberdade” que eu permitia que eles tivessem na escolha e utilização dos materiais e o facto de os ouvir, valorizar e colaborar com os seus interesses e projetos, fez com que criassem uma relação bastante positiva comigo e com as outras crianças.

10.3. Experiência vista pelos intervenientes

Para melhor perceber a influência que este projeto provocou neste grupo, decidi fazer entrevistas às crianças que nele participaram, bem como aos adultos que estiverem envolvidos no mesmo, nomeadamente, à EC, às AO e às famílias e também entrevistei mais três crianças que utilizaram muito este espaço, mas não entrevistei a criança 2, por não estar presente no dia das entrevistas.

10.3.1. Experiência vista pelas crianças

O tratamento dos dados referentes às entrevistas respeitou a ordem das questões colocadas, sendo que apresento de seguida as seis questões mais relevantes para o estudo, com a informação em formato de tabelas, de forma a sintetizar toda a informação recolhida e no final faço uma pequena leitura das mesmas.

A entrevista realizada às crianças foi organizada em catorze questões, sendo que nove foram direcionadas para a perceção geral do JI e cinco para a perceção do novo espaço. Analisarei, de seguida, apenas seis das questões que considero pertinentes para este projeto de intervenção. No início da entrevista expliquei aos/às entrevistados/as qual o objetivo e conteúdo da mesma, assim como não haviam respostas corretas ou erradas e pedi autorização para gravar a entrevista (Apêndice 2).

Tabela 13

Área que as crianças gostaram mais de brincar

“Qual é a área da sala em que gostam mais de brincar?”	N.º de Criança
“As construções.”	C9
“O <i>tablet</i> .”	C8
“Nas construções!”	C3 e C6
“Robótica.”	C4
“No <i>tablet</i> .”	C5
“Eu gosto do <i>tablet</i> .”	C7
“O espaço das construções.”	C1

Nesta questão 50% das crianças referiu que a área que mais gostavam de brincar era a área das construções, onde tinha introduzido os materiais não estruturados, em que uma destas crianças, a C9, era uma das 3 entrevistadas que não fazia parte do projeto.

As restantes opções dadas por 2 das crianças que não estiveram permanentemente no projeto, a C7 e a C8, e pela C5 que fazia parte do grupo de estudo, referenciaram o *tablet*, objeto novo introduzido recentemente na sala de atividades e que marcou as vivências daqueles dias, assim como a Robótica referenciada como preferência da C4, que faz parte do grupo de estudo, também esta uma nova área introduzida em sala naqueles dias.

Tabela 14

Justificação de gostarem de brincar nesta nova área

“Gostaram de brincar nesta nova área?”	Justificação	N.º de Criança
“Sim.”	“Porque eu gostei muito de fazer construções.”	C9
“Sim.”	“Porque brinquei e me diverti muito.”	C3
“Sim.”	“Nós podemos usar mais a nossa criatividade.”	C4
“Sim.”	“Porque tem muitos brinquedos e nós podemos brincar.”	C5
“Sim!”	“Porque nós fizemos uma casa e fizemos unhas com molas.”	C7
“Sim!”	“Fizemos uma tenda contigo e eu e a C9 brincamos lá e eu gostei disso.”	C1
“Sim.”	“Porque consegui fazer muitas construções.”	C6
“Para mim, mais ou menos.”	“Porque quero brincar e mais e depois vêm nos dizer que temos que ir para a casa de banho.”	C8

Nesta questão todas as crianças responderam que gostavam de brincar nesta nova área, com exceção da C8 que respondeu “mais ou menos”, precisamente porque até gostou muito e não gostava de ser interrompida nas suas brincadeiras neste espaço para cumprir outras rotinas, como ir à casa de banho, o que é revelador de grande interesse pela área. Depreende-se destas respostas que esta área lhes proporcionou muita brincadeira e diversão, onde fizeram muitas brincadeiras e construções relacionadas com as suas fantasias e interesses, onde conseguiram estabelecer relacionamentos significativos entre elas e também comigo.

Tabela 15

O que mais gostaram de brincar nas construções

“O que mais gostaram de brincar nas construções?”	N.º de Criança
“Eu foi de brincar com os tecidos.”	C1
“Eu foi de cantar e dançar.”	C7
“Eu gostei mais de brincar com o meu computador.”	C8
“Eu foi ter feito a cabana.”	C9
“Fazer o hotel dos sonhos.”	C6
“Eu gostei de fazer a minha máscara do Batman.”	C3
“Fazer, deixa-me pensar... Fazer as casas que a gente constrói.”	C4
“Fazer a tenda e estar dentro da tenda.”	C5

Quanto a esta questão, as respostas foram todas muito diversificadas, o que é revelador de que estes materiais não estruturados proporcionaram mesmo experiências e vivências únicas, que lhes possibilitaram uma tal implicação, na sua individualidade, nos seus interesses, nas suas fantasias, nos seus imaginários e nos seus quotidianos, que puderam concretizar como expressam nestas respostas.

Tabela 16

Perceção sobre a exploração destes materiais em suas casas

“Na vossa casa, vocês também brincam com cartão e com estes materiais?”	N.º de Criança
“Não.”	C8 e C9
“Eu não.”	C6 e C1
“Eu também não.”	C3
“Eu não, a minha mãe não compra. Só tenho uma tesoura.”	C4
“Eu não!”	C5
“Eu não brincava, mas ontem com a minha prima C9 fizemos uma casa com cartão. Ela vive no mesmo prédio que eu.”	C7

Quanto a esta questão, todas as crianças admitiram que não brincavam com este tipo de materiais nas suas casas, mas percebi que não o faziam porque não estavam despertas para a sua utilização. Com este projeto, como refere a C7, penso que, como ela,

outras deverão ter ficado despertas para a utilização deste tipo de materiais nas suas brincadeiras em qualquer lugar e com outras crianças, o que foi revelador de que estes materiais também potencializam as relações entre pares.

Tabela 17

Perceção do novo espaço (numa palavra)

“Numa palavra, conseguem-me dizer o que foi as construções para vocês?”	N.º de Criança
“Brilhante.”	C9
“Espetacular.”	C8
“Fixes e Radicais.”	C3
“Fantástico.”	C6
“Divertido.”	C4 e C7
“Criatividade.”	C5
“Brincar.”	C1

Relativamente à opinião destas crianças sobre as construções, esta foi bastante positiva. Todas revelam observações qualitativas de muito agrado, desde “brilhante”, “espetacular”, “fixes e radicais”, “fantástico”, “divertido”, “criatividade” e “brincar”, o que é indicativo de que com estes materiais, estas crianças conseguiram bem-estar e implicação.

Tabela 18

Opinião sobre o espaço

“Não tenho mais perguntas para vos fazer, há alguma coisa mais que gostavam de dizer sobre este espaço?”	N.º de Criança
<p>“Eu quero dizer mais uma coisa, o papelão não é só para reciclar, também podemos inventar com o papelão.”</p> <p>“Sim, a sala das construções é muito bonita. Porque tem muitas coisas para a gente brincar lá.”</p>	C3
<p>“Ah que eu gostei muito de estar a usar a criatividade nas construções este ano e que quando viermos de férias que os meninos se divirtam muito como a gente se divertiu.”</p>	C4
<p>“Eu gosto de brincar com a C9 e com a C1 às casinhas nas construções e também à piscina.”</p>	C7
<p>“Sim, que o que eu mais gostei foi e brincar às costureiras com a C9.”</p>	C8

Esta última questão de resposta facultativa, foi respondida por 4 crianças, duas delas fora do grupo de observação, mas que se mostraram muito interessadas e participativas ao longo de todo o projeto, o que de certo modo veio comprovar a sua inclusão nesta entrevista. O *feedback*, foi bastante positivo. Desde a interiorização que fez a C3, sobre a importância da reutilização dos materiais, para as suas invenções e brincadeiras; ao interesse pelo jogo simbólico, tão potenciado nesta área em que a C7 e a C8, transmitem grande gosto pelas brincadeiras que aí concretizaram umas com as outras, referenciando mesmo com quem brincaram ; e por fim a mensagem transmitida pela C4, que me deixou cheia de orgulho, não só pelo gosto que lhe deu a ela, mas especialmente pelo que ela transmitiu em gostar que outras crianças a seguir possam vir a divertir-se como ela se divertiu naquele espaço. Esta resposta foi para mim reveladora de que estes materiais e toda a dinâmica criada ao logo do projeto, estimularam a interação entre crianças e foram geradores de bem-estar e de implicação.

10.3.2. Experiência vista pelos adultos

10.3.2.1. Educadora Cooperante

Através da entrevista percebi que EC considerava pertinente a utilização de materiais não estruturados em contexto de JI, referenciando que “dá largas à imaginação deles e, portanto, eles tornam-se mais criativos, mais independentes e (...) pela curiosidade e pelo despertar da sua imaginação e da sua criatividade.”

Quanto à forma como o grupo reagiu a este novo espaço, esta considerou que o grupo reagiu muito bem, mostrando muito interesse e muita vontade de fazer coisas e de todos quererem participar. Considera que houve alterações na dinâmica do grupo, especificamente em cada criança. Ficou surpreendida com a vontade de participar do V (C6), referiu que o MF (C3) mostrou muito interesse e a MC (C4) também, mas desta criança não ficou muito surpreendida. Referiu ainda que a Z (C24) que por norma não a víamos com vontade de participar em nada, mostrou muito interesse em participar neste projeto.

A EC considerou que as crianças beneficiaram com a participação neste projeto, referindo que o que mais a surpreendeu foi perceber a vontade que estas tinham em participar em fazer coisas diferentes. Também questionei se no próximo ano, quando estivesse a seleccionar os materiais que iria disponibilizar ao seu grupo, os materiais não estruturados estariam incluídos e a resposta foi “Sim, definitivamente!”.

No final pedi que fizesse um balanço do projeto. A EC referiu que os aspetos positivos foram “(...) a grande motivação das crianças para a participação, principalmente algumas crianças mais difíceis que se mostraram interessadas e que foi um desafio muito positivo para elas.” Quanto aos desafios para a EC, esta referiu como obstáculo, a dificuldade em arranjar os materiais, bem como ter dentro da sala um espaço amplo.

10.3.2.2. Assistentes Operacionais

Tabela 19

Pertinência da utilização dos materiais não estruturados no JI

“Considera pertinente a utilização de materiais não estruturados em contexto Jardim de Infância? E porquê?”
AO1: “Sim porque eles adoraram, a alegria deles era muito visível. Estavam como queriam! A Inês deixava-os brincar livremente.”
AO2: “Sim, porque conseguem ganhar autonomia para fazer as coisas e estimulam a sua criatividade.”
AO3: “Sim, considero mesmo imprescindível, porque as crianças precisam de construir e desconstruir.”

Nesta questão ambas as assistentes operacionais afirmaram que consideravam pertinente a utilização destes materiais, pois consideram que as crianças gostavam, se tornavam mais autónomas e estimulava a sua criatividade. E ainda referiram a importância de construir e desconstruir e de brincarem de uma forma livre.

Tabela 20

Perceção da reação do grupo ao novo espaço

“Como considera que o grupo reagiu a este novo espaço?”
AO1: “Reagiu muito bem, senti que houve muita adesão do grupo.”
AO2: “Eles adoram isto! Eles reagiram muito bem. Foi uma novidade e eles gostaram muito desta nova situação. Eu acho que isto é muito bom.”
AO3: “Penso que reagiram muito bem, aliás por vezes até choravam que queriam ir para as construções. Assim que a Inês chegava perguntavam sempre se podiam ir contigo.”

Quanto à reação do grupo a este novo espaço, também foi unânime a opinião de todas as assistentes operacionais. Ambas afirmam que o grupo reagiu bem.

Tabela 21

Perceção do balanço da minha intervenção

“Fazendo um balanço, acha que foi positivo?”
AO1: “Foi muito positivo.”
AO2: “Completamente.”
AO3: “Foi muito positivo mesmo, foi excelente!”

Na questão sobre o balanço geral deste projeto, também todas as assistentes operacionais consideraram que foi positivo.

Tabela 22

Opinião geral sobre o projeto

“De momento, recorda-se de algo mais que considere que seja pertinente em relação aos aspetos abordados?”
AO1: “Foi um projeto que gostei muito, as crianças não estavam nada à espera e adoraram.”
AO2: “Acho que foi muito positivo, foi uma ideia excelente porque para além deles gostarem muito, foi uma experiência nova, que mesmo eu não conhecia, portanto, acho que foi um projeto muito bem conseguido.”
AO3: “Só tenho de acrescentar que acho que este trabalho foi muito importante para os meninos e que te desejo a maior sorte do mundo.”

Relativamente à última questão, as assistentes operacionais disseram que gostaram muito, que foi positivo, que foi uma experiência nova, que as crianças não estavam nada à espera e adoraram e por fim admitiram que foi um trabalho importante para as crianças.

10.3.2.3. Famílias

Tendo em conta a situação pandémica que estávamos a viver, bem como o contexto do JI onde estava inserida, decidi que a forma mais segura de obter informação seria ter uma breve conversa informal à porta do JI, quando as famílias vinham entregar ou buscar as crianças. Apesar de ter conseguido falar com todas as famílias, apenas uma mãe me deu um *feedback* com mais informação. As restantes famílias responderam-me apenas “Para ser sincera, não sei, ela fala tanto!”, “Peço desculpa mas não sei, estou com pressa!”, “Sim, ele é muito feliz na escola.”, não permitindo que aprofundasse muito a informação. Relativamente à família que me forneceu mais informação, quando me cruzei

com esta mãe e a abordei, foi curioso porque me perguntou se podíamos antes falar ao fim do dia, porque no dia anterior tinha estado a escrever um texto que me queria entregar, o qual coloco nos anexos (Figura 3). Este *feedback* foi mesmo muito importante para mim, porque como referi, os constrangimentos da situação pandémica e a forma como a comunicação era feita na instituição não nos permitia ter muito *feedback* das nossas práticas e o facto desta mãe ter escrito este bilhete e ter conversado comigo, permitiu-me perceber melhor o impacto que este projeto teve na criança 6. Através deste bilhete, obtive a confirmação do impacto que o meu projeto teve no desenvolvimento da autonomia, com este comentário “Não sabia que ele já sabe dobrar lençóis”. Uma tarefa aparentemente tão simples mas que ficou marcada nesta família. Através da conversa, a mãe perguntou-me se podia levar a construção do “Hotel dos sonhos” para casa porque esta criança já o tinha pedido várias vezes. Eu permiti e foi interessante perceber o *feedback* que mantivemos ao longo das férias escolares, em que a mãe partilhou alguns vídeos com a continuidade da exploração desta construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por base a minha inquietação em contexto de estágio curricular, que decorreu no ano letivo 2020-2021, na observação que fazia da interação que aquelas crianças tinham entre si e com os materiais em sala, e dos contributo que eu poderia trazer para aquele contexto educativo, com uma prática pedagógica diferente, através da introdução de outro tipo de materiais, que melhorassem o bem-estar daquelas crianças e aumentassem o seu nível de implicação e envolvimento nas atividades de JI.

Durante 19 dias da minha intervenção com materiais não estruturados, compreendidos ente o dia 2 de junho e o dia 9 de julho de 2021, com um grupo de seis crianças, foi possível recolher os dados relativos aos níveis de bem-estar e implicação do grupo, através do diário de bordo (Apêndice 1), das entrevistas (Apêndices 2 e 3) e das grelhas de observação (Apêndice 4).

Ao longo do processo desta intervenção tive em conta alguns princípios de ética, como informar os participantes sobre o projeto que desenvolvi, em relação ao processo e à divulgação de resultados. Respeitei e garanti os direitos daqueles que participaram neste projeto, pedi autorização para divulgar os dados que foram recolhidos e por fim, garanti a confidencialidade da informação obtida e ocultei o rosto de todas as crianças nas fotografias presentes neste estudo.

O objetivo deste trabalho foi refletir sobre a pertinência da introdução de materiais não estruturados no JI e perceber se as oportunidades de experiências com este tipo de material não estruturado promoverem ou não níveis de bem-estar e de implicação nas crianças e qual a natureza das interações que se estabelecem entre crianças num contexto educativo com materiais não estruturados.

Com a implementação e desenvolvimento deste projeto, percebi que as crianças devem ser “as próprias desenhistas das suas obras, não apenas pensando-as, mas, também, construindo-as, colocando em ação, dessa forma, teoria e prática.” (Dubovik & Cippitelli, 2018, p. 12), porque só assim elas se sentem implicadas nos processos e podem sentir bem-estar em permanecer nesses contextos educativos.

Considero que estes materiais não estruturados, que fui introduzindo ao longo da minha intervenção, foram pertinentes não só pelo que permitiram e ajudaram no desenvolvimento da imaginação, criatividade e interação das crianças entre si e com os materiais, mas também porque o seu uso e as suas múltiplas reutilizações, também contribuíram para uma poupança de recursos naturais, que foram poupados pelas muitas

e variadas utilizações. Estes materiais em contexto educativo, tomaram e ganharam nova(s) vida(s) nas construções, brincadeiras e criações das crianças e tornámo-nos mais amigos do ambiente. As crianças ficaram mais sensibilizadas e despertas para o aproveitamento de certos materiais em detrimento do seu abandono ou envio para o lixo. Desta forma também contribuímos para um ambiente mais sustentável, atingimos uma maior consciencialização e responsabilização ambiental, materializada em pequenos gestos como a reutilização e aproveitamento de materiais, aumentando o seu tempo de vida neste tipo de projetos educativos, que nos cabe a nós enquanto educadores/as, ser veículos de transmissão destes valores aos homens do futuro, que são as nossas crianças de hoje.

Na dinamização deste projeto surgiram alguns constrangimentos, nomeadamente ruído por parte dos adultos e crianças presentes no JI, visto que utilizámos um espaço partilhado com pessoas exteriores ao projeto. Por esse motivo, a duração da intervenção também foi curta, na parte da manhã teríamos de arrumar tudo porque à hora de almoço era o local onde os adultos almoçavam e na parte da tarde teríamos de arrumar e limpar tudo porque era o local onde as crianças do Pré-Escolar lanchavam. Este constrangimento não possibilitou a continuidade de certas brincadeiras.

Por estarmos em contexto de pandemia, a Covid-19, infelizmente não foi possível as crianças trazerem materiais das suas casas, o que teria sido uma mais valia para este projeto, não só pela maior diversidade de materiais, mas principalmente pela partilha e pela maior proximidade e comunicação com as famílias. Foi também um constrangimento e acredito que se não estivéssemos a viver tempos com algumas regras de controlo à pandemia, com muitas restrições ao nível da circulação de materiais de casa para o JI e vice-versa e no contacto com as famílias, também muito mais restrito, estas interações teriam sido muito mais ricas e frutíferas.

O que me leva a concluir que os materiais não estruturados e toda a sua dinâmica, desde a recolha, a disponibilização e arrumação até à sua manipulação e utilização em construções e brincadeiras, podem proporcionar sem dúvida, momentos e experiências geradoras de muita implicação em contexto de sala em JI, mas também nas famílias e com a comunidade, porque promovem comunicação, implicação e bem-estar entre partes, pelas relações que se podem estabelecer e pelas criações que se conseguem concretizar.

Quanto às vantagens deste projeto saliento que praticamente todos os materiais escolhidos foram adquiridos de forma gratuita e foram conseguidos através de contactos de proximidade em que os/as dadores dos materiais ficavam sensibilizados e felizes ao perceberem que o que para elas era lixo, para mim tinha uma intencionalidade educativa. Daí a importância de mostrar algumas evidências depois da minha intervenção, a quem colaborou com este projeto na cedência de materiais.

Após esta intervenção considero que é crucial um/a educador/a reorganizar a sua sala e que para tornar as suas áreas de atividades em JI mais apelativas e participativas, basta muitas vezes fazer apenas a substituição de materiais demasiados estruturados e convencionais, por materiais não estruturados, que não têm uma finalidade específica, mas que se tornam apelativos porque proporcionam à criança a possibilidade de explorar as suas habilidades criativas, relacionadas muitas vezes com experiências e outras aprendizagens consolidadas nas suas relações familiares e sociais. E que o papel do/a educador/a é maioritariamente de observador, com a intenção de descobrir as suas necessidades e interesses nas brincadeiras livres e encontrar materiais que vão ao encontro dessas orientações; apoiar as atividades através de estímulos específicos e intervenções enriquecedoras; alargar as possibilidades de iniciativa livre e apoiá-la através de regras coerentes e de acordos; aprofundar as relações com cada criança e entre crianças, tentando melhorá-las e introduzir atividades que estimulem a criança a explorar o mundo dos comportamentos, sentimentos e valores. (Laevers, 2011).

Quanto aos objetivos que me propus responder, considero que nos primeiros dias houve crianças que não sabiam bem o que fazer, provavelmente por estarem em contacto com materiais que nunca tinham estado e notei que ao longo dos dias da intervenção iam diversificando mais na escolha e conjugação de materiais. Constatei que ao longo da intervenção se iam tornando mais autónomas na sua manipulação, pois inicialmente recorriam muito a mim como primeira hipótese e ao longo do tempo, quando não conseguiam mesmo pediam ajuda a um amigo.

Avalio a minha intervenção como extremamente positiva e motivante para estas crianças e para mim, porque obtive a confirmação da pertinência dos materiais não estruturados, uma vez que estes geraram mudança naquele contexto educativo e que os objetivos específicos foram atingidos, já que a promoção do bem-estar e de implicação das crianças aconteceu, uma vez que houve melhoria dos graus de bem-estar e de

implicação em todas as crianças no fim da minha intervenção no grupo de estudo (Tabela 12)

Obtive assim a confirmação do meu ideal pedagógico, que consegui desenvolver e pretendo continuar a desenvolver com as crianças que se irão cruzar na minha vida profissional, como educadora de infância: disponibilizar às crianças materiais não estruturados, a baixo custo, com múltiplas utilidades em função da sua imaginação e criatividade, mas acima de tudo que as crianças encontrem nesses materiais e/ou objetos algo com que se identifiquem por aquilo que já conhecem das suas vivências familiares, escolares ou sociais e as transportem para estas atividades em contexto educativo, de forma individual ou de grupo e que também transportem para suas casas os conhecimentos, as experiências de sucessos ou fracassos, que as ajudaram a aprender, desenvolver e crescer na concretização de ideias e projetos no JI.

Foi com enorme satisfação que constatei na maior parte dos dias de observação, que este grupo conseguiu realizar os seus projetos com os mais diversos materiais que tive oportunidade de disponibilizar e que estes também despertaram interesse e curiosidade nas outras crianças da sala, que mesmo não pertencendo ao grupo de estudo, sempre que possível e em concordância com a EC, tiveram oportunidade de experimentar, especialmente uma dessas crianças que em sala não se interessava pela maioria das atividades, mas neste contexto com a livre exploração e manuseio destes materiais não estruturados, conseguia acalmar e manter-se durante mais tempo a brincar, construir ou simplesmente a observar os colegas, tranquila e serena.

Quero também expressar, que foi com muita alegria que tive a confirmação do grande entusiasmo e interesse da criança 6, na continuidade deste projeto, “Hotel dos Sonhos”, quando esta quis levar a sua construção para casa para lhe dar continuidade, conforme a sua mãe mesmo depois de concluído o ano letivo, continuava a dar-me *feedback* dessa construção do “Hotel dos Sonhos” em sua casa, onde esta criança continuava a inventar mais construções e embelezamento daquela construção iniciada no JI.

Confirmo com esta intervenção que é mesmo pertinente o uso e utilização destes materiais no JI, por serem precisamente não estruturados, ou seja, os mesmos materiais permitem várias e múltiplas utilizações, permitem ligarem-se entre si de diferentes formas em função do imaginário daqueles que os usam, naquele espaço e momento,

como por exemplo as rolhas de cortiça que a criança 2 esteve a arrumar em diferentes posições, para ver como conseguia meter dentro de uma caixa de ovos em maior número (Figura 31), que no seu imaginário se transformaram em pipocas dentro de uma panela que depois partilhou com os amigos (Figura 32) e, que aquelas mesmas rolhas de cortiça e caixa de ovos noutro momento podem ser e ter outra utilização completamente diferente, ou aquele pedaço de tecido azul que estendido no chão foi o mar da praia, assim como de seguida a envolver a criança se transformou num manto, ou sobre as mesas e cadeiras se transformou numa tenda.

Por outro lado, as crianças ao relacionarem-se com este tipo de materiais, pela liberdade que lhes proporcionei para as suas múltiplas criações, dando-lhes tempo de exploração, manipulação e descoberta, em que as crianças se iam implicando cada vez mais ao longo dos dias de intervenção com os materiais e umas com as outras, iam ganhando uma maior confiança e autonomia e aumentavam o seu nível de bem-estar e de implicação, que se refletia na sua vontade em permanecerem naquele espaço por mais tempo e pedirem frequentemente à EC para irem para as construções.

Foi evidente que estas crianças se sentiram parte dos seus projetos, pois foram as suas ideias e imaginários que se foram construindo e concretizando com materiais bem diversos que lhes estavam acessíveis.

Nesta intervenção também posso confirmar que foram estabelecidas interações entre as crianças e os materiais não estruturados, pela influencia de experiências, conhecimentos e vivências que algumas crianças transportaram das suas famílias para as suas invenções/construções e brincadeiras, como por exemplo a construção de computadores e teclados com cartão de caixas que quase todas as crianças em observação fizeram, pois por causa da pandemia, viviam-se tempos em família de teletrabalho, com irmãos/primos/amigos a terem aulas à distância também em casa por computador, assim como através do jogo simbólico nas encenações e representações que faziam de reis e rainhas, pais/mães e filhos.

Neste projeto percebi que muitas vezes “menos é mais” e que um brinquedo que se compre, nem sempre ou quase nunca é melhor a nível pedagógico do que materiais não estruturados, tal como afirma L’Cuyer (2016) “As pilhas devem nascer de dentro da criança.” (p.63), não é o brinquedo que deve funcionar, mas sim a criança deve ter a iniciativa através da brincadeira.

Como “menos é mais” gostava de terminar reforçando a importância da liberdade que devemos dar às crianças de hoje e de sempre, na certeza de que mais do que fazer, construir, produzir, produzir e produzir, devemos dar espaço e tempo para não se fazer, para não se construir, “apenas” brincar, “olhar o mundo sem pensar em nada” e “sentir o sol” como cantam os Quatro e Meia na música “Sentir o Sol”, uma das minhas músicas preferidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (2ª ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.

Antoinette, P. (2010). *Não é uma caixa!*. Lisboa: Editorial Presença.

Araújo, M. J. (2009). *Crianças Ocupadas*. Prime Books.

Bento, G., & Portugal, G. (2016). Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. *Revista Iberoamericana de Educación*, vol.72.

Bodgan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução a teoria e aos métodos*. Porto Editora.

Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao Ar Livre. Oportunidades de desenvolvimentos e de aprendizagem fora de portas*. Porto Editora.

Cardona, M. (1999). *O Espaço e o tempo no Jardim de Infância*. Pro Posições. 10(1). 133-138

Casey, T. & Robertson, J. (2016). *Loose Parts Play*

Coelho, A. (2017). Brincar e pedagogia em educação de infância. *Cadernos de Educação de Infância*. (112). 98-100

Daly, L. & Beloglovsky, M.(2015). *Peças Soltas – inspirando o brincar nas crianças*. APEI

- Dubovik A. & Cippitelli. (2018). *Construção e Construtividade – Materiais naturais e artificiais nos jogos de construção*. Phorte Editora. (p. 12, 14, 16, 18- 20, 22, 23, 28, 30, 32, 34)
- Duk, H. & Mi-ae, C. (2010). *O pequeno inventor*. Orfeu Negro
- Falcão, M., Leite, T. & Pereira, T. (2021). *Educação Artística 2010-2021 (E-book)*. Escola Superior de Educação de Lisboa. Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais.
- Flannigan, C. & Dietze, B. (2017). *Children, Outdoor Play, and Loose Parts*. *Journal of Childhood Studies*, 42(4).53-54
- Horta, M. H. (2016). A organização e a gestão de um ambiente “comunicativamente estimulante” à luz das novas OCEPE. *Cadernos de Educação de Infância*. (108). 26
- Jeffers, O. (2021). *O que vamos construir*. Orfeu Negro
- Law, S. & Leichter-Saxby, M. (2015). *Loose Parts Manual – The DIY guide to rating a playground in a box*. Play Ground Ideas
- L’Ecuyer, C. (2016). *Educar na curiosidade – como educar num mundo frenético e hiperexigente?*. Planeta
- Moyles, J. (s.d.). *A cultura do brincar e a infância*. Tipos do brincar.
- ME. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças – A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto Editores

Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2006). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora

Oncu, E. (2015). Preschoolers' Usage of Unstructured Materials as Play Materials Divergently. *Education Journal*. 4(9). 9-10.

Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Formação Contínua.

Portugal, G. & Laevers, F. (2018). *Avaliação em Educação Pré-Escolar: Sistema de Acompanhamento das Crianças*. Porto Editora.

Portis, A. (2010). *Não é uma caixa*. Presença

Tomás, C. (2017). Para além de uma visão dominante sobre as crianças pequenas: gramáticas críticas na educação de infância. *Revista Humanidades e Inovação*. 4(1). 13-16.

Legislação

ONU – Declaração Universal dos Direitos da criança

ANEXOS

Figura 3

Feedback da mãe da criança 6

Olá Inês!

O [redacted] fala de si de uma maneira que nem tenho palavras para explicar. Não há um dia que não fale de si e da Joana, nem que seja para me dizer "hoje a Inês e a Joana não foram à escola!". Nem sabia que ele já sabe dobrar lençóis, quando lhe perguntei onde ele tinha aprendido, disse "dobrei na escola com a Inês".

Nestes últimos dias tem tentado deconar que vai para o JI de Sta Apolónia, só para lhe dizer, quem sabe se a Inês também vai para lá? Também há aquele episódio "eu também quero ter três mães, como a Sofia. Tu, a Inês e a Joana". Não tenho ciúmes, por ele ter dito isto. Estou muito grata por sentir que o meu filho gosta muito de vocês e, se ele sente isto é porque vocês cuidam bem dele.

Tenho certeza que serão umas ótimas educadoras de infância e agradeço de coração por fazerem o meu filho feliz.

Obrigado por toda a dedicação

Beijinhos

"A Inês faz o meu fofet comigo?"

JI Lonato

2019

"A Inês ajuda-me nas construções"

APÊNDICES

Diário de Bordo

No primeiro dia coloquei alguns materiais dispostos em prateleiras de cartão (expositor de supermercado), que pintei e identifiquei por “Peças Soltas” e em caixas de plástico duro e cartão reutilizadas, acessíveis a todas as crianças (Figura 4) e tive a preocupação de os colocar em diversidade e quantidade suficientes para o número de crianças que participaram neste projeto.

Figura 4

Materiais expostos no primeiro dia



paredes, em que utilizou cartão e para unir todos estes materiais utilizou fita-cola incolor e colorida. À exceção da criança 1 que ficou a observar a interação das restantes crianças como os materiais, as restantes crianças começaram por ir experimentando os materiais dispostos, ligando-os como lhes fez mais sentido.

Figura 5

Capa do livro "Não é uma caixa"



2 de junho de 2021
(quarta-feira)

Observadora: Inês Damas

11h00 – 11h45

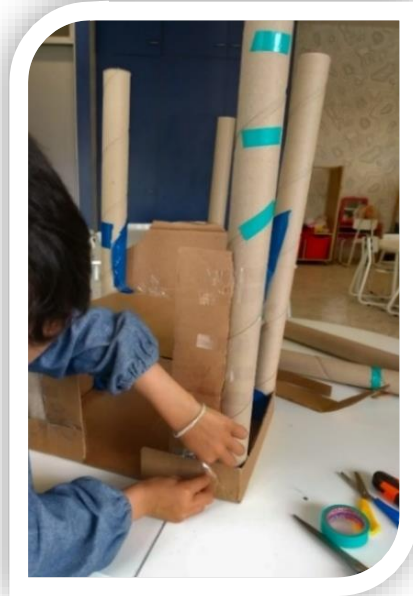
Local: laboratório

1.ª Observação

Iniciei este projeto com a leitura do livro “Não é um caixa” de Antoinette Portis (Figura 5), para motivar e estimular o grupo, no sentido de perceberem que através de apenas uma caixa de cartão, com a imaginação e criatividade de cada um poderiam criar/construir o que elas quisessem. Após a leitura, permiti que explorassem os materiais livremente, para perceber a primeira reação deles com os materiais. A criança 6 decidiu começar a construir um hotel (Figura 6), em que se preocupou em colocar uns alicerces, onde utilizou para esse efeito uns tubos compridos e rijos e a base do hotel, bem como as

Figura 6

A criança 6 a iniciar a construção de um hotel



No segundo dia, comecei por fazer a leitura do livro "O pequeno inventor" de Hyun Duk & Cho Mi-ae (Figura 7) com a intenção do grupo perceber através a história do Noma, como se pode fazer a construção de um comboio de cartão, mas que é necessário ter em conta alguns procedimentos para conseguirmos construir o que

Figura 7

Capa do livro "O Pequeno Inventor"



pretendemos. Neste caso, Noma

primeiro pensou no material necessário para construção do seu comboio, fez o planeamento e quando não sabia algo perguntava à sua mãe e quando esta também não tinha a resposta, procurava em livros. No processo de montagem, ele diz-nos que é preciso esforço e dedicação e no final da história conclui-se que qualquer um de nós pode ser um "pequeno inventor".

Após a leitura desta história, a criança 6 decidiu continuar a construção do seu hotel, começando por construir dois andares e com

um fio ligado a outro tubo, afirmou "agora o hotel já tem eletricidade Inês!" (Figura 8). A criança 6 também criou um colar com um fio e carrinhos de linhas (Figura 9). A criança 4 decidiu construir um computador, com auxílio de um teclado real, que estava na sala, em que procurou ao máximo copiar todos os elementos presentes no teclado. Ao longo da construção, foi falando "tenho de fazer igual, não posso fazer de outra forma (...) e depois ainda tenho de fazer uma calculadora, igual aqui! Não sei como é que eu vou fazer tudo, mas eu vou tentar!". A criança 3 ao observar o resultado final da criança 4 (Figura 10) decidiu também fazer um computador, tendo usado como referência o mesmo teclado.

4 de junho de 2021
(sexta-feira)

Observadora: Inês Damas

11h00 - 11h45

Local: laboratório

2.ª Observação

Figura 8

Continuação da construção do hotel

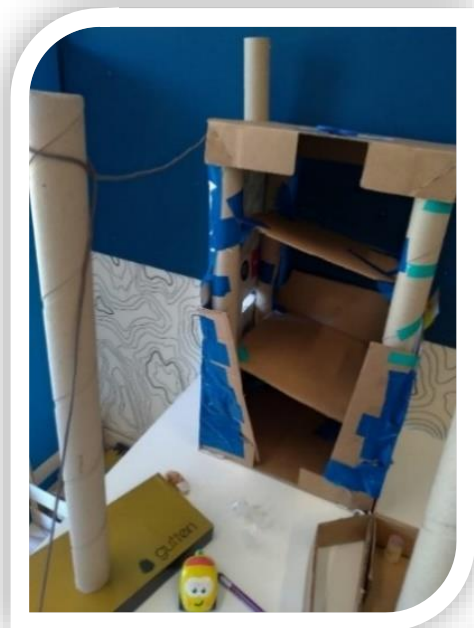


Figura 9

A criança 6 com um colar



Figura 10

Relatório final da construção do computador



No terceiro dia, a criança 1 e 4 decidiram construir um fogão e um forno. A criança 4 com a ajuda da criança 1 começou a desenhar (Figura 11) como pretendiam fazer essa construção. A criança 1 sugeriu que as cápsulas de café fossem usadas como botões e fez um prato, através de um CD coberto com fita-cola azul e branca (Figura 12). Estas crianças dialogaram bastante enquanto concretizavam o seu projeto e cooperaram entre si nas diversas tarefas.

Dia 9 de junho de 2021
(quarta-feira)

Observadora: Inês Damas

11h00 - 12h00

Local: laboratório

3.ª Observação

Figura 11

Planeamento do fogão e do forno



Figura 12

Construção do fogão e do forno



No quarto dia, as crianças 3 e 4 estiveram a explorar umas caixas de grande dimensão de cartão, de forma individualizada, foi um momento de grande exploração, diversão e brincadeira (Figura 13).

Figura 13

As crianças 3 e 4 a brincarem com as caixas de cartão



11 de junho de 2021
(sexta-feira)

Observadora: Inês Damas

11h00 - 12h00

Local: laboratório

4.ª Observação

A criança 2 construiu uma pista para os carrinhos (Figura 14), com tubos de cartão e tacos de madeira. A criança 3 fez um gelado (Figura 15), a partir de um pau de gelado e de uma bobine de linhas, uma guitarra (Figura 16), através de cartão e fita cola e à medida que ia juntando diferentes materiais ia construindo diferentes objetos, dando largas à sua imaginação e criatividade: "Estou a fazer um cotonete.", "Agora vai ser uma espada", "Tenho um chapéu", "Estou a beber vinho!" (Figura 17).

Figura 14

A criança 2 a brincar na pista que construiu



Figura 15

A criança 3 a brincar com o gelado que construiu



Figura 16

A criança 3 a brincar com a guitarra que construiu



Figura 17

A criança 3 com o seu "copo de vinho"



É de referir que ao longo da quarta observação houve muito ruído e interferências externas, por parte de algumas assistentes operacionais, de outras crianças da minha sala e de crianças da outra sala que entraram várias vezes neste espaço, perturbando desta forma a dinâmica do grupo. As crianças pertencentes a este projeto não conseguiram concentrar-se e fizeram uma exploração mais individualizada dos materiais e demonstraram menos tempo de concentração.

No quinto dia, as crianças 4 e 5 decidiram fazer colares, através de um fio e CD's (Figura 18) e continuaram a trabalhar de forma colaborativa noutro projeto: enquanto a criança 4 cortava os pedaços de fita cola com a tesoura e entregava à criança 5 (Figura 19), a criança 5 colava-os na sua caixa, que faziam de luzes do carro. "Olha Inês, o meu carro tem luzes à frente e atrás." (Criança 5)

16 de junho de 2021 (quarta-feira)
Observadora: Inês Damas
11h00 - 12h00 e 14h00 - 15h00
Local: laboratório
5.ª Observação

As crianças 3, 4 e 6 brincaram aos comboios através da exploração das caixas de cartão de grande dimensão (Figura 20). A criança 6 decidiu construir um comboio sozinha, com uma tesoura cortou as abas da caixa, com cartão fez uns círculos para fazerem de rodas e utilizou um tubo grande de cartão e fita-cola para fazer uma chaminé (Figura 21).

Figura 18

Colares feitos com fio e CD's pelas crianças 4 e 5

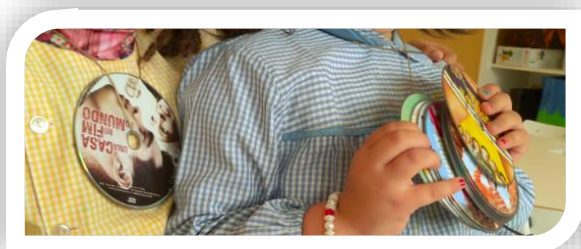


Figura 20

As crianças 3, 4 e 6 a brincarem aos comboios



Figura 19

As crianças 4 e 5 de forma colaborativa

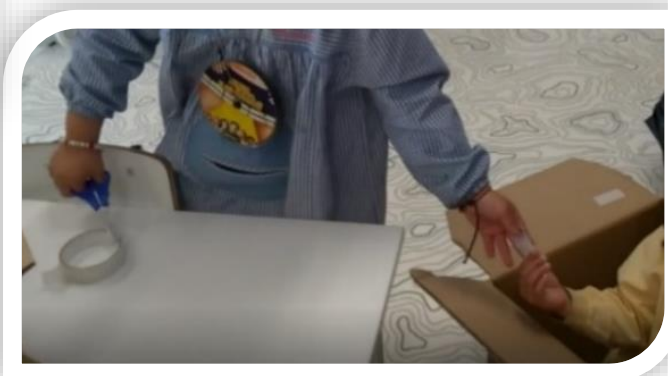


Figura 21

A criança 6 a construir um comboio



A criança 4 interessou-se por um novelo de lã que colocou em cima da sua cabeça e disse para a criança 7 “olha C7, a minha peruca!” e a criança 7 ao vê-la, disse que também queria uma igual. Tendo em conta que era um novelo grande, que inicialmente teriam de brincar à vez, chegaram à conclusão que se o dividissem podiam ter duas perucas em simultâneo (Figura 22) e dessa forma pediram-me e dividiram o novelo de lã ao meio e ficaram muito contentes e divertidas.

Figura 22

As crianças 4 e 7 com perucas feitas de lã



As crianças 3 e 4 tiveram algum tempo no jogo simbólico: a criança 3 a encarnar a personagem de rei em teletrabalho (Figura 23) e a criança 4 de rainha. A criança 3 começou por construir uma casa, em que fez uma secretária com cartão, foi buscar o computador que já tinha construído noutra dia e colocou um tubo grande de cartão com uma bobine em cima a fazer de antena para conseguir ter internet e virou-se para a criança 4 e disse "Olha aqui como está a minha casa tão bonita!". Estas duas crianças continuaram em jogo simbólico a encarnar estas personagens durante algum tempo (Figura 24), verbalizando algumas expressões como "Dá-me! Essa é a madeira do meu bebé" e a criança 4 corrigiu, dizendo, "Do nosso bebé!!". Após alguma conversa entre as duas crianças, a criança 3 diz num tom baixo "O bebé já está a dormir, faz pouco barulho...".

Figura 23

A criança 3 (o rei) em teletrabalho



Figura 24

A criança 4 (a rainha) a colocar o código para entrar em sua casa



No sexto dia, a criança 6 partilhou com o grupo que em casa o pai tinha-lhe ensinado que uma roldana servia para puxar coisas, como por exemplo, a água dos poços. Depois foi buscar uma bobine e dois tubos e construiu uma (Figura 25). A criança 8, após ter visto as construções dos outros computadores, também decidiu construir um (Figura 26).

17 de junho de 2021 (quinta-feira)
Observadora: Inês Damas
11h00 – 12h00
Local: laboratório
6.ª Observação

Figura 25

A criança 6 feliz com a construção da sua roldana

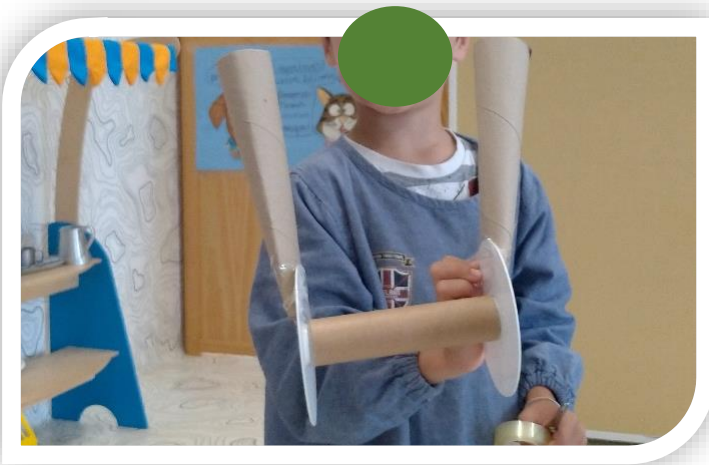


Figura 26

A criança 8 a construir o seu computador



O sétimo dia começou com a criança 6 a dizer-me “Inês, hoje quero construir uma piscina!” e sozinho, com uma caixa de grandes dimensões começou a sua construção. Escolheu e reaproveitou uma caixa que já não tinha duas das abas laterais e começou por fazer um buraco para colocar um tubo para a água entrar e sair (Figura 27). No final, fez uma ranhura e colocou um pedaço de cartão retangular a fazer de prancha (Figura 28).

18 de junho de 2021
(sexta-feira)

Observadora: Inês Damas

11h00 – 12h00

Local: laboratório

7.ª Observação

Figura 27

A criança 6 a colocar o tubo na piscina

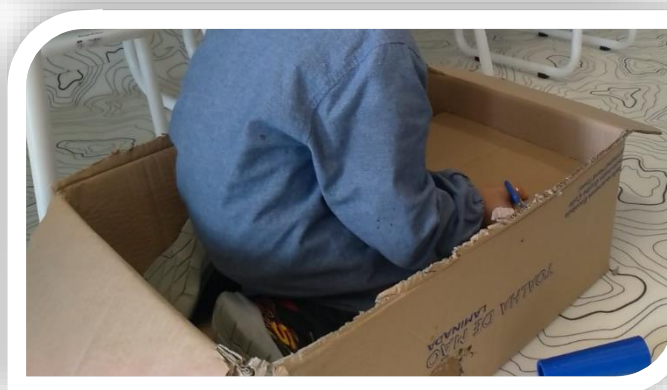


Figura 28

A criança 6 a construir a prancha na sua piscina



No oitavo dia a criança 5 esteve a brincar comigo com os blocos de madeira e paus de gelado, cápsulas de café e rolos de papel higiénico, em que o objetivo era colocar o máximo de objetos, sem deixar cair (Figura 29). A criança 3 construiu um comboio com diferentes materiais (Figura 30), mas ficou muito agitada porque numa fase da construção queria utilizar uma caixa que estava a ser utilizada pela criança 2 e teve de aguardar. A criança 2, através de algumas rolhas de cortiça, com muita precisão e concentração tentou colocá-las bem arrumadinhas dentro de uma caixa de ovos (Figura 31) e logo a seguir, dentro de outra caixa, andou a distribuí-las pelos amigos, como se fossem pipocas (Figura 32). A criança 3, apesar de tentar distrair-se com outros materiais, por exemplo, quando pegou num dos blocos de madeira e duas tampas e me disse "olha Inês, estou a jogar Super Mário no meu tablet!" (Figura 33). A certa altura, cansada de esperar e irritada foi destruir a construção do hotel, construído pela criança 6. Decidi intervir nesta situação, explicando à criança 6 que aquela destruição podia significar o efeito de uma tempestade e apesar da criança 6 ter ficado triste com a situação, com a minha ajuda, começou a reconstruir essa construção. Através de rolos de papel de cartão acrescentou um escorrega (Figura 34). Esta criança partilhou que em casa tinha aprendido com o seu pai a fazer uma caixa de papel e que queria ensinar os amigos a fazer também (Figura 35). A criança 5 também se juntou na reconstrução do hotel e como ela gostava muito de escrever, propus-lhe a ser ela a escrever num pedaço de cartão o nome do hotel "Hotel dos sonhos". Ela aceitou e ambas ficaram felizes com o resultado final. A criança 6 ainda fez duas piscinas, uma vedação, uma antena e umas escadas para o escorrega (Figura 36).

Figura 29

A criança 5 a fazer uma construção com materiais



Figura 30

Construção do comboio feita pela criança 3



Figura 31

A criança 2 a colocar rolhas de cortiça dentro de uma caixa de ovos



Figura 32

A criança 2 a partilhar as "pipocas" com os amigos



Figura 33

A criança 3 a brincar com o seu "tablet"



Figura 34

A construção do escorrega do hotel



Figura 35

A caixa feita com papel pela criança 6



Figura 36

O "Hotel dos sonhos" com duas piscinas, uma antena e uma vedação



No nono dia, as crianças 4 e 7 pegaram numa guitarra, construída anteriormente em cartão, e com um tubo de cartão a fazer de microfone deram um pequeno concerto, em que cantaram músicas que lhes eram familiares (Figura 37). Foi um momento bastante divertido, em que as restantes crianças aplaudiram, dançaram e sugeriam músicas.

Figura 37

As crianças 4 e 7 a darem um pequeno concerto



24 de junho de 2021
(quinta-feira)

Observadora: Inês Damas

14h00 - 15h00

Local: laboratório

9.ª Observação

No décimo dia, a criança 4 e outra criança da sala brincaram ao jogo simbólico, em que ela era a rainha e a outra era o príncipe, o seu filho. A criança 5 construiu uma coroa e uma proteção para os braços, com cartão, rolo de cartão e fita-cola.

Nota: O registo deste dia foi apenas com suporte às notas de campo.

25 de junho de 2021 (sexta-feira)
Observadora: Inês Damas
1400 - 15h00
Local: laboratório
10.ª Observação

No décimo primeiro dia decidi trazer o livro "O que vamos construir" de Oliver Jeffers (Figura 38), com a intenção de os sensibilizar para a importância dos materiais, das pessoas e das suas relações. Expliquei que os materiais são realmente necessários para construir o que idealizamos, mas mais importante do que isso é a relação e a interajuda entre as pessoas. Pois no oitavo dia de observação a ajuda dos colegas para a reconstrução do "hotel dos sonhos" foi fundamental para que a criança 6 não desistisse do seu projeto.

28 de junho de 2021 (segunda-feira)
Observadora: Inês Damas
11h00 - 12h00
Local: laboratório
11ª Observação

Figura 38

Capa do livro "O que vamos construir?"



No décimo segundo dia introduzi um material novo, os tecidos, de diferentes cores, tamanhos e texturas (Figura 39), que as crianças exploram em brincadeira livre, tendo-os usado em vestes que os transformavam em pessoas/personagens de acordo com o seu imaginário (Figura 40). As crianças utilizaram molas e a tesoura para cortar cordões que atavam para fixar os tecidos nos seus ornamentos, no fim da brincadeira com ajuda uns dos outros dobraram e arrumaram os tecidos nos respetivos sítios. Outras crianças preferiram o jogo de construção com os blocos de madeira (Figura 40).

29 de junho de 2021 (terça-feira)
Observadora: Inês Damas
14h00 - 15h00
Local: laboratório
12.ª Observação

Figura 39

Diversos tecidos (novo material)



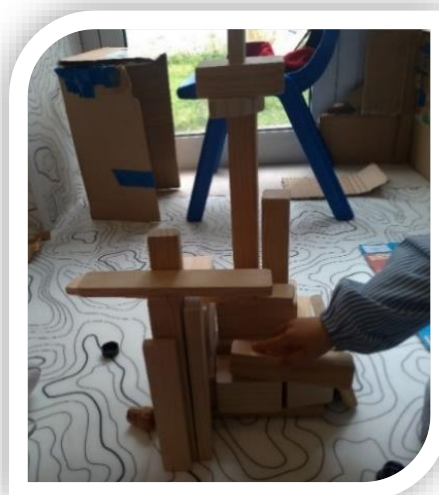
Figura 40

Algumas crianças a explorarem de diferentes formas os tecidos



Figura 41

Construção feita com os blocos de madeira



Neste décimo terceiro dia, a exploração foi a partir de caixas de cartão grandes, como é visível na figura 42: construíram uma pequena cidade com estas caixas, havia casas apenas com um, dois ou três habitantes. Nesta situação encarnaram os diferentes papéis sociais, do pai, da mãe, do/a filho/a e comunicaram muito entre todos.

Neste dia constatei que já havia muito mais autonomia na escolha e manuseamento dos materiais.

30 de junho de 2021 (quarta-feira)
Observadora: Inês Damas
11h00 – 12h00
Local: laboratório
13.ª Observação

Figura 42

Construção de uma pequena cidade com caixas de cartão



No décimo quarto dia, as crianças 1 e 5 através da utilização dos tecidos de cores diferentes, contruíram uma praia. Posteriormente, a criança 1 juntou-se a outro grupo e em conjunto com a criança 4 e mais duas crianças brincaram aos pais e filhos, em que através novamente dos tecidos construíram uma grande cabana. A criança 3 construiu um castelo com as caixas de cartão e outra construiu com os blocos de madeira um menino.

1 de julho de 2021
(quinta-feira)

Observadora: Inês Damas

11h00 - 12h00

Local: laboratório

14.ª Observação

Nota: O registo deste dia foi apenas com suporte às notas de campo.

No décimo quinto dia, as crianças 1, 4 e 9 construíram uma cabana com tubos grandes e rijos, fio, cadeiras e tecidos (Figura 43). Já as crianças 6 e 3 continuaram a associar-se muito nos seus projetos, construíram uma casa com uma caixa de correio em cooperação (Figura 44).

Dia 2 de julho de 2021
(sexta-feira)

Observadora: Inês Damas

11h00 - 12h00

Local: laboratório

15.ª Observação

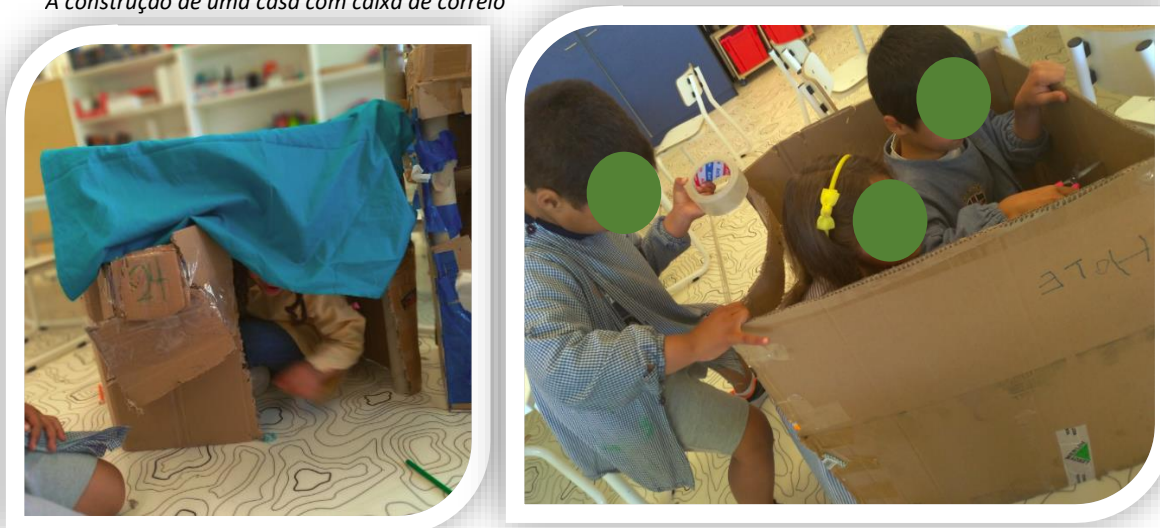
Figura 43

As crianças 1, 4 e 9 a construírem uma cabana



Figura 44

A construção de uma casa com caixa de correio



No décimo sexto dia, por acordo com a EC, pelo interesse comprovado das crianças da sala que não faziam parte do grupo de observação, mudámos o laboratório para a sala deste grupo, que incluía os diversos materiais não estruturados disponíveis, bem como as construções anteriormente criadas, ficando os materiais acessíveis a todo o grupo (Figura 45). Retirámos duas áreas da sala (biblioteca e jogos de chão) para ganhar espaço para a colocação destes materiais e a dinâmica da sala passou a incluir esta área (Peças Soltas) para todo o grupo. Neste novo espaço, continuaram a construção do dia anterior, acrescentaram na casa, uma campainha, um telhado e uma secretária (Figura 46).

5 de julho de 2021 (segunda-feira)
Observadora: Inês Damas
11h00 - 12h00
Local: laboratório
16.ª Observação

Figura 45

Laboratório dentro da sala



Figura 46

As crianças 3 e 6 a construírem uma secretária e um telhado



O décimo sétimo e o décimo oitavo dia foram dias de grande exploração, especialmente pelas crianças da sala que não fizeram parte do grupo de estudo, em brincadeira livre e mais individualizada, aproveitando os objetos construídos nos dias anteriores pelas outras crianças e a construção e equilíbrio com os tacos de madeira (Figura 47).

6 e 7 de julho de 2021
(terça e quarta-feira)

Observadora: Inês Damas

11h00 - 12h00

Local: laboratório

17.ª e 18.ª Observação

Figura 47

As crianças a manipularem os materiais não estruturados



No décimo nono dia, tendo em conta que desde os primeiros dias que comecei esta intervenção, foram várias as vezes que algumas das crianças me pediram para pintarem as suas construções, por forma a corresponder aos seus interesses, mas não me distanciando do meu foco que seria a manipulação de materiais não estruturados e não a pintura dos mesmos. Propus que pintassem com tintas naturais a partir de alguns desperdícios alimentares, como a beterraba e espinafres, dos quais fizemos tintas, pintaram alguns objetos que lhes fizessem sentido (Figura 48).

Dia 9 de julho de 2021
(sexta-feira)

Observadora: Inês Damas

11h00 - 12h00

Local: laboratório

19.ª Observação

Figura 48

As crianças a pintarem alguns dos materiais não estruturados



Apêndice 2 – Guiões das entrevistas

Guião de Entrevista - Crianças

Local da entrevista: Sala das AAAF (Atividades de Animação e Apoio à Família)

Recursos:

Telemóvel (com a aplicação: Gravador);

Guião da entrevista (impresso);

Folhas;

Caneta/Lápis.

Tipo de Entrevista: Semiestruturada

Entrevistados: Individual/Pares

Bom dia/Boa tarde.

Como sabes, estou a desenvolver um trabalho para entregar na minha escola e era importante para mim perceber o que tu achaste da experiência que tiveste ao manipular estes materiais.

Neste sentido, queria pedir a tua autorização para a realização de uma pequena entrevista, onde irei colocar algumas perguntas sobre esta experiência. É importante que saibas que não existem respostas corretas ou erradas. O meu objetivo é que te sintas bem e o mais à vontade possível durante esta entrevista. Por fim, queria pedir a tua autorização para gravar esta entrevista, com recurso a este telemóvel. É necessário fazê-lo porque não conseguiria memorizar tudo o que tens para me dizer.

Autorizas que esta entrevista seja gravada?

Obrigada pela tua disponibilidade e se concordares passamos à realização da entrevista.

Podemos começar?

[Vou começar por fazer algumas perguntas sobre o Jardim de Infância...]

Perceção geral do JI

- 1- Gostas do JI? E porquê?
- 2- O que mais gostas de fazer no JI?
- 3- O que menos gostas de fazer no JI?
- 4- Qual o espaço que mais gostas no JI? E porquê?
- 5- Qual o espaço que menos gostas no JI? E porquê?
- 6- Quais as tuas brincadeiras preferidas?

- 7- O que mais gostas de brincar sozinho/a?
- 8- Se pudesses escolher onde passar a maior parte do tempo no JI, o que escolhias? E porquê?
- 9- Se pudesses mudar alguma coisa no JI, o que mudavas?

[Agora, vamos falar um pouco sobre este novo espaço...]

Perceção do novo espaço

- 10- Quais são as áreas da sala em que gostas mais de brincar?
(casinha, biblioteca, jogos de chão, jogo de mesa, robótica, computador/tablet, peças soltas)
- 11- Gostaste de brincar nesta nova área? Porquê?
- 12- O que mais gostaste de brincar no novo espaço?
- 13- Na tua casa, também brincas com estes materiais?
- 14- No próximo ano, gostavas de continuar a ter este espaço? E porquê?
- 15- Numa palavra, diz-me o que achaste deste espaço.

Não tenho mais perguntas para te fazer, há alguma coisa mais que gostavas de dizer sobre este espaço?

Obrigada pela tua colaboração.

Guião de Entrevista – Educadora Cooperante

Local da entrevista: Sala das AAAF

Recursos:

- Telemóvel (com a aplicação: Gravador);
- Guião da entrevista (impresso);
- Folhas;
- Caneta/Lápis.

Tipo de Entrevista: Semiestruturada

Destinatária: Educadora de Infância

Objetivo: Compreender a perceção da educadora sobre o impacto que a manipulação de materiais não estruturados pode trazer ao seu grupo.

Bom dia/Boa tarde.

Sou aluna de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação e no âmbito da unidade curricular de Prática Educativa I, estou a desenvolver um pequeno estudo, que tem como objetivo perceber o impacto que a manipulação de materiais não estruturados pode trazer ao seu grupo.

Deste modo, peço a sua autorização para a realização de uma entrevista, onde irei colocar uma série de questões, em torno deste tema. Informo que toda a informação recolhida através desta entrevista destina-se apenas e exclusivamente à realização de um trabalho de natureza académica e garantir-lhe que se assim o entender, nunca o seu nome verdadeiro será associado a qualquer informação que me venha a transmitir. Se quiser, podemos até acordar um pseudónimo sobre o qual será identificado posteriormente. É importante também que saiba que não existem respostas corretas ou erradas e que a entrevista não tem uma duração pré-definida. Quero que se sinta totalmente à vontade para voltar atrás se assim o entender, não responder a algumas questões, ou até mesmo desistir de participar neste estudo, se for também essa a sua vontade. O meu objetivo, é que se sinta o mais à vontade possível durante esta entrevista.

Por fim, quero pedir-lhe autorização para gravar esta entrevista com recurso a este telemóvel. É necessário fazê-lo porque não conseguiria memorizar tudo o que venha a dizer, e também porque este procedimento simples, que não interfere em nada com a nossa conversa, facilitará bastante o tratamento e a análise posterior dos dados. Autoriza que a entrevista seja gravada?

Agradeço desde já toda a sua disponibilidade e se concordar passamos de imediato à realização da entrevista.

Podemos começar?

1. Considera pertinente a utilização de materiais não estruturados em contexto Jardim de Infância? E porquê?
2. Como considera que o grupo reagiu a este novo espaço?
3. Conseguiu observar alterações na dinâmica do grupo? Se sim, quais?
4. Considera que as crianças beneficiaram com a sua participação nesta experiência? Que tipo de benefícios?
5. Na sua opinião, de que outra forma podia ser feita a exploração e a otimização destes materiais?

6. No próximo ano, quando estiver a selecionar os materiais que irá disponibilizar ao grupo, os materiais não estruturados estarão incluídos?
7. Quais os pontos positivos e os desafios em relação a este projeto?/ Fazendo um balanço, considera que foi positivo? Se sim, porquê?

De momento, recorda-se de algo mais que considere que seja pertinente em relação aos aspetos abordados?

Obrigada pela sua disponibilidade.

Guião de Entrevista – Assistentes Operacionais

Bom dia/Boa tarde.

Sou aluna de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação e no âmbito da unidade curricular de Prática Educativa I, estou a desenvolver um pequeno estudo, que tem como objetivo perceber o impacto que a manipulação de materiais não estruturados pode trazer ao seu grupo.

Deste modo, peço a sua autorização para a realização de uma entrevista, onde irei colocar uma série de questões, em torno deste tema. Informo que toda a informação recolhida através desta entrevista destina-se apenas e exclusivamente à realização de um trabalho de natureza académica e garantir-lhe que se assim o entender, nunca o seu nome verdadeiro será associado a qualquer informação que me venha a transmitir. Se quiser, podemos até acordar um pseudónimo sobre o qual será identificado posteriormente. É importante também que saiba que não existem respostas corretas ou erradas e que a entrevista não tem uma duração pré-definida. Quero que se sinta totalmente à vontade para voltar atrás se assim o entender, não responder a algumas questões, ou até mesmo desistir de participar neste estudo, se for também essa a sua vontade. O meu objetivo, é que se sinta o mais à vontade possível durante esta entrevista.

Por fim, quero pedir-lhe autorização para gravar esta entrevista com recurso a este telemóvel. É necessário fazê-lo porque não conseguiria memorizar tudo o que venha a dizer, e também porque este procedimento simples, que não interfere em nada com a nossa conversa, facilitará bastante o tratamento e a análise posterior dos dados. Autoriza que a entrevista seja gravada?

Agradeço desde já toda a sua disponibilidade e se concordar passamos de imediato à realização da entrevista.

Podemos começar?

1. Considera pertinente a utilização de materiais não estruturados em contexto Jardim de Infância? E porquê?
2. Como considera que o grupo reagiu a este novo espaço?
3. Conseguiu observar alterações na dinâmica do grupo? Se sim, quais?
4. Na sua opinião, de que outra forma podia ser feita a exploração e a otimização destes materiais?
5. Fazendo um balanço, acha que foi positivo?

De momento, recorda-se de algo mais que considere que seja pertinente em relação aos aspetos abordados?

Obrigada pela sua disponibilidade.

Feedback das famílias

Bom dia/Boa tarde.

Sou aluna de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação e no âmbito da unidade curricular de Prática Educativa I, estou a desenvolver um pequeno estudo, que tem como objetivo perceber o impacto que a manipulação de materiais não estruturados pode trazer ao seu grupo.

Deste modo, gostaria que me respondesse a algumas questões sobre este projeto:

1. Nos tempos livres, que tipo de brinquedos disponibiliza aos seus filhos?
2. O/A seu/sua educando/a falou-lhe sobre o facto de andar a brincar com materiais diferentes? (caixas, ...) Se sim, qual foi o *feedback*?

Apêndice 3 – Transcrições das entrevistas

Transcrição da Entrevista – C1 e C7

Duração: 9min26

E: Vou começar por fazer algumas perguntas sobre o Jardim de Infância. Vocês gostam do Jardim de Infância?

C7 e C1: Sim!

E: E porquê?

C7: Porque eu gosto do Bunny, dos patos e do porquinho-da-índia.

C1: Eu gosto por causa dos animais, de alguns trabalhos e de brincar.

E: E o que mais gostam de fazer no Jardim de Infância?

C7: Eu gosto de dar abraços aos meus amigos.

C1: Eu gosto de brincar.

E: E o que menos gostam?

C7: Eu gosto de tudo!

C1: Eu também.

E: E qual é o espaço que mais gostam no Jardim de Infância?

C7: Eu gosto de todos, mas o meu preferido é a rua.

C1: O meu também é a rua.

E: E porquê?

C1: Porque tem muitas coisas para brincar, tem o escorrega e essas coisas e dentro não tem.

C7: Pois tem brinquedos e quando fica muito calor, quando é muito sol vamos para a sala e bebemos um bocadinho de água.

E: E o espaço que menos gostam?

C7: Eu gosto de todos.

C1: Eu também.

E: Quais são as vossas brincadeiras preferidas?

C7: A minha brincadeira preferida é brincar com a C1 à apanhada.

C1: Brincar às escondidas com a C4.

E: E o que mais gostam de brincar sozinhas?

C1: Eu gosto de brincar no escorrega.

C7: Eu gosto de ficar em silêncio a fazer assim (posição de meditação).

E: Se pudessem escolher um sítio para estar a maior parte do tempo, qual escolhiam?

C1: Eu escolhia a sala da EC.

C7: Eu gosto de estar na sala da EC.

E: Se pudessem mudar alguma coisa no Jardim de Infância, o que mudavam?

C1: Eu gostava de ter um trampolim.

C7: Eu também.

E: Agora, vamos falar um pouco sobre as construções. Quais são as áreas na vossa sala que vocês gostam mais de brincar?

C7: Eu gosto do *tablet*.

C1: O espaço das construções.

E: Gostaram de brincar nas construções?

C7 e C1: Sim!

E: E porquê?

C7: Porque nós fizemos uma casa e fizemos unhas com molas.

C1: Fizemos uma tenda contigo e eu e a C9, brincamos lá, e eu gostei disso.

E: E o que mais gostaram de brincar nas construções?

C1: Eu foi de brincar com os tecidos.

C7: Eu foi de cantar e dançar.

E: E na vossa casa, vocês brincam com estes materiais?

C1: Eu não.

C7: Eu não brincava, mas ontem com a C9 fizemos uma casa com cartão. Ela vive no mesmo prédio que eu.

E: No próximo ano, acham que os meninos que ficam no Jardim de Infância, vão gostar de continuar a ter este espaço?

C7: Sim.

E: E porquê?

C7: O C3, o C6 e a C9 iam gostar.

E: Mas porque é que vocês acham que eles iam gostar?

C7: É porque eles gostam e vão.

E: Numa palavra, digam-me o que acharam deste espaço. Só uma palavra.

C7: Divertido.

C1: Brincar.

E: Não tenho mais perguntas para vos fazer, há alguma coisa mais que gostavam de dizer sobre as construções?

C7: Eu gosto de brincar com a C9 e com a C1 às casinhas nas construções e também à piscina.

E: Muito obrigada meninas.

Transcrição da Entrevista – C3 e C6

Duração: 8min03

E: Vou começar por fazer algumas perguntas sobre o Jardim de Infância. Gostam do Jardim de Infância?

C6: Onde eu estou?

E: Sim. Gostam do Jardim de Infância?

C3 e C6: Sim!!!

E: E porquê?

C3: Porque lá tenho muitos animais. E sabes qual é o meu animal preferido?

E: Qual?

C3: O coelho.

C6: Porque é divertido.

E: O que mais gostam de fazer no Jardim de Infância?

C3: Brincar com os animais.

C6: Brincar com os meninos.

E: E o que menos gostam no Jardim de Infância?

C3: Eu não gosto de ir embora.

C6: Eu gosto de tudo.

E: Qual é o espaço que mais gostam?

C6: O parque.

C3: O refeitório.

E: E o que menos gostam?

C3: O corredor.

E: E porquê?

C3: Porque lá é muito calor.

E: E quais são as vossas brincadeiras preferidas?

C3: A minha brincadeira preferida é brincar ao macaquinho do chinês.

C6: Ir para as construções.

E: E o que mais gostam de brincar sozinhos?

C6: Aos policiais...

C3: Lá fora.

E: Se pudessem escolher um sítio para passarem a maior parte do dia, o que escolhiam?

C6: Na sala das construções.

C3: Na rua.

E: Se pudessem mudar alguma coisa no JI, o que mudavam?

C3: Ter cá os meus pais.

C6: A casa da árvore do avô.

E: Agora vamos só falar um pouco sobre este novo espaço, as construções, ok? Na nossa sala, qual é o espaço que gostam mais de brincar?

C3 e C6: Nas construções!

E: E porquê?

C6: Porque consegui fazer muitas construções.

C3: Porque brinquei e me diverti muito.

E: O que mais gostaram de brincar nas construções?

C6: Fazer o hotel dos sonhos.

C3: Eu gostei de fazer a minha máscara do Batman.

E: Na vossa casa, costumam brincar com estes materiais?

C6: Eu não.

C3: Eu também não.

E: E gostavam?

C3 e C6: Sim!

C3: Eu quero dizer mais uma coisa, o papelão não é só para reciclar, também podemos inventar com o papelão.

E: E no próximo ano, gostavam de continuar a ter este espaço?

C3: Eu sim.

E: E porquê?

C3: Porque lá também brinco à matemática e eu não sei.

E: Numa palavra digam-me o que acharam das construções.

C3: Fixes e Radicais.

C6: Fantástico.

E: Não tenho mais perguntas para vos fazer, há alguma coisa mais que gostavam de dizer sobre as construções?

C3: Sim, a sala das construções é muito bonita!

E: E porquê?

C3: Porque tem muitas coisas para a gente brincar lá.

E: Muito obrigada.

Transcrição da Entrevista – C4 e C5

Duração: 11min28

E: Vou começar por fazer algumas perguntas sobre o Jardim de Infância. Gostam do Jardim de Infância?

C4: Sim!

C5: Sim!

E: E porque é que gostam do Jardim de Infância?

C4: Porque tenho muito amigos, gosto muito deles e eles estão sempre comigo quando eu estou triste.

C5: Porque os animais estão aqui e eu gosto deles.

E: O que mais gostam de fazer no Jardim de Infância?

C4: Trabalhar e brincar com os meus amigos.

C5: Não sei, gosto de tudo.

E: O que menos gostam de fazer no Jardim de Infância?

C4: Nada!

E: Qual é o espaço que mais gostam no Jardim de Infância?

C4: A sala.

C5: Na rua.

E: Porque é que é esse o espaço que mais gostam?

C4: Porque é onde tem áreas para a gente brincar, a gente pode desenhar, podemos estar tranquilos quando estão caladinhos.

C5: Porque brinco com os meus amigos.

E: Qual é o espaço que menos gostam no JI?

C4: A rua, que a gente cansa as pernas a correr.

C5: O refeitório, porque quando tenho muita fome tenho de esperar.

E: Quais são as vossas brincadeiras preferidas?

C4: Brincar com a C5 aos gatinhos.

C5: Brincar com a C4.

E: O que mais gostas de brincar sozinha?

C4: No escorrega.

C5: Trabalhar sozinha.

E: Se pudessem escolher um sítio onde passar mais tempo no Jardim de Infância, o que escolhiam?

C4: O campo de futebol.

C5: Ao pé da quinta pedagógica.

E: Se pudessem mudar alguma coisa no Jardim de Infância, o que mudavam?

C4: Um pula pula (um trampolim).

C5: Balões.

E: Agora, vamos falar um pouco sobre este novo espaço.

Qual é a área da sala em que gostam mais de brincar?

C4: Robótica.

C5: No *tablet*.

E: Gostaram de brincar nesta nova área das construções?

C4: Sim.

C5: Sim.

E: E porquê?

C4: Nós podemos usar mais a nossa criatividade.

C5: Porque tem muitos brinquedos e nós podemos brincar.

E: E o que mais gostaram de brincar lá?

C4: Fazer, deixa-me pensar... Fazer as casa que a gente constrói.

C5: Fazer a tenda e estar dentro da tenda.

E: Na vossa casa, vocês também brincam com estes materiais?

C4: Eu não, a minha mãe não compra. Só tenho uma tesoura.

C5: Eu não!

E: No próximo ano gostavam de continuar a ter este espaço?

C4: Sim.

C5: Sim!

E: E porquê?

C4: Porque eles podiam brincar com os materiais e podem usar mais tempo as canetas.

E: Numa palavra, digam-me o que acharam deste espaço. Só uma palavra.

C4: Divertido.

C5: Criatividade.

E: Não tenho mais perguntas para vos fazer, há alguma coisa mais que gostavam de dizer sobre este espaço?

C4: Ah que eu gostei muito de estar a usar a criatividade nas construções este ano e que quando viermos de férias que os meninos se divirtam muito como a gente se divertiu.

E: Muito bem, obrigada pela vossa colaboração.

Transcrição da Entrevista – C8 e C9

Duração: 11min39

E: Vou começar por fazer algumas perguntas sobre o Jardim de Infância. Vocês gostam do Jardim de Infância?

C8 e C9: Sim.

E: E porquê?

C9: Porque tem muitas coisas para brincar e coisas sérias.

E: E o que são coisas sérias?

C9: São coisas que a gente não pode fazer.

E: Como por exemplo?

C9: Mexer nas facas.

E: E tu C8, porque é que gostas da escola?

C8: Porque eu gosto de brincar com os outros e eu também gosto de qualquer coisa e também gosto da comida.

E: E o que mais gostam de fazer no JI?

C9: Brincar.

C8: Eu gosto de ficar com a C4, com a C5 e com a L. e R., quando vocês vão embora. É muito divertido. A C. dá surpresas.

E: E o que menos gostam de fazer no JI?

C8: Alguns trabalhos.

C9: Eu também.

E: E porquê?

C8: Às vezes tenho preguiça...

E: E qual é o espaço que mais gostam no Jardim de Infância?

C8: O parque, na rua.

C9: Eu também.

E: E porquê?

C9: Porque tem um escorrega.

C8: E tem um túnel, que eu não sei o nome.

E: E há algum espaço que menos gostam do JI?

C9: Eu gosto de tudo.

C8: A sala.

E: E porquê?

C8: Porque quando chego fazem muito barulho!

E: Quais são as vossas brincadeiras preferidas?

C8: A minha brincadeira preferida é brincar com a C9 às mães e filhas.

C9: Brincar com a C8.

E: E o que mais gostam de brincar sozinhas?

C8: No escorrega.

C9: Eu também.

E: Se pudessem escolher um sítio para passarem a maior parte tempo, qual escolhiam?

C9: A cabana que nós fizemos, nas construções.

E: Se pudessem mudar alguma coisa no JI, o que mudavam?

C9: Eu mudava o escorrega, queria que fosse fechado.

C8: Queria tirar aquela coisa da escalada. Eu queria um baloiço para trocar.

E: Agora, vamos falar um pouco sobre as construções. Primeiro sobre a sala, quais são as áreas da sala que mais gostam de brincar?

C9: As construções.

C8: O *tablet*.

E: Gostaram de brincar nesta nova área?

C9: Sim.

C8: Para mim, mais ou menos.

E: E porquê?

C8: Porque quero brincar e mais e depois vêm nos dizer que temos que ir para a casa de banho.

C9: Porque eu gostei muito de fazer construções.

E: E o que mais gostaram de brincar nas construções?

C8: Eu gostei mais de brincar com o meu computador.

C9: Eu foi ter feito a cabana.

E: Na vossa casa, vocês também brincam com cartão e com estes materiais?

C8: Não.

C9: Não.

E: No próximo ano, gostavam de continuar a ter este espaço?

C9 e C8: Sim.

E: Numa palavra, conseguem-me dizer o que foi as construções para vocês?

C9: Brilhante.

C8: Espetacular.

E: Não tenho mais perguntas para vos fazer, há alguma coisa mais que gostavam de dizer sobre este espaço?

C8: Sim, que o que eu mais gostei foi e brincar às costureiras com a C9.

E: Obrigada pela vossa colaboração.

Transcrição da Entrevista da EC

Duração: 5min39

E: Considera pertinente a utilização de materiais não estruturados em contexto Jardim de Infância?

EC: Sim, considero.

E: E porquê?

EC: Porque dá largas à imaginação deles e portanto eles tornam-se mais criativos, mais independentes e muito por aí, pela curiosidade e pelo despertar da sua imaginação e da sua criatividade.

E: Como considera que o grupo reagiu a este novo espaço?

EC: Acho que reagiu muito bem, com muito interesse e muita vontade de fazer coisas e de todos quererem participar.

E: E conseguiu observar alterações na dinâmica do grupo?

EC: Consegui, consegui.

E: Quais?

EC: Mais da criança, por exemplo este interesse da C3, um grande interesse, da C6, muito. Da C4 não fiquei muito admirada, porque pronto. Agora da C6, a grande vontade de participar por exemplo do Z que nós não o víamos com vontade em participar em nada e com muita vontade, assim muito por aí.

E: Considera que as crianças beneficiaram com a sua participação nesta experiência?

EC: Muito.

E: Que tipo de benefícios?

EC: Vontade de participar em coisas diferentes e acima de tudo querer fazer, querer estar, o estarem sempre a perguntar quando é que vamos, onde é que está a Inês, pronto, o quererem participar, o terem vontade.

E: Na sua opinião, de que outra forma podia ser feita a exploração e a otimização destes materiais?

EC: Neste momento não estou a ver outra forma, acho que esta forma é a ideal, é estarem diversos materiais disponíveis para eles poderem usar segundo a sua vontade, a sua imaginação, segundo a sua criatividade, o seu interesse.

E: No próximo ano, quando estiver a seleccionar os materiais que irá disponibilizar ao grupo, os materiais não estruturados estarão incluídos?

EC: Sim, definitivamente!

E: Quais os pontos positivos e os desafios em relação a este projeto? / Fazendo um balanço, considera que foi positivo? Se sim, porquê?

EC: Os pontos positivos são de facto a grande motivação das crianças para a participação, principalmente algumas crianças mais difíceis que se mostraram interessadas e que foi um desafio muito positivo para elas.

Os desafios para mim, o primeiro é arranjar estes materiais, não é? Isto não é propriamente muito fácil de arranjar, tu tiveste aqui uma grande rede de contactos e acho que é por aí uma grande dificuldade. Outra dificuldade é que tens de ter dentro da sala um espaço amplo, isto não é propriamente para salas pequenas, para mim, este é o maior desafio.

E: De momento, recorda-se de algo mais que considere que seja pertinente em relação aos aspetos abordados?

EC: Penso que não.

E: Muito obrigada pela sua disponibilidade.

Transcrição da Entrevista – AO1

Duração: 4min 10s

E: Considera pertinente a utilização de materiais não estruturados em contexto Jardim de Infância? E porquê?

AO1: Sim porque eles adoraram, a alegria deles era muito visível. Estavam como queriam! A Inês deixava-os brincar livremente.

E: Como considera que o grupo reagiu a este novo espaço?

AO1: Reagiu muito bem, senti que houve muita adesão do grupo.

E: Conseguiu observar alterações na dinâmica do grupo? Se sim, quais?

AO1: Sim, conseguiram trabalhar muito a criatividade.

E: Na sua opinião, de que outra forma podia ser feita a exploração e a otimização destes materiais?

AO1: Não sei.

E: Fazendo um balanço, acha que foi positivo?

AO1: Foi muito positivo.

E: De momento, recorda-se de algo mais que considere que seja pertinente em relação aos aspetos abordados?

AO1: Foi um projeto que gostei muito, as crianças não estavam nada à espera e adoraram.

E: Obrigada pela sua disponibilidade.

Transcrição da Entrevista – AO2

Duração: 4min 18s

E: Considera pertinente a utilização de materiais não estruturados em contexto Jardim de Infância? E porquê?

AO2: Sim, porque conseguem ganhar autonomia para fazer as coisas e estimulam a sua criatividade.

E: Como considera que o grupo reagiu a este novo espaço?

AO2: Eles adoram isto! Eles reagiram muito bem. Foi uma novidade e eles gostaram muito desta nova situação. Eu acho que isto é muito bom.

E: Conseguiu observar alterações na dinâmica do grupo? Se sim, quais?

AO2: Não sei.

E: Na sua opinião, de que outra forma podia ser feita a exploração e a otimização destes materiais?

AO2: Eu não estou a ver.

E: Fazendo um balanço, acha que foi positivo?

AO2: Completamente.

E: De momento, recorda-se de algo mais que considere que seja pertinente em relação aos aspetos abordados?

AO2: Acho que foi muito positivo, foi uma ideia excelente porque para além deles gostarem muito, foi uma experiência nova, que mesmo eu não conhecia, portanto, acho que foi um projeto muito bem conseguido.

E: Obrigada pela sua disponibilidade.

Transcrição da Entrevista – AO3

Duração: 4min 11s

E: Considera pertinente a utilização de materiais não estruturados em contexto Jardim de Infância? E porquê?

AO3: Sim, considero mesmo imprescindível, porque as crianças precisam de construir e desconstruir.

E: Como considera que o grupo reagiu a este novo espaço?

AO3: Penso que reagiram muito bem, aliás por vezes até choravam que queriam ir para as construções. Assim que a Inês chegava perguntavam sempre se podiam ir contigo.

E: Conseguiu observar alterações na dinâmica do grupo? Se sim, quais?

AO3: Sim, ficavam mais felizes.

E: Na sua opinião, de que outra forma podia ser feita a exploração e a otimização destes materiais?

AO3: Não sei, acho que a exploração que foi feita foi bem feita.

E: Fazendo um balanço, acha que foi positivo?

AO3: Foi muito positivo mesmo, foi excelente!

E: De momento, recorda-se de algo mais que considere que seja pertinente em relação aos aspetos abordados?

AO3: Só tenho de acrescentar que acho que este trabalho foi muito importante para os meninos e que te desejo a maior sorte do mundo.

E: Obrigada pela sua disponibilidade

Apêndice 4 – Grelhas de Observação**Tabela 23***Grelhas de observação dos níveis de implicação e bem-estar*

	1.º DIA 02/06 (quarta-feira)		2.º DIA 04/06 (sexta-feira)		3.º DIA 09/06 (quarta-feira)		4.º DIA 11/06 (sexta-feira)		5.º DIA 16/06 (quarta-feira)		6.º DIA 17/06 (quinta-feira)		7.º DIA 18/06 (sexta-feira)		8.º DIA 23/06 (quarta-feira)		9.º DIA 24/06 (quinta-feira)	
	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I
C1	2	2	-	-	4	4	-	-	3	3	-	-	-	-	4	4	4	4
C2	2	3	3	3	3	3	3	3	-	-	Faltou		-	-	3	3	-	-
C3	4	4	4	4	-	-	5	5	5	5	5	5	-	-	4	4	4	4
C4	4	4	4	4	4	4	5	5	5	5	5	5	4	4	4	4	5	5
C5	4	4	Faltou		Faltou		Faltou		4	4	4	4	-	-	3	3	-	-
C6	4	4	4	4	-	-	Faltou		5	5	4	5	5	5	4	4	4	4

	10.º DIA 25/06 (sexta-feira)		11.º DIA 28/06 (segunda-feira)		12.º DIA 29/06 (terça-feira)		13.º DIA 30/06 (quarta-feira)		14.º DIA 01/07 (quinta-feira)		15.º DIA 02/07 (sexta-feira)		16.º DIA 05/07 (segunda-feira)		17.º DIA 06/07 (terça-feira)		18.º DIA 07/07 (quarta-feira)		19.º DIA 09/07 (sexta-feira)	
	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I	BE	I
C1	Faltou		4	4	4	4	4	4	4	4	-	-	4	4	-	-	-	-	4	4
C2	Faltou		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Faltou		Faltou	
C3	4	4	-	-	5	4	-	-	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
C4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	-	-	4	4
C5	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	-	-	4	4	4	4
C6	4	4	-	-	5	5	-	-	-	-	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4

Legenda:

C1 – Criança 1
 C2 – Criança 2
 C3 – Criança 3
 C4 – Criança 4
 C5 – Criança 5
 C6 – Criança 6

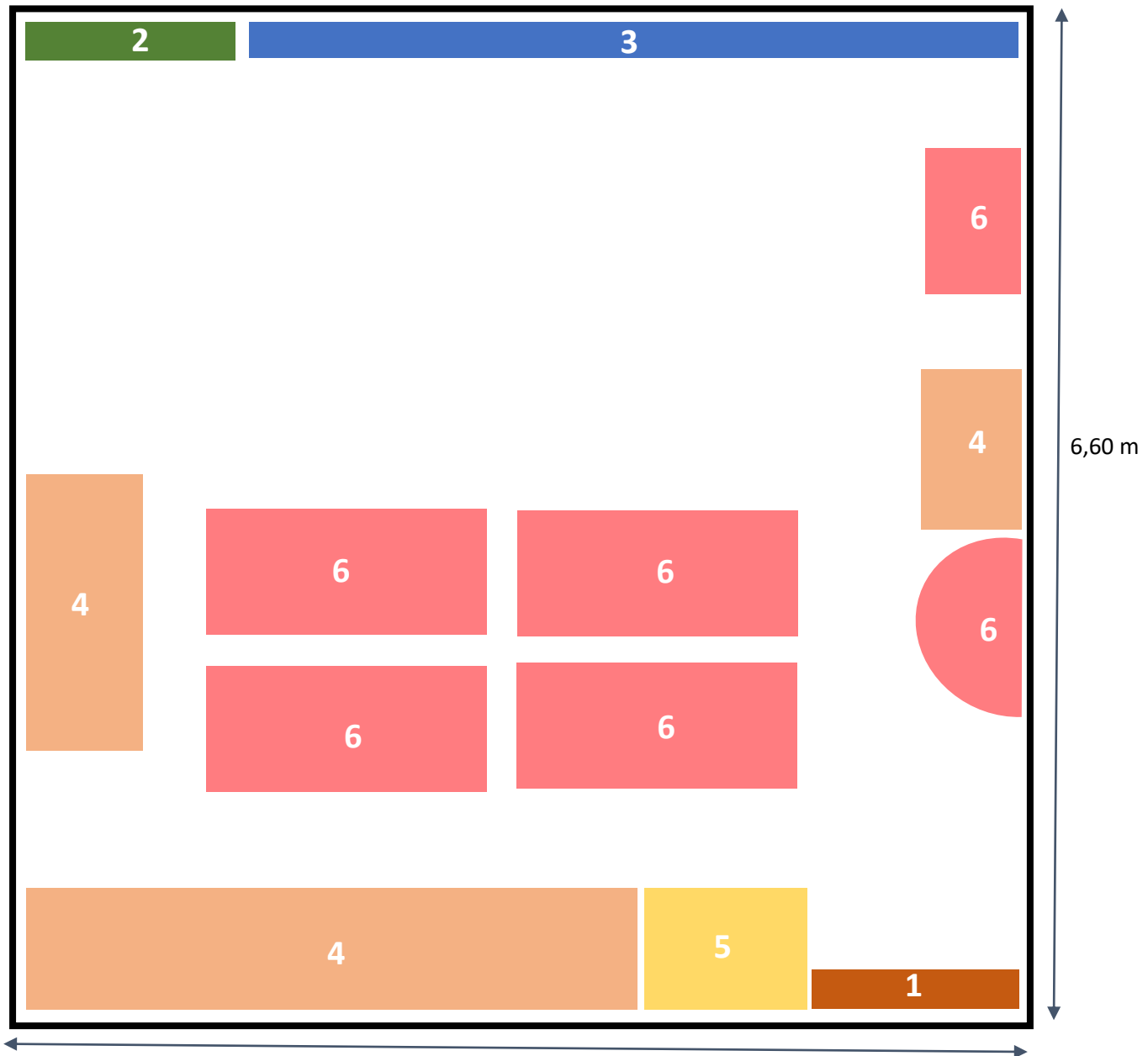
BE – Bem-Estar

I – Implicação

- Não participou

Figura 49

Planta da sala



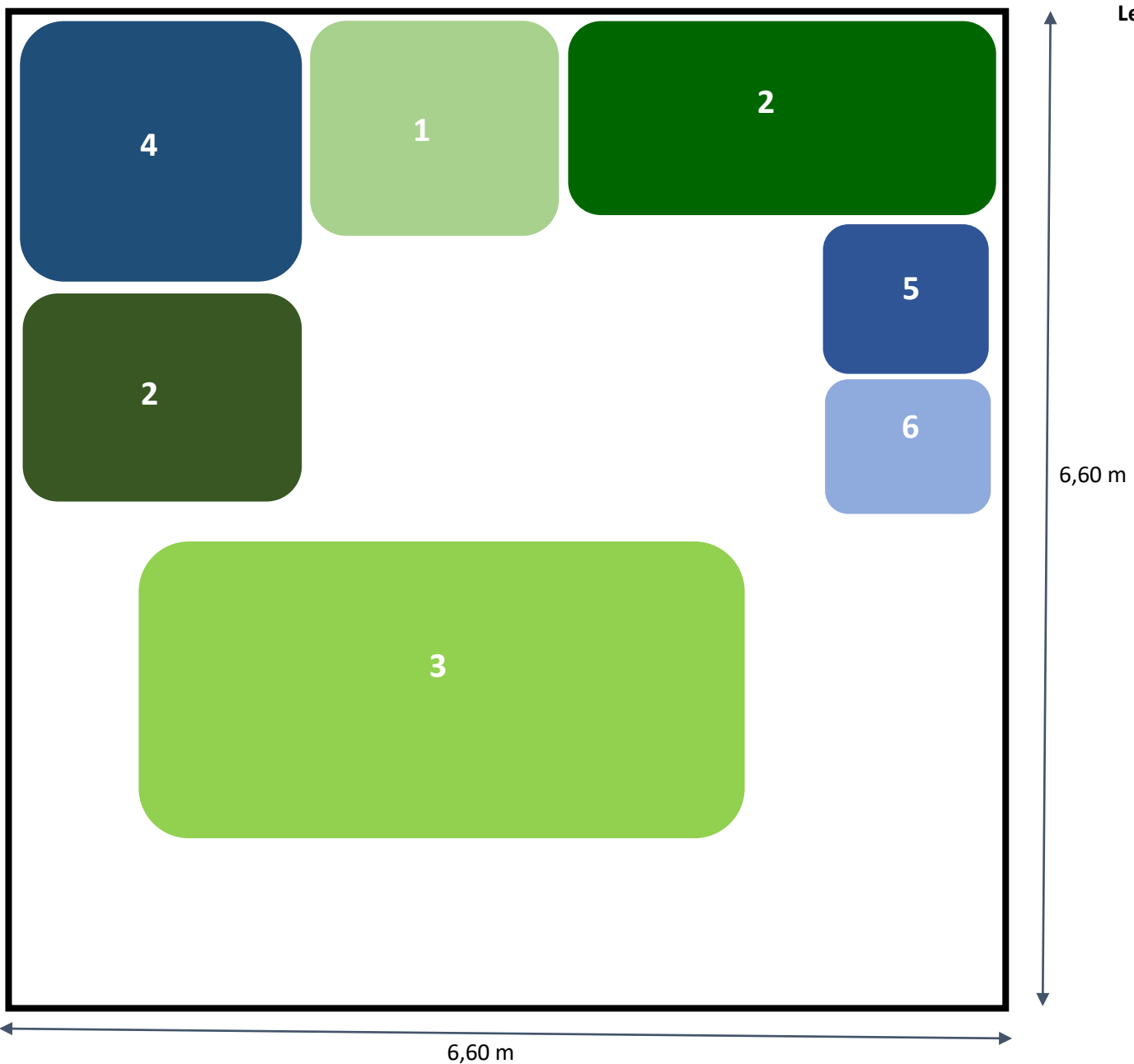
Legenda:

- 1 - Porta da sala;
- 2 - Porta de acesso ao exterior;
- 3 - Janelas;
- 4 - Armários para arrumar materiais;
- 5 - Lavatório;
- 6 - Mesas;

Apêndice 6 – Planta da sala com referência às diferentes áreas

Figura 50

Planta da sala com referência às áreas



Legenda:

- 1 - Área da Leitura;
- 2 - Área dos jogos de chão;
- 3 - Área de jogo de mesa/Pintura;
- 4 - Área do Jogo simbólico;
- 5 - Área do computador;
- 6 - Cantinho da calma.

Apêndice 7 – Registo Individual

TENHO DE FAZER UM TRABALHO MUITO
IMPORTANTE, PARA ENTREGAR NA MINHA ESCOLA,
MAS PRECISAVA DA VOSSA AJUDA!

SERÁ QUE ME PODES AJUDAR?

SIM 

NÃO 

NOME: _____

Apêndice 8 - Pedido de autorização para a recolha de imagens

Exmo.(a) Encarregado de Educação

Eu, Inês Maria Baptista Damas, aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Coimbra, venho por este meio solicitar a sua autorização para fotografar e/ou filmar o(a) seu(a) educando(a) enquanto brinca.

Garante-se a total manutenção da privacidade e confidencialidade dos dados relativos à criança e sua família, não sendo utilizados quaisquer dados que possam conduzir à sua identificação, nomeadamente, nomes.

É de referir que os dados recolhidos se destinam a fins académicos, sendo para uso exclusivo no âmbito do meu Relatório Final de Mestrado.

Com as mais cordiais saudações.

Coimbra, 2021

A estudante



Eu, _____, encarregado de Educação do(a) _____, li e compreendi este documento.

Autorizo a recolha de fotos/vídeos

Não autorizo a recolha de fotos/vídeos

Assinatura do Encarregado de Educação

____ / ____ / ____

Apêndice 9 – Análise e reflexão em torno do grupo**Tabela 24***Análise do grupo*

Análise do grupo	
O que me agrada:	
	Era um grupo alegre e calmo, heterogéneo em idades e género, que estabelecia relações positivas entre si e com os adultos.
O que me preocupa:	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A falta de assiduidade; ▪ O grupo evidenciava insegurança e não parecia sentir-se à vontade no ambiente educativo; ▪ Algumas crianças revelavam pouco interesse pelas/os áreas/materiais existentes; ▪ A grande maioria das crianças permaneciam pouco tempo em cada área, apresentando um nível de implicação baixo; ▪ Algumas crianças manifestavam comportamentos agressivos na resolução de conflitos.

Apêndice 10 – Análise e reflexão em torno do contexto**Tabela 25***Análise do contexto*

Análise do contexto	
Oferta educativa	
O que me agrada:	O que me preocupa:
<ul style="list-style-type: none"> ▪ A área interior da sala é muito espaçosa e tem bastante iluminação natural, o que permite a entrada de luz e um grande contacto visual com o exterior. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Nem todo o mobiliário está adequado à altura das crianças; ▪ Na escolha dos materiais, nem sempre são considerados as necessidades e interesses das crianças; ▪ O espaço exterior e interior necessita de mais investimento ao nível de materiais não estruturados.
Espaço para iniciativa/autonomia	
O que me agrada:	O que me preocupa:
<ul style="list-style-type: none"> ▪ No momento de brincadeira livre as crianças podem escolher a área que pretende explorar. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As planificações são construídas apenas pela EC, sem a participação da restante equipa educativa e das crianças; ▪ A maioria das atividades é de cariz obrigatório e para o grande grupo; ▪ O facto de alguns materiais não estarem acessíveis às crianças, impossibilitava o desenvolvimento da sua autonomia;
Organização	
O que me agrada:	O que me preocupa:
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Existir uma boa coordenação entre dos adultos para que seja assegurada a supervisão e segurança das crianças durante todos os momentos, dentro e fora da sala; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma vez que a técnica operacional presente em sala não era fixa, não verifiquei uma comunicação regular e continuada ao nível da equipa, os objetivos e princípios educacionais não eram conversados e partilhados por todos os profissionais;

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os momentos de almoço deixaram-me pouco satisfeita, pois considero que poderiam fazer uma melhor gestão dos recursos humanos existentes.
Clima do grupo	
O que me agrada:	O que me preocupa:
<ul style="list-style-type: none"> ▪ As crianças assíduas (76%) sentem-se bem recebidas e pertencentes ao grupo; ▪ Na relação com os adultos, as crianças transmitem um sentimento de confiança, afetividade, segurança e respeito. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A falta de assiduidade de algumas crianças (24%) diminuía o sentimento de pertença ao grupo;
Estilo do adulto	
O que me agrada:	O que me preocupa:
<ul style="list-style-type: none"> ▪ A EC presta atenção aos sentimentos e emoções das crianças; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A EC nem sempre encara as crianças como seres competentes, o diálogo é dominado pela educadora; ▪ Os discursos e atividades focam-se em festividades e não em acontecimentos ou interesses atuais das crianças.

Apêndice 11– Definição de objetivos e iniciativas dirigidas ao contexto**Tabela 26***Definição de objetivos e iniciativas dirigidas ao contexto*

	1. Objetivos de mudança	2. Iniciativas ou ações a desenvolver	3. Avaliação da implementação das iniciativas
Oferta Educativa	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Renovar o espaço com materiais não estruturados. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Introduzir materiais não estruturados: rolos de cartão, CD's, cordas, lãs, cápsulas de café, caixas de cartão, molas, tampas de plástico, rolhas de cortiça, tecidos, entre outros. 	<p>→ Proporcionei um contexto educativo “rico”, apelativo e diversificado;</p> <p>→ Organizei um espaço que foi não só ao encontro de necessidades e interesses das crianças, bem como as estimulasse especialmente na sua criatividade.</p>
Espaço para iniciativa/ Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Disponibilizar materiais adequados à faixa etária e altura das crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Incentivar as crianças a fazerem a escolha dos materiais, a sua utilização e a sua arrumação. 	<p>→ Permite que as crianças decidissem o que fazer, com quem fazer e com que frequência.</p> <p>→ Não pude permitir que as crianças decidissem durante quanto tempo iriam brincar, por estar condicionada à organização e rotinas internas do contexto educativo.</p>

Organização	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Assegurar a flexibilização no plano, nas regras e nas rotinas; ▪ Discutir e estabelecer acordos com as crianças, ouvindo-as. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Disponibilizar os materiais tendo em conta os interesses revelados pelo grupo e adaptar a sua utilização. 	<p>→ Permiti que as crianças explorassem determinado material, tendo em conta as suas preferências e que o explorassem e manipulassem até que conseguiram concretizar os/as seus/suas projetos/ideias.</p>
Clima do grupo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Assegurar um clima de grupo positivo onde as crianças se sintam valorizadas, responsabilizadas, seguras e acarinhadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ajudar as crianças a resolverem conflitos entre si; ▪ Observar os relacionamentos, escutar as ideias e opiniões das crianças e ter em conta as suas preferências. 	<p>Procurei:</p> <p>→ Que as crianças se sentissem confiantes no contexto individual e de grupo;</p> <p>→ Contribuir para que estas crianças desenvolvessem competências sociais mais positivas;</p>
Estilo do adulto	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Exercitar a minha autoavaliação de forma regular e continuada, sem medo de encontrar fragilidades; ▪ Valorizar os comportamentos positivos das crianças, como estímulo para aumentar a sua autoconfiança e autoestima. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Registrar e refletir com regularidade aspetos que tenho de melhorar enquanto investigadora; ▪ Dar apoio e atenção positiva, sempre que isso faça sentido; ▪ Pensar antes de agir; ▪ Observar e escutar as crianças no brincar para as conhecer e perceber melhor. 	<p>Considero que:</p> <p>→ Alterei algumas atitudes que fazia de forma incorreta;</p> <p>→ Prestei atenção aos sentimentos e emoções de cada criança;</p> <p>→ Compreendi as crianças de uma forma empática;</p> <p>→ Encarei as crianças como seres competentes.</p>

